

espacio de angustia

Trabalho Final de Graduação

Mariane Alves Martins

Orientação Eugenio Queiroga

FAUUSP

JUL 2017

Sumário

Parte 1 - Ensaio

Sobre a validade das indagações.....	7
Sobre o Maltrato a cidade.....	8
Sobre a atual vivência no espaço público.....	9
Sobre a cultura do medo.....	11
Sobre o Lugar.....	13

Parte 2 - Estudo de Caso

Largo da Batata.....	15
Histórico.....	15
O concurso de Reconversão.....	20
Presença do Largo.....	27
Os usos atuais.....	28
Opinião dos usuários.....	42
Compreensão Geral.....	46
Primeira Proposta.....	50
Segunda Proposta.....	57

Parte 3 - Conclusão

Conclusão.....	68
Bibliografia.....	70
Lista de Imagens.....	71

Parte 4 - Anexos

Anexos.....	73
Anexo A - Primeiro Formulário.....	74
Anexo B - Entrevistas.....	78
Anexo C - Segundo Formulário.....	84
Anexo D - Proposta final	

Agradecimentos

ao meus pais, Carlos e Maria, por serem um eterno porto seguro e me incentivarem, sempre, a ser minha melhor versão. Obrigada por serem leves enquanto lidava com minhas próprias pressões e por terem dedicado sua vida a minha.

ao meu orientador, Eugenio, pelo acompanhamento e apoio durante o desenvolvimento desse trabalho, pelo enriquecimento intelectual e desafios e, sobretudo, pela calma e segurança que me proporcionou em meio à minha angústia.

ao Guilherme, meu companheiro de todos esses anos, por todas as conversas, ombros, felicidades e amor infinito que você me proporcionou.

a todos os meus amados amigos que trilharam comigo o peso de fazer FAU e com quem pude aprender coisas tão diferentes: Ana Costa, Ana Paula, Bruna, Caio, Denaise, Iga, Lau, Mahfe, Marininha, Piratinha e Tadeu.

aos amigos que a arquitetura e a vida me trouxeram e que foram refúgio de descanso e vida durante a faculdade: Aninha, Bel, Camila, Caroli, Kelly, Kikinha e Marcos.

a professora Ana Barone, por seu apoio e ensinamentos durante a graduação e por ter aberto meus olhos às diferenças do mundo e me incentivar a ser além.

aos moradores e vendedores da Batata, por suas conversas e pela fé que possuíram em meio trabalho. Que sempre existam aqueles que olhem para o mundo e se preocupem com os outros.

e, por fim, dedico esse trabalho a eterna busca por equilíbrio.

Sobre a validade das indagações

Esse TFG pretende fomentar a discussão sobre a apropriação do espaço por parte dos usuários, propondo intervenções na paisagem a partir do seu olhar e compreensão. Essa intervenção, ao invés de ser objetivamente um projeto de arquitetura, pretende compreender o papel do arquiteto na construção da cidade e como sua formação pode estar alinhada com um programa de necessidades desenvolvido a partir do estudo e conhecimento humano e íntimo da área de intervenção. Da mesma forma, busca fomentar uma discussão sobre a necessidade da intervenção em si e revelar as camadas existentes em cada decisão de cidade.

Ao contrário da internet, onde tudo parece possível, a discussão em ambiente acadêmico é muito complicada e até inóspita para aqueles que não tem confiança inabalável ou fama suficiente. A dificuldade na discussão de ideias também se deve ao fato de que a graduação em arquitetura pode ser a introdução de um aprendizado completamente novo para os estudantes que não possuíam contato prévio com temas relacionados à construção ou ao estudo da cidade e dos espaços.

Afirmo essa condição baseada na minha formação que, embora tenha sido de grande valia, não foi fez parte de um currículo politizado e artístico, mas de um programa tradicional focado em conhecimentos básicos que possibilitassem a execução do vestibular.

Ao iniciar minha graduação, grande parte dos meus esforços se voltaram a construir vocabulário e bases de compreensão da linguagem arquitetônica. Preferi primeiro absorver essa nova linguagem de leitura do mundo e depois, com uma base mais abrangente, iniciar questionamentos pertinentes. Reconheço a mesma trajetória em amigos cuja origem seja semelhante à minha.

Muito embora a FAU tenha transmitido muito cedo que a criatividade é representada por vãos e aquarelas e, portanto, eu tenha criado um profundo desespero de que não sou uma pessoa criativa. O interesse por arte (com “a” minúsculo, vasto e sem forma) me mostrou novamente que criatividade é um grande emaranhado de ideais e relações. E sempre fui muito interessada em ideias improváveis, tentando exercer minha criatividade através do gosto pela arte.

Graças a essa criatividade subestimada, mas insistente, sempre tive grande desconfiança da vitalidade dos meus projetos. Ao povoar meus cortes com escalas humanas, duvidei muito quantas daquelas pessoas realmente

sentariam em meu mirante para admirar um pôr do sol. No início eu duvidava do desenho em si.

Mas somente um banco é convite suficiente? Por que tem praças com bancos excelentes que ninguém senta. A vivência na cidade de São Paulo era um eco constante dessa indagação, com alguns ambientes empilhados de gente em pé bebendo cerveja nas calçadas e outros cheios de bancos bem desenhados, sombras e nem um ser humano.

E como o sentimento de iminência nunca passou, decidi me debruçar nesse questionamento em um ambiente no qual não houvesse nenhuma rotulação resultante em minha pessoa: o intercâmbio. Embora a barreira da língua existisse e a questão “but why?” não fosse ideal, a minha curiosidade do porquê certos espaços dão certo e outros não começou a adquirir mais base. Foi quando decidi que a melhor maneira de entender esse porquê era olhando para espaços públicos, pois nele o acesso é (teoricamente) livre.

Mas ainda nesse momento não foi uma pergunta feita abertamente. Era mais um tema que me restringia a delirar com meus amigos mais próximos, enquanto observarmos diversas pessoas sentarem na grama e comerem seus sanduíches de maionese e suco de laranja ao sol morno. Durante essas conversas, que incluíram outros estudantes de arquitetura, mas também de engenharia civil, engenharia agrícola ou design, comecei a notar que os espaços tinham uma característica em comum, ainda inominável. Eram locais onde as pessoas se reuniam em seus grupos para se aproveitarem, mas todas estavam ali em um conjunto maior. Eu sentei naquela grama por que vi alguém sentado? Foi depois de eu deitar ao sol que alguém deitou também?

Foi então que, compreendidas algumas questões (não tão) básicas como desenho de mobiliário e visibilidade do pedestre que eu passei a novos fatores envolvidos em minhas perguntas. Por que existem lugares em São Paulo tão parecidos com os de Londres que ninguém utiliza? Quem são as pessoas que usam esses espaços? Por que se sentem convidadas a se apropriarem deles?

É possível determinar o porquê as pessoas usam os espaços? Cada vez mais acredito que não. E gostaria de deixar essa afirmação presente já na introdução desse trabalho, pois sua intenção não é trazer uma fórmula efetiva para espaços de sucesso.

A conjuntura política de nosso país atualmente, e ao que parece desde

Sobre o maltrato da Cidade decadente

sempre, me mostrou que utilizar os espaços em São Paulo seria quase como escrever um manifesto à cidade viva. Pois o impacto de uma cidade em que seus usuários não só precisem usá-la, como queiram, seria de um tempo à frente da nossa percepção.

Portanto, ao entender que a pergunta simples de “por que usamos os espaços?” não será respondida com traço e linha, tampouco com discurso de zonas é que resolvi fazer um ato final com tudo que aprendi durante os sete anos de graduação: questionar a maneira como enxergarmos os espaços e porque projetamos.

O objetivo desse trabalho é pontuar minha trajetória e abrir uma nova fase, na qual encerro um capítulo de estudante de arquitetura e inicio um de profissional arquiteta. A introdução dessa fase baseia-se na abertura ao diálogo e na crença de que a produção de arquitetura e espaço, em diversas escalas, está intrinsecamente ligada ao usuário e a sua visão do objeto a ser trabalhado.

Busco, com esse trabalho, criar uma experiência de conversa e raciocínio entre o atendimento às necessidades do usuário e a proposição que transcende a necessidade e se pauta em novos enredos, pertinentes ao momento, mas suscetíveis à conjuntura do objetivo e, portanto, à sorte.

Apesar de não ser falado em termos explícitos, a FAU me ensinou o que era a “boa” arquitetura e, consequentemente, a “má”. Para muitos dos meus colegas eu consegui reconhecer que não havia muito conflito nessa designação porque eles possuíam contato com obras ícones da arquitetura, como o Edifício Bretagne ou o Conjunto Nacional.

Eu, no entanto, cresci entre meio a arquitetura autoconstruída e vivenciei parte do processo de consolidação dos bairros periféricos e seus lotes de cinco metros e dois andares. Durante muito tempo eu utilizei dessa divisão formal e rasa para designar quais os ambientes de que eu gostava e quais referências eu atribuiria aos meus projetos.

Embora eu concorde que existam exemplos excelentes de desenhos e situação em arquitetura, a ideia de que um ambiente seja errado é incômoda. A origem desse incômodo é a quantidade inacreditável de pessoas que convivem toda a sua vida em espaços informais e estão conformadas com eles. Para as pessoas “analfabetas arquitetônicas”, existe um conjunto de fatores completamente diferentes que define o espaço agradável ou não.

Após conhecer os grandes vãos e a ordem de Paulo Mendes, é difícil despir uma lente arquitetônica dos olhos e voltar a entender as motivações espaciais com as quais a maior parte da população foi criada. É por isso que decidi começar por algo que não vivenciei muito no Brasil, embora tenha estudado, que é o “bom” planejamento urbano.

Como me dei conta antes de viajar ao exterior de que nossas ruas e praças, muitas vezes, se constituem como ambientes de passagem obrigatória é que pude reconhecer a dimensão do maltrato que uma cidade pode cometer com seus usuários.

Diferente da arquitetura espacial interna dos edifícios, a paisagem urbana é muitas vezes lugar obrigatório para nós. Tome por exemplo o caminho que você faz todos os dias para o seu trabalho ou estudo. Geralmente, a rota costuma ser semelhante, ainda que sejam utilizados diferentes tipos de transporte. O contato que os pedestres têm com essa rota é, sobretudo, de passagem. Evidente que quando tratamos de uma ação específica, como chegar de um ponto ao outro, o interesse maior é a passagem. Mas se formos analisar o quanto satisfeitos estamos com a qualidade dessa rota, várias críticas se relacionariam ao desenho urbano.

Como exemplo, o menor dos meus caminhos é entre a Faculdade de Arquitetura e a minha casa. Apesar de morar perto, prefiro pegar um ônibus

Sobre a atual vivência no espaço público

para economizar tempo. Para poder chegar até esse ponto de ônibus, preciso andar em uma avenida na qual não me sinto segura. Consequentemente, somente faço esse caminho durante a semana, na presença de luz e quando há movimento. Os motivos pelo quais não me sinto segura são: proximidade da calçada de pedestres com o trânsito, largura da calçada de pedestres, (falta de) manutenção da calçada de pedestres, pouca iluminação durante a noite e pouquíssimo movimento de pessoas nessa avenida.

Apesar de essa ser uma análise individual, seu exemplo é suficiente para observar como a paisagem, ou seu desenho, é capaz de criar uma sensação que limita a mobilidade. Dessa mesma maneira, ruas, avenidas, praças ou até pontos de ônibus se configuram em paisagens que influenciam nossa qualidade de vida. Se a maior parte da população que trabalha, o faz em regime de 40 horas semanais, grande parte do contato que as pessoas possuem com os lugares públicos se dá durante tais trajetos e é, portanto, a impressão principal que elas têm da cidade.

Não é à toa que nos feriados ou finais de semana ensolarados é possível ir ao parque do Ibirapuera e encontrá-lo lotado. Mas enquanto observarmos todas aquelas pessoas que foram ao museu, andar de bicicleta ou skate, também podemos ver várias simplesmente sentadas ao sol comendo algum lanchinho. Apesar de o Ibirapuera ser um parque urbano que concentra pessoas de toda a cidade, fica o questionamento se perto da casa desses usuários não existe uma praça. Não é comum observarmos usos semelhantes, como tomar um sorvete ou comer um pastel, em espaços públicos menores com alcance de bairro.

Para entender quais são os parâmetros que a população leva em consideração para se apropriar dos lugares públicos acredito que tão importante quanto saber quem são, é observá-las fazendo. Essa tarefa se torna um pouco difícil, pois em lugares como uma praça de bairro, se ninguém está lá, é preciso ir atrás dos moradores e perguntar-lhes os motivos. Mas em ambientes que misturam um espaço de lazer e uma rota obrigatória pude notar pessoas tentando se apropriar. Seja sentando em um murinho incômodo ou se escondendo atrás de uma sombra de poste.

Umas das principais referências de arquitetura para o desenho de praças é a Piazza del Campo em Siena. Para mim, esse exemplo se tornou um conto fantástico de um tempo em que havia música tocando, pessoas dançando e comercializando dias e noites nas praças. E, baseando -se em minhas aulas de história ou nos contos dos irmãos Grimm, realmente acredito que a praça tenha sido um centro rico, caótico e intensamente utilizado. Mas seu uso ao longo do tempo, sobretudo a assiduidade de seus usuários, é resultante de seu contexto histórico.

Na idade média, as praças eram o polo central da vida comercial, social e institucional (religiosa). O projeto da praça, que marca a transição para a renascença, virou um forte símbolo da cidade urbana onde informes, compras e até diversão eram frutos das trocas interpessoais. Portanto, faz sentido que as praças em tempos antigos fossem sempre lotadas de casais paquerando, matronas conversando ao esperar o início de sua missa ou o lugar onde se encontrava a feira. E esse tipo de função durou muito tempo. Desde a Grécia antiga, a Ágora era um local de reunião e até a modernidade, as praças continuaram sendo locais onde as pessoas se entretevam com outras pessoas¹.

No entanto, os costumes mudaram com o surgimento de novas tecnologias de informação e entretenimento. Se antes a maneira de vencer o tédio era assistir ao movimento das pessoas, atualmente dentro de nossas casas temos acesso aos programas de televisão, à internet e às redes sociais. A maneira como nos relacionamos hoje em dia é muito diferente, pois envolve grandes doses de contato virtual que substituiu fortemente o contato físico².

No Brasil, o telefone chegou por volta de 1881. A sua “popularização”, tratando-se da rede fixa, ocorreu somente após 1960, com a regulamentação do setor. Algumas décadas depois, veríamos a popularização, efetiva, muito rápida da rede móvel nos anos 2000, juntamente com a da internet. Portanto, se levarmos em consideração essas datas, em pouco mais de 140 anos muitos hábitos de relacionamento foram alterados no Brasil³.

Um dos primeiros textos que entrei em contato que correlacionou essa mudança com a compreensão arquitetônica dos lugares públicos foi *People Places*, publicado nos Estados Unidos. Em sua introdução, *Public Places and Design Guidelines*, as autoras Carolyn Francis e Clare Cooper Marcus partem da Piazza de Siena até os dias atuais para situar quais os parâmetros que devemos

observar ao projetar esses espaços. É interessante notar que, “os dias atuais” dizem respeito a 1990, em sua primeira edição, e a pesquisa que deu origem ao livro se iniciou em 1969 sob o título de “Social and Psychological Factors in Open Space Design”.

Ao observarmos essa janela entre o surgimento e uso das tecnologias e a bibliografia que trata do tema, pode-se compreender que a observação do comportamento humano para o projeto não é uma prática aprofundada. Não podemos esquecer que essa autora, assim como uma bibliografia semelhante, aconteceu em países como Estados Unidos, Dinamarca ou Reino Unido. Os quais podemos supor que a popularização das novas tecnologias tenha acontecido mais rápido do que aqui⁴.

Jahn Gehl afirma em seu livro, *Cidade para pessoas* que foi a partir da década de 70 que a arquitetura voltou seus olhos para a dimensão humana no planejamento urbano. Isso, depois de ignorá-la em virtude das grandes reconstruções feitas para o uso do automóvel. Sua afirmação é baseada na observação dos países europeus Dinamarca, Reino Unido e Holanda, onde ele notou que o ser humano rapidamente se adaptou ao novo desenho do carro com fluxos separados, novos ruídos e limitação da mobilidade de pedestres.

A maneira como essas observações e análises foram feitas é muito valiosa para a construção de uma metodologia de estudar o comportamento humano nos lugares públicos. No entanto, esses países diferem muito do Brasil, não somente no quesito PIB per capita, mas também em clima e cultura. Portanto, ao estudar essa bibliografia base não se pode esquecer que um assento ao sol no verão de Londres não é a mesma coisa que em São Paulo ou Belém.

Sabemos muito do nosso comportamento em lugares públicos, mas damos pouca atenção quando esse comportamento adquire a escala de grupos. Isso porque a apropriação do espaço em nosso país também está atrelada a fatores como gênero e renda. Ao conhecermos um lugar, podemos não reconhecer ao primeiro olhar todos os tipos de apropriação e os grupos relacionados ao mesmo.

Como usuária, acredito que essa percepção seja importante até reconhecermos e respeitarmos sua complexidade. Mas como projetistas, somos forçados a imergir nos ambientes de projeto. Isso significa, em um primeiro momento, entender qual o contexto do projeto, qual sua representatividade para o entorno, quais grupos o utilizam e quais suas necessidades.

Contudo, acredito que antes de fazer estudos relacionados a um determinado lugar, é necessário discutir quais os motivos que levam as pessoas a interagirem com os lugares públicos atualmente. O primeiro deles, que acredito ser o principal, é com o objetivo de mover-se de um ponto a outro, mobilidade. Outros motivos, clássicos, são a recreação e o lazer.

Por trás desses motivos temos o caso mais comum, que são crianças e seus familiares aproveitando os finais de semana e feriados. Mas o caso que a arquitetura mais busca e afirma projetar é o convívio adulto nos lugares públicos: almoços, reuniões para trabalhos escolares, puxar papo, relaxamento.

É claro que ainda relaxamos e caminhamos a esmo, mas nos dias atuais a maior parte da população trabalha cerca de 8 horas por dia e gasta não menos que 2 horas para se locomover. Nos finais de semana, esses mesmos trabalhadores usam a cidade para resolver questões práticas e pouco tempo sobra para atividades de relaxamento, lazer ou esporte. Existe uma diversidade muito grande de atividades atreladas ao relaxamento, deixando a utilização do espaço público como uma das opções existentes em um conjunto amplo. Portanto, levando em consideração que o tempo restante da rotina diária seja curto, cerca de 44 horas por semana, as pessoas tendem a ser mais objetivas com suas ações, buscando aproveitá-las ao máximo.

O que observo é que as pessoas saem mais para eventos, seja pelo propósito em si ou pela sensação de segurança em estar em um ambiente organizado. Cada vez mais é comum um ambiente público/privado, como os festivais de comida, bazares, feiras de artesanato e etc.

É verdade que esses ambientes pressupõem consumo, mas muitas pessoas comparecem pelo agrado de estar em um ambiente cheio de estímulos sensoriais e gastam muito pouco. A investigação desse tipo de apropriação é um indicador muito forte para o desenho urbano. A diversidade de utilização dos espaços tende a ser cada vez mais um requisito dos seus usuários, na medida que suas atividades externas são diferentes e intermitentes.⁵

Notas:

¹ ASHIHARA, Yoshinobu – *Exterior Design in Architecture* (1970).

² MARCUS, Clare Cooper, FRANCIS, Carolyn - *People Places: Design Guidelines for Urban Open Space* (1997). Capítulo 1 - Urban Plazas.

Sobre a cultura do medo

³ Dados compartilhados pelo Museu das Telecomunicações – www.museutelecomunicacoes.org.br

⁴ Pesquisas semelhantes iniciaram-se na Dinamarca/Reino Unido com GEHL, JahN - *Life Between Buildings* (1971).

⁵ SENNET, Richard. *O Declínio do Homem público; as tiranias da intimidade* (1988). Capítulo: O espaço público morto.

Para investigar o olhar dos usuários procurei me basear em fatores que considerava importantes em projetos que reconheci intensa apropriação. O primeiro deles, a segurança, é um fator que se destaca pois o relaciono à apropriação de gênero nos espaços. Acredito que a utilização diversificada do espaço público seja contribuinte para o fascínio que tais localidades exerçam na história da cidade.

Esse capítulo, mais do que os outros, é uma especulação sobre a atual relação entre a sociedade e os lugares públicos. Busco delimitar os fatores com o quais procurei investigar o olhar dos usuários ao utilizar determinados espaços. Dentre o conjunto de fatores, julgo que a segurança seja um dos principais, pois influência a relação sensorial do espaço com o usuário.

Como dito anteriormente, acredito que a sociedade tenha diminuído seu convívio com os lugares abertos. Um dos principais motivos que escuto e, inclusive, cito é que a maioria de tais lugares não é segura. Mas o que delimita a sensação de segurança?

Desde pequenos, homens e mulheres, aprendem a evitar lugares mal iluminados, sujos ou maltratados. Isso é, em uma sociedade em que sempre existiu violência, uma noção de sobrevivência. Os medos relacionados a essas afirmações vão desde assaltos à integridade física e o medo de abordagens inconvenientes. Somando-se a outros fatores de gênero, muitos lugares públicos no Brasil podem passar a sensação de não pertencerem a ninguém e não possuírem um sistema de segurança⁶.

Tratando desse tema, vejo duas questões a serem observadas: A primeira é a segurança geral que um lugar pode transmitir; e a segunda é a segurança que transmite para mulheres. Entre esses dois, foi preferida a segurança voltada à mulher, pois garante maior diversidade aos espaços.

Ao discutir segurança, várias questões surgem e as dividi nas seguintes categorias a seguir. Questões de desenho, tais quais “iluminação”, “visibilidade entre a rua e o espaço discutido” ou “ambientes enclausurados”. Questões sociais, tais “grupos de pessoas”, “localização em meio à cidade” e “limpeza”. Questões climáticas, como “horário do dia” ou “estados climáticos”.

Segundo esse raciocínio, uma localidade pode ou não ser segura ao atender um conjunto de condições. Essa classificação pode ser considerada mutável para uma mesma localidade. A somar-se, os fatores podem mudar de acordo com a cultura e com gênero do usuário. Acredito que toda essa

construção seja muito complexa para ser discutida apropriadamente nesse TFG, portanto, procurei abordá-la de maneira simplificada, com o objetivo de reduzir os fatores a propostas de desenho e composição espacial.

Questões relacionadas ao desenho possuem um senso comum e bibliografia claros e delimitados, como apresentado na bibliografia desse trabalho e resumidos em Jahn Gehl, Sun Alex e Yoshinobu Ashihara. Aquelas relacionadas ao clima podem ser contornadas através do desenho e diálogo pertinentes. Como exemplo, a utilização de praças à noite. Através de uma iluminação adequada e a oportunidade de convívio intenso, garantindo olhares seguros, a insegurança pode ser dissipada e substituída pelo interesse de entretenimento⁷.

As questões sociais são mais complexas, de maneira a refletir cultura e gênero. É nesse ponto que a queda da utilização dos espaços públicos ou a convivência nos mesmos círculos sociais intensifica o estranhamento da diversidade social. Para ser mais clara, quando não vemos pessoas diferentes de nós com regularidade, passamos a estranhá-las, pois nossa experiência acumulada é muito reduzida.

Conforme apresentado em *People Places*, as autoras sugerem que somente a observação de pessoas diferentes fazendo coisas comuns alimenta o respeito à diversidade e facilita o convívio de diferentes grupos. Ao reduzir o convívio contemplativo em ruas, praças e parques, reduzimos contato com a diversidade.

Anteriormente já foi defendido que precisamos observar como as pessoas se apropriam dos lugares públicos, mas nesse caso a não apropriação chama atenção para reconhecermos quais os aspectos que conferem a sensação de segurança e quais aspectos estão fora dos limites da nossa proposição.

Mesmo a população que quase não frequenta lugares públicos para recreação, tem contato na sua trajetória diária para o trabalho e a escola. É nesse pequeno momento que o planejamento urbano não pode maltratar seu usuário, pois é o início da convivência diversa e agradável.

Em seu livro *Morte e vida de grandes cidades*, Janet Jacobs escreve uma série de observações e suas correlações na cidade de Nova York. O livro foi publicado em 1961, mas é considerado atual principalmente no que diz respeito à sensação de segurança. Chamo a atenção que quem escreve tanto este livro como *People Places*, anteriormente citado, são mulheres. Mais uma vez, não

podemos ser ingênuos e nos esquecer que uma cidade segura para mulheres, é segura para todos, pois significa um nível maior de cooperação e observação das vizinhanças.

Embora em um primeiro momento, possa parecer uma questão mais cultural do que arquitetônica, o acesso das mulheres à nossa cidade é muito mais uma limitação de desenho. A questão surge da preocupação, sobretudo, com a integridade física. Mas os exemplos da insegurança ou inadequação são questões de projeto. Saindo do campo das especulações e trazendo o tema para a observação da vida urbana, temos o exemplo da cidade de Viena.

Como parte de uma iniciativa maior de igualdade de acesso à cidade em Viena, chamada Gender Mainstreaming⁸, em 1999 a cidade conduziu uma enquete com seus residentes para determinar a frequência de uso no transporte público. Os homens terminavam o questionário em cinco minutos, enquanto as mulheres tinham uma quantidade enorme de sugestões. Como resultado da divisão de tarefas entre gêneros, as mulheres circulavam muito mais pela cidade usando não só ônibus ou carro, como metrô, táxis e as ruas para cobrir as rotas necessárias das tarefas do dia-a-dia.

Em decorrência dessa pesquisa, foram criadas uma série de estratégias para tornar a cidade mais acessível e segura para as mulheres, tais como iluminação noturna, rampas de acesso, criação de locais mais aconchegantes em parques e praças que permitam o controle dos usuários, alargamento e manutenção de calçadas. Com certeza, se eu não tivesse explicado como surgiram tais estratégias, você poderia notar que elas são benéficas para qualquer usuário da cidade.

No Brasil, ainda observamos que a divisão de tarefas entre gênero deixa a mulher com maior carga e, portanto, exigência de alta mobilidade. Dessa forma, afirmo nesse ensaio que outro fator muito importante no projeto urbano é o reconhecimento da segurança e usabilidade feminina.

Notas:

⁶ URRUTIA, Verônica. *Gênero, Identidade e Espaço Público*. COUBR Brasil, *Mulheres no espaço urbano: como fazer cidades melhores para*

Sobre o Lugar

elas? – 4 de julho de 2016. Disponível em ARCHDAILY BRASIL: <http://www.archdaily.com.br/br/790741/mulheres-no-espaco- urbano-como-fazer-cidades-melhores-para-elas>

⁷ Como apresentado por Jane Jacobs “[...]pela rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamento espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicados. (JACOBS, 2000, p. 32) ”.

⁸ Um resumo explicando o movimento pode ser encontrado em <https://www.wien.gv.at/stadtentwicklung/studien/pdf/b008358.pdf>.

De acordo com minha vivência na cidade de São Paulo, que dura agora cerca de oito anos, seria possível sugerir diversos lugares para observar a apropriação dos usuários em busca de ajudar-lhes a ter poder sobre sua vivência de cidade. Com olhar atento, é possível encontrá-los a cada momento, em várias dimensões. São paisagens de desapego ou precariedade que remetem à primeira vista a necessidade de projeto.

No entanto, para escolher meu ambiente de estudo de caso, preferi me basear em um ambiente que tivesse contato e no qual eu também fosse uma usuária. Preferi reviver opiniões fortes e sedimentadas que tenho na memória de forma a criar uma provocação pessoal que afrontasse alguma opinião que absorvi no universo da arquitetura.

Meu TFG é, sobretudo, uma provocação a arquiteta que está oficialmente colocando-se no mundo. É uma tentativa de criar um manifesto pessoal nos primeiros anos de contato e experimentação e lembrar que, além de conceitos, a arquitetura é sempre voltada às pessoas.

Com esse discurso procuro um raciocínio que consiga agregar e sintetizar a diversidade que provém dessas pessoas, sem individualizá-los na escala da psicologia ou generalizá-los na escala de um número. É a provocação para iniciar uma busca de equilíbrio ao definirmos os partidos para a construção da cidade.

Nesse âmbito, escolhi o Largo da Batata para estudo de caso, pois para mim sempre esteve associado a um ambiente “que não deu certo”. Um lugar que para o senso comum das pessoas que me cercam faltou melhor destinação. Um ambiente árido, o qual nunca visitei para contemplá-lo, mas que era utilizado como complemento de atividades.

Mas, também, um lugar onde a resistência da cidade aconteceu de maneira marcante simbolizada por manifestações ou móveis de *pallet*. À primeira vista, enxerguei no Largo a necessidade e uso coexistindo e sinalizando o desejo de mudança. Acreditei que seria um ambiente ideal para estudo de caso, pois seria o ambiente em que as pessoas estariam ansiosas para compartilhar suas angústias ou defender suas alegrias.



Vista para a Igreja Nossa Senhora do Monte Serrat

Largo da Batata

Como estudo de caso apresentado nesse trabalho, foi escolhido o Largo da Batata. A configuração atual do Largo existe desde 2014⁹, quando as obras da *Reconversão Urbana do Largo da Batata* foram finalizadas. Atualmente diz respeito a uma vasta praça dividida pela Av. Brigadeiro Faria Lima com 34,040 m².

É um intenso polo de transporte público, conectando a rede de metrô com diversos ônibus municipais e intermunicipais. Devido a sua proximidade com a Av. Teodoro Sampaio, com alta concentração comercial, pode também ser considerado um ponto de dispersão para a utilização de comércio e serviços.

Contudo, a compreensão de “Largo da Batata” mudou consideravelmente durante os últimos cem anos. As camadas históricas presentes no atual Largo denotam diferentes compreensões geográficas do mesmo e estão relacionadas ao desenvolvimento da centralidade e identidade do bairro de Pinheiros.

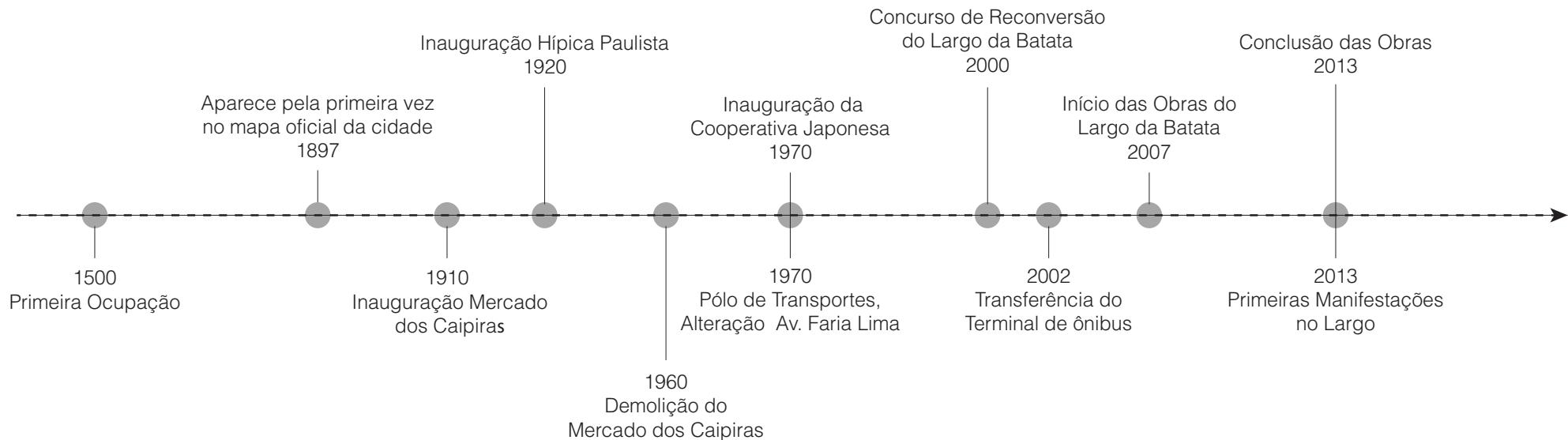
Histórico

A origem do Largo da Batata está relacionada às origens do bairro de Pinheiros. A primeira ocupação da região data do século XVI, quando indígenas abandonaram Piratininga e se situaram na aldeia de Nossa Senhora dos Pinheiros. Seu nome é em virtude da atuação dos jesuítas, bem como a criação de uma capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição dos Pinheiros. Com a criação da capela, é determinado o Largo de Pinheiros ao seu redor. A aldeia era estratégica para caminhos em direção ao sul (MASCARENHAS, 29).

Até 1791, segundo Antonio Barreto de Amaral (1985), ocorreu um processo de despovoamento da aldeia e várias tentativas da Câmara Municipal de deter esse processo. Em 1791, a partir da nomeação de um índio para sargento-mór da então Aldeia dos Pinheiros, o processo de despovoamento foi revertido.

Fernão Dias, “o velho” era dono de uma fazenda de cultura na região. A ocupação foi pouco densa até o século 19, quando em 1897 o bairro figurou pela primeira vez em um mapa oficial da cidade (AMARAL, pág. 79). Anos mais tarde, seu neto Fernão Dias Pais, o “Caçador de Esmeraldas”, estabeleceu seu sítio do Capão, cuja sede local se transformaria na Hípica Paulista em 1920.

Em 1910 foi inaugurado o “Mercado dos Caipiras”, como era popularmente



conhecido o mercado público, pois produtores que ali compareciam para vender suas mercadorias eram sitiados. Havia uma diversidade de vendedores vindos de Cotia, Uma, Piedade, MBoy (M'Boi Mirim), Itapecerica e Carapicuíba, por exemplo.

Na década seguinte foi inaugurada a Hípica Paulista, localizada no quarteirão delimitado pela Av. Teodoro Sampaio, Rua Mourato Coelho, Rua dos Pinheiros e rua Pedroso de Moraes. A Hípica e o Mercado se localizavam próximos à Igreja. O espaço em frente, onde se realizavam as festas religiosas e feiras populares era conhecido como Largo de Pinheiros.

A associação da Hípica e do Mercado gerou um rápido e forte desenvolvimento comercial na região. Ocasionando a própria hípica a ser transferida para um local mais distante e amplo. Sua antiga área foi então adquirida por Radium Dabus e loteada. Esse fator foi crucial para o adensamento da Rua Teodoro Sampaio que até essa época possuía somente alguns casarios.

Como único mercado público dos arredores, o “Mercado dos Caipiras” recebeu os produtos dos cultivadores da região oeste. Dentre os produtos vendidos estavam as batatas, originárias de uma pequena colônia nipônica residente de Morro Verde que se dedicava a esse tipo de cultivo.

No entanto, visto que a comunidade nipônica tinha pouco conhecimento da língua portuguesa, sua produção era vendida com lucro baixíssimo, o que gerou o interesse de criar uma cooperativa própria. Em 1927 fundou-se a Sociedade de Cooperativa de Responsabilidade Limitada dos Produtores de Batata em Cotia S.A.

Juntamente com a criação da cooperativa, foram comprados dez mil metros quadrados de terreno no local em frente ao Mercado de Pinheiros. Esse local, que abrangia a cooperativa e o mercado foi popularmente conhecido como “Largo da Batata”, em função da venda de batatas e da estocagem visível das sacas. E assim “nasce” a localidade Largo da Batata.

A partir da década de 30 o bairro de pinheiros vivenciou grande crescimento populacional. Segundo AMARAL, 1985 o crescimento do bairro entre 1940 e 1950 foi de 68,7 % com uma população inicial de 16.000 habitantes para 27.000 habitantes dez anos depois. Em seu livro, Amaral já sinaliza que o bairro se tornou um centro atrativo para a região por oferecer trabalho e comércio desde 1930 (pág. 83). A composição da população residente era diversa, com notável presença de japoneses e descendentes.



Largo de Pinheiros 1908



Mercado de Pinheiros 1920

Na década de 60, o bairro adquire uma característica de polo de transportes urbanos, tornando-o essencial dentro da cidade de São Paulo. Na época, o Bairro de Pinheiros era servido por 70 linhas de auto-ônibus, sendo 40 de passagem pelo bairro, 22 de periferia, 9 interbairros e as demais ligavam o bairro ao centro (pág. 88). É na década de 70 que existe a criação do Terminal de Pinheiros, em frente à Cooperativa Japonesa e “dentro” do Largo da Batata.

Também na década de 70, o alargamento da Av. brigadeiro Faria Lima desemboca no antigo Mercado dos Caipiras, causando sua demolição e transferência das atividades para o CEASA. Essa mudança causou uma ressignificação do local em direção a um entroncamento de transportes para a população. Grande parte do comércio popular manteve-se na região na forma de barracas ambulantes, dado que não houve diminuição do fluxo de pessoas na região.

Nos anos 2000 foi lançado o Concurso Público para Reconversão do Largo da Batata. O concurso se enquadrava dentro da operação urbana consorciada Faria Lima de acordo com a lei 11.732/95. Entre outras coisas, os objetivos da operação eram:

Implantar melhoramentos viários, obras, equipamentos e áreas públicas no perímetro da Operação Urbana;

Realização de todas as obras e serviços necessários para melhoramentos viários, dentre os quais, o prolongamento da Av. Faria Lima;

Realização de todas as obras e serviços necessários à implantação de novos equipamentos, dentre eles, o novo Terminal de ônibus, com o remanejamento do existente (para Pinheiros) e Execução e intervenção de requalificação urbana do Largo da Batata.

A transferência do terminal rodoviário para a marginal pinheiros ressignificou o Largo, bem como o bairro de Pinheiros. No entanto, foi com a obra de alargamento da Av. Faria Lima e a remodelação das praças que constituem o largo (2007) que ocorreu a diminuição da concentração de pessoas e a dissipação dos ambulantes da região.

A presença do terminal alimentava a existência do comércio informal e a concentração de pessoas de renda inferior à do restante do bairro (MASCARENHAS, 2014 pág. 44). A reconversão utiliza esse discurso de forma pejorativa para justificar a remodelação da região e a mudança do terminal.

Uma das principais mudanças ocasionadas pela reconversão foi a



Largo de Pinheiros 1920



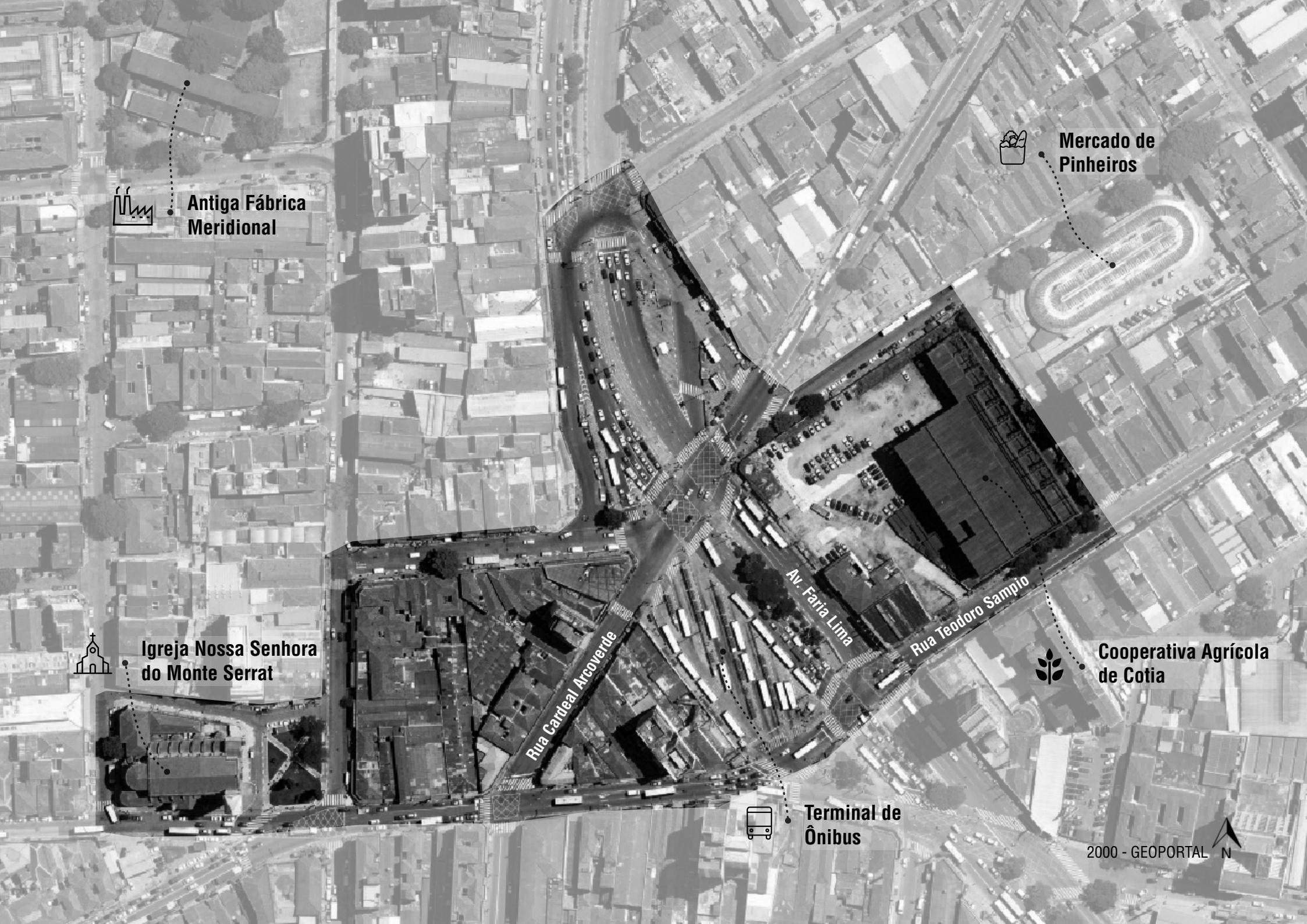
Largo de Pinheiros 1930

união do Largo de Pinheiros com o Largo da Batata. Como citado anteriormente, o Largo de Pinheiros historicamente foi associado ao uso religioso e, com o tempo, à Igreja. Apesar de próximos, cada espaço possuía sua identidade e individualidade. Ambas características foram afetadas na união dos espaços. O Largo de Pinheiros ainda se sustenta em vista da existência da Igreja, o Largo da Batata foi desvalorizado e novos elementos foram adicionados a sua identidade.

Notas:

9 PREFEITURA DE SÃO PAULO – *SPObras entrega obras da Operação Urbana Faria Lima no Largo da Batata*. Disponível em http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/obras/sp_obras/operacoes_urbanas/faria_lima/index.php?p=166831 (janeiro de 2014).





O concurso de Reconversão

A Reconversão Urbana fez parte das propostas da Operação Urbana Consorciada Faria Lima (1995) através da Lei 11732. Em 2002 foi promovido pelo governo municipal um concurso público nacional com o auxílio do Instituto dos Arquitetos de São Paulo (IAB/SP) para definir o novo projeto da região.

No escopo do projeto, o concurso exigia: “criar extensas áreas públicas compatíveis com o conceito da centralidade de Pinheiros, através de praças, equipamentos públicos e culturais, tendo em vista a retirada dos ônibus da área; promover o interesse da iniciativa privada em empreender no setor e realizar o mínimo de desapropriações e pouco impacto do público que ali frequentava” (MASCARENHAS, pág. 64). Além disso, dentro da OUC Faria Lima já estava prevista a mudança do terminal rodoviário para a marginal pinheiros.

O projeto vencedor foi o do arquiteto Tito Lívio Frascino. No entanto, o arranjo espacial que podemos observar atualmente no Largo não condiz com esse projeto ou nenhum dos outros quatro classificados. De acordo com a Ata de Julgamento emitida pelo corpo de jurados (2002) sabemos que 42 projetos foram submetidos e o conjunto de propostas foi considerado de “alta qualidade e nível, com recomendação para uma publicação com os trabalhos mais interessantes”¹⁰.

De maneira a auxiliar na análise e compreensão do arranjo espacial atual do Largo, as quatro propostas premiadas serão brevemente analisadas a seguir. Para melhor compreensão, as propostas foram redesenhadas com o objetivo de manter a mesma linguagem visual e facilitar a comparação.

Todos os desenhos foram baseados na reportagem disponibilizada no site Vitruvius (2002), conforme a nota 10. As citações reproduzidas são parte do conceito apresentado por cada equipe e foram retiradas da mesma fonte.

Notas:

¹⁰ VITRUVIUS, Ata do Julgamento do Concurso de Reconversão do Largo da Batata (2002). Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/02.017/2143?page=5>



Largo da Batata | histórico das fases da intervenção



No primeiro semestre de 2002, a antiga EMURB, (atual SP Urbanismo), em conjunto com o Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB, realizou um Concurso Público Nacional para a Reconversão Urbana do Largo da Batata.

Menção Honrosa

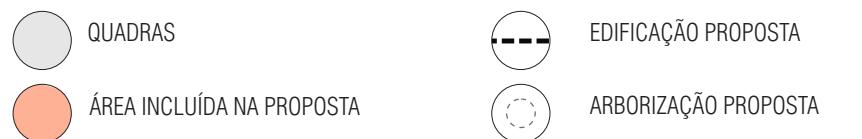
Equipe Vigliecca: Ana Carolina Penna, Luciene Quel, Lílian Hun, Ronald Werner Fiedler e Hector Ernesto Vigliecca Gani

De acordo com os jurados, o projeto se destaca por seu componente de "lanternas urbanas". A proposta conversa com as exigências da OUC Faria Lima e abrange habitações de interesse social e destaca em seu memorial "valores de memória e identidade". Um ponto positivo é a criação de uma "rótula e contra-rótula" que objetiva criar uma alternativa para o fluxo de veículos, divergindo o fluxo do coração da área.

"Trabalhar na cidade é, para nós, o manejo de compromissos pragmáticos e simbólicos [...] O impacto visual é reduzido a pequenos gestos caligráficos que, possivelmente, não durem muito tempo para a função a que estão sendo determinados, e onde apenas o valor arqueológico das infra-estruturas sobreviverá." (Conceito conforme Hector Vigliecca)



PARTE 2 ESTUDO DE CASO

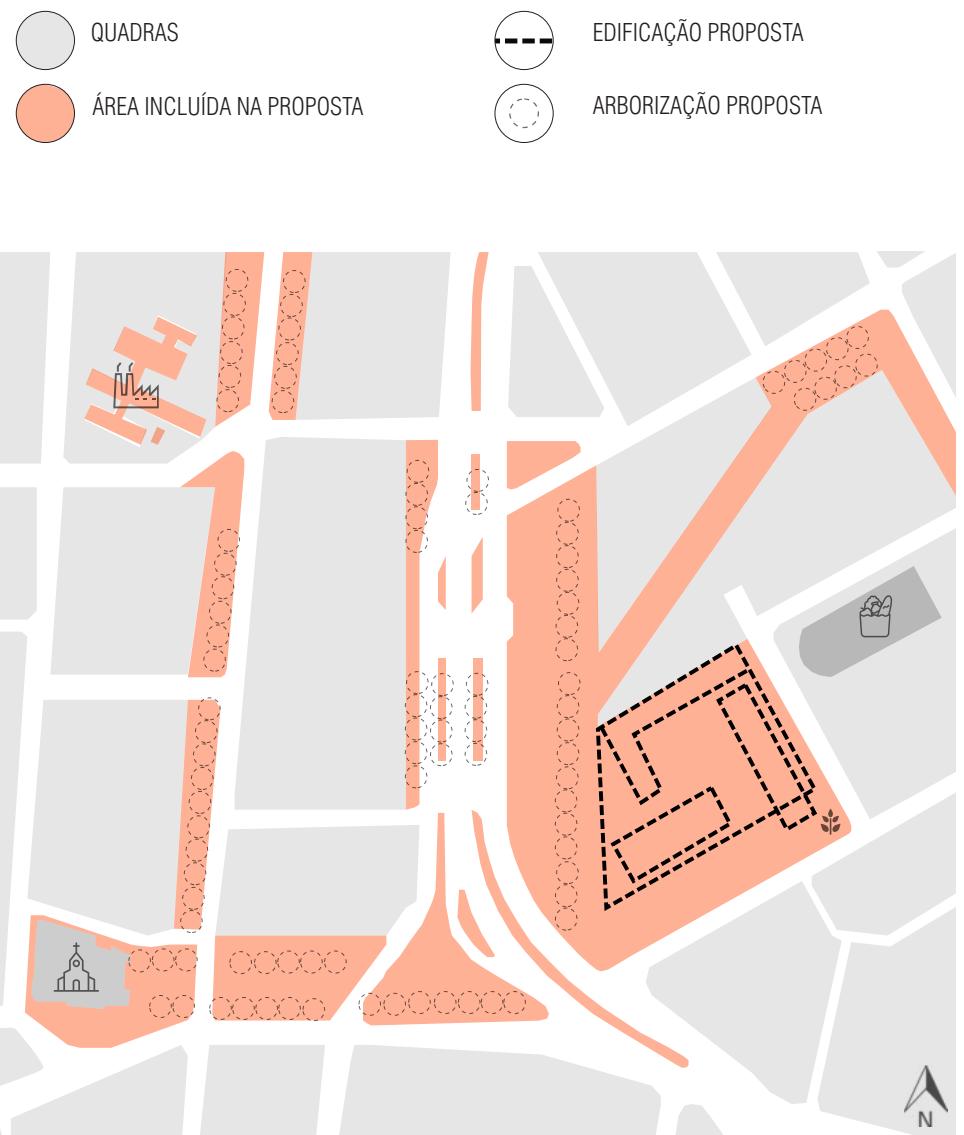
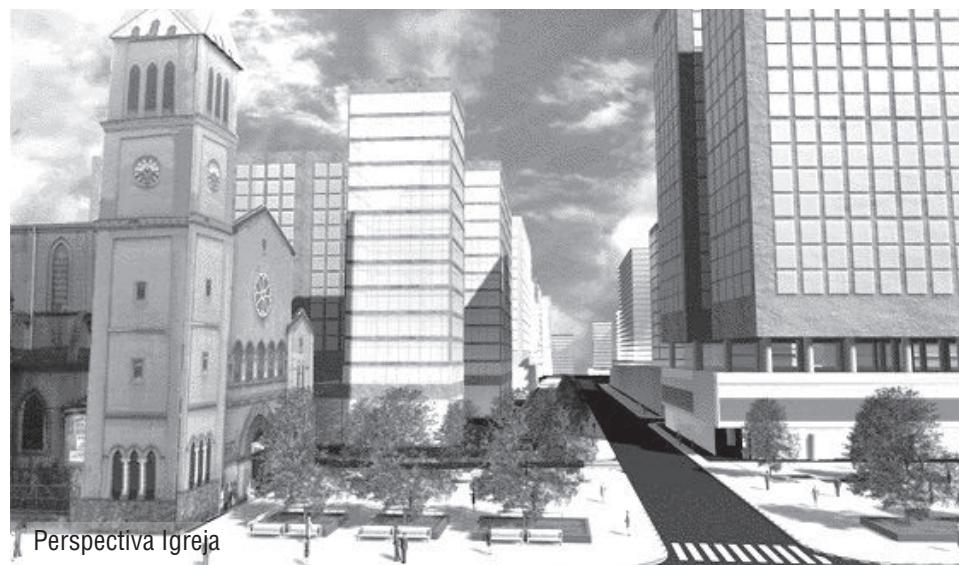


Terceiro Lugar

Equipe Espallargas: Luis Espallargas Gimenez, Érico Costa, Jaime Cunha Jr, Hortênsia Espallargas Zuniga, Liliane Silva e Bruno Faggian

Nesse projeto, existe a ligação do Largo de Pinheiros com a região do Largo da Batata através da desapropriação da quadra entre os dois pontos. Foi destacada pela comissão julgadora a solução “muito bem elaborada de estacionamentos, formando boulevares que pode ser aproveitada no futuro, bem como orçamento consistente apesar do volume problemático de desapropriações”. Entre os dados negativos, foram citados “o grande número de áreas remanescentes e as edificações seccionadas pelas desapropriações”.

“O processo de deterioração do espaço é visível e deverá tornar-se ainda mais agudo, se a crescente verticalização proposta por empreendedores e aceita pela legislação, não for acompanhada de renovado e ampliado espaço público.” (Conforme Conceito de Luis Espallargas Gimenez)

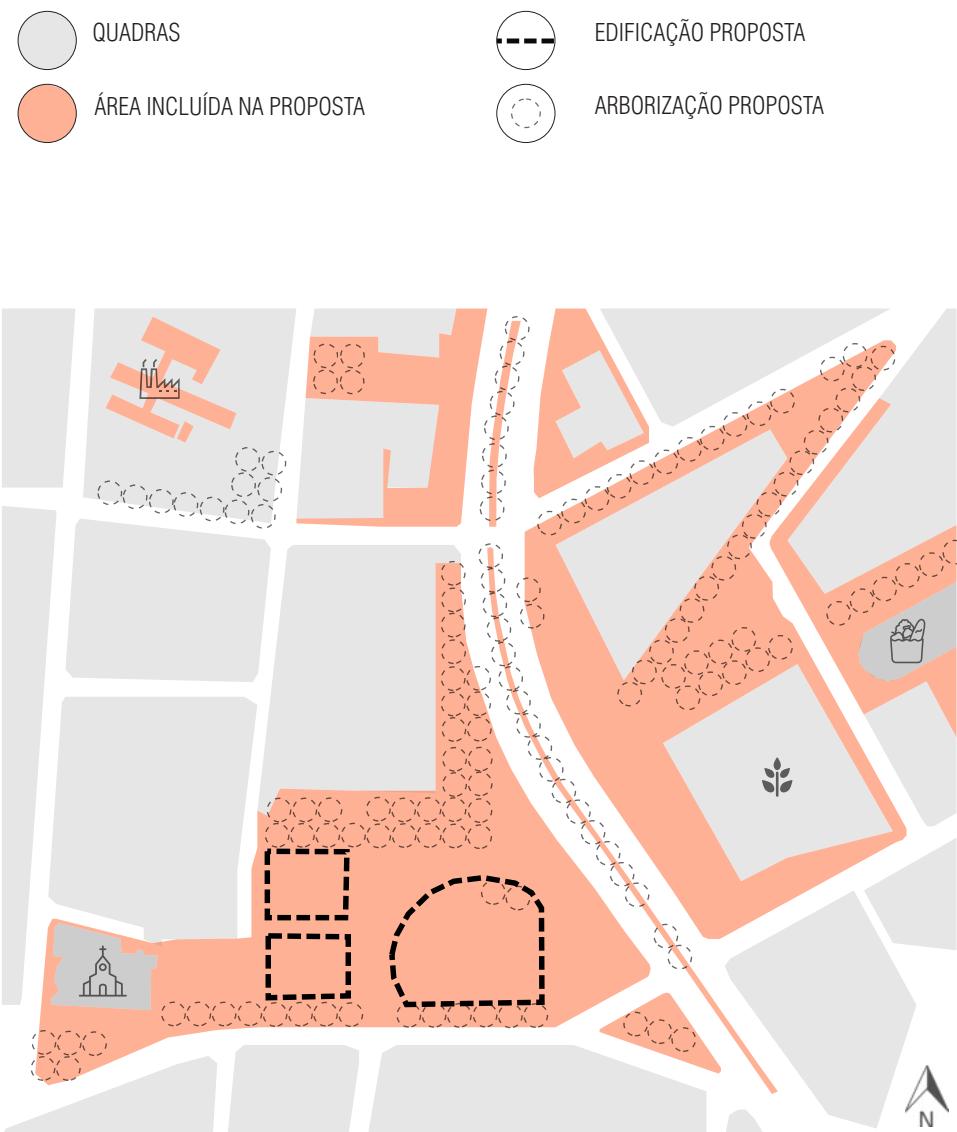


Segundo Lugar

Equipe Maria do Carmo: Luis Espallargas Gimenez, Luis Mauro Freire, Maria do Carmo Vilarino, Henrique Fina e Fábio Mariz Gonçalves

O projeto de Maria do Carmo utiliza mais área de desapropriação do que os anteriores. Também interliga o Largo de Pinheiros com o Largo da Batata. Destacou-se para a comissão julgadora “o tratamento adequado dos espaços públicos através do desenho urbano; criação de um forte elemento transversal” com a criação de uma nova polaridade, uma praça rebaixada, e a proposta de um edifício de uso misto. Entre os pontos negativos foram citados o grande número de desapropriações e a falta de cotas para compreensão da solução em nível.

“Esta intervenção [união entre o Largo de Pinheiros e o Largo da Batata] liberará uma nova e ampla praça que passará a ser o espaço articulador de praticamente todos os percursos das principais ruas do Bairro.”
(Conforme conceito de Arquitetura Paulista)



Primeiro lugar

Equipe Tito: Tito Livo Frascino, Rosa Ribeiro, Letícia Lodi, Alexandre Stefani, Andrea Soares e Rosa Maria Leal

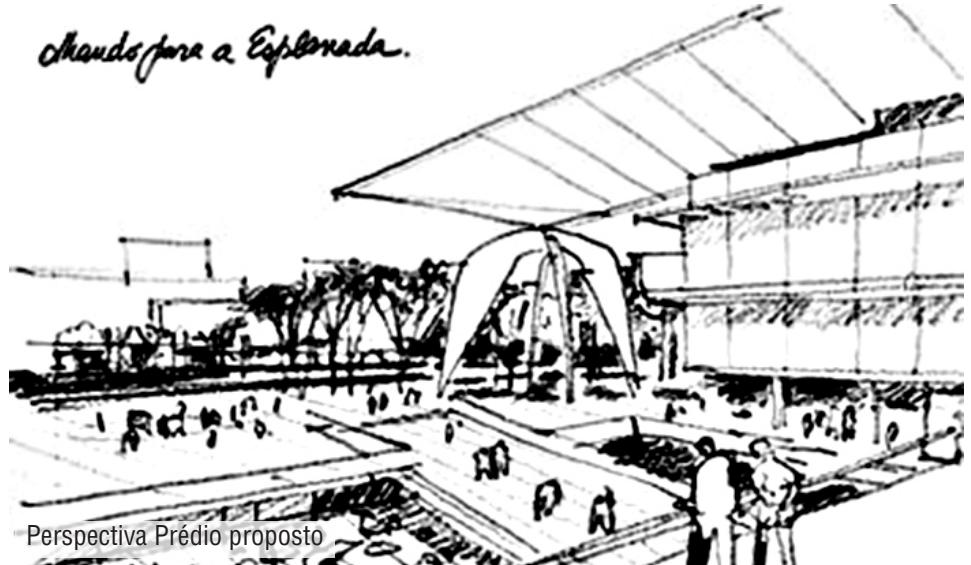
Para o primeiro lugar, reproduzo o parecer em sua totalidade:

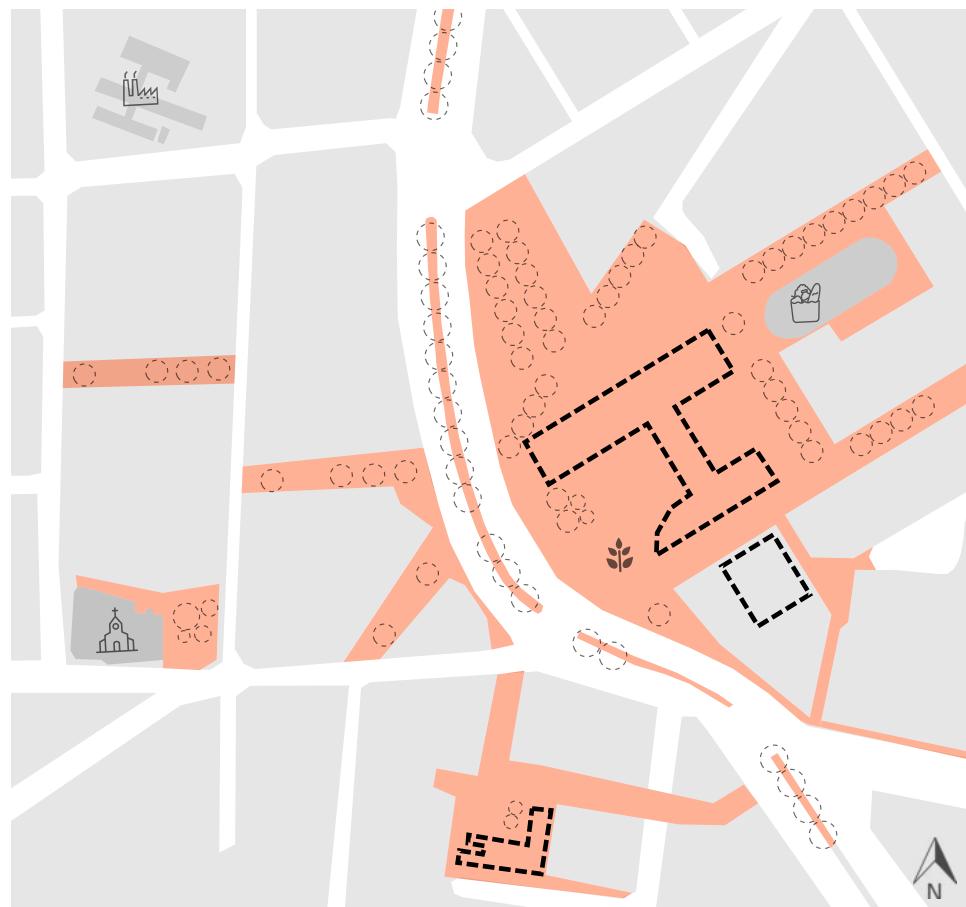
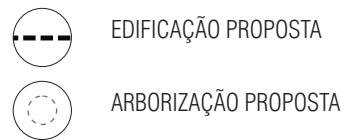
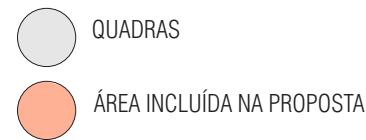
“Projeto nº 40 – Classificado em 1º lugar – É o projeto que apresenta o melhor conjunto de soluções e facilidade de implantação, considerado pela Comissão Julgadora como o “projeto base”, propondo a melhor utilização de áreas com a desapropriação aprovada por lei e a desapropriação de outras, onde este processo é mais simples e imediato. Focalizou primordialmente o lado norte do Largo e, lançando mão de uma inflexão do viário, do eixo da Av. Faria Lima, criou um espaço adicional neste setor. Cria um binário, resolvendo dessa forma o problema de circulação do terminal Pinheiros e elimina terminais, distribuindo-os por pontos adjacentes. Propõe interessante aproveitamento da fábrica da Meridional, integrando-a dessa forma diretamente à intervenção na área foco. A Comissão Julgadora recomenda que seja revista a área pedestrianizada, relativamente excessiva, recuperando a função viária da Rua Teodoro Sampaio; que seja revisto o programa proposto eliminado o teatro, tendo em vista o SESC em construção nas proximidades; a instalação de uma midiateca no prédio de uso público a ser construído como contrapartida na área desapropriada da CAC; que reestude o acesso ao Mercado Municipal, bastante prejudicado na proposta. Recomenda ainda que seja prevista a integração da praça inferior com o Metrô, por meio de uma ligação direta entre eles. Por último, o parque na área institucional da Frederico Hermann Jr. Foi considerada inadequada.”

Na proposta de Tito, existem alguns pontos que se destacam: A implantação de um edifício de uso institucional; A conversão de um trecho da rua Teodoro Sampaio em calçadão; Reconhecimento e integração do Mercado Municipal de Pinheiros; Reconhecimento e integração da Fábrica Meridional, edifício desativado e vazio na época e atualmente demolido; Descentralização e distribuição de pontos de ônibus na região de influência.

“Este equipamento [Edificação proposta] de evidente interesse será um grande catalisador da renovação pretendida para o local. Da extensão de sua cobertura surge o elemento simbólico que se projeta em direção à avenida sendo visível de todas as aproximações à área-foco, principalmente pelo eixo da avenida. [...]”

“Este conjunto urbano deverá receber investimentos compatíveis com a necessidade da preservação de sua identidade e sua vocação de pequeno comércio que normalmente se reciclará como consequência.” A referência à preservação de sua identidade deve-se ao fato de que na observação dos mapas verifica-se que a única memória do bairro está na configuração e repartição fundiária das quadras [...], além da presença das ruas dos Pinheiros e Cardeal Arcôverde. Esta configuração é muito provavelmente a mesma desde a instalação do primeiro núcleo no local.”
(Conforme conceito de Tito Livo Frascino)





Análise Geral

A configuração atual do Largo possui características dos projetos em questão, mas não reflete por inteiro nenhuma das propostas. Entre as semelhanças do projeto vencedor e a configuração atual estão: o eixo do traçado histórico da rua Cardeal Arcoverde, sem a vegetação afirmativa proposta; arborização e criação de uma pequena praça, denominada núcleo de mobiliário urbano em projeto e atual área denominada praça lúdica.

Entre outras semelhanças com os projetos vencedores estão, por exemplo, a área central proposta por Maria do Carmo (2º lugar), refletida pela Área Central, porém, sem a polaridade sustentada por uma edificação proposta.

Pontos comuns entre as propostas vencedoras, como passagens arborizadas para pedestres, a construção de pelo menos uma edificação de apoio para o Largo ou estacionamentos subterrâneos, apesar de serem apreciados pela banca julgadora não foram executados e não há justificativa oficial para essa diferença.

Durante a pesquisa foi possível encontrar uma apresentação online com uma versão diferente do projeto vencedor, datada um ano após o anúncio final. Nela, pode se observar a união entre o Largo de Pinheiros e o Largo da Batata e a adição do desenho de piso em módulos. Estão mantidos, no entanto, passagens de pedestre e a proposta de edificação, as quais não foram concluídas.





Área da igreja

Presença do Largo

Atualmente o Largo da Batata é compreendido como a região historicamente conhecida por esse nome, o Largo de Pinheiros e sua ligação. As obras de remodelação foram finalizadas em 2013, e oficialmente entregues em 2014, com uma ressalva reconhecida por parte da prefeitura de fomentar a criação de mobiliário para completar a compreensão do espaço¹².

Também no ano de 2013, o Largo iniciou uma transformação rumo a um novo significado dentro do município. Com as manifestações do Movimento Passe Livre em junho de 2013, tornou-se ambiente de reunião e atuação política. Juntamente com o surgimento de um movimento que garantisse a ampliação ao direito à cidade, é formado um coletivo que se volta a observar e afirmar a identidade do Largo novamente.

Em janeiro de 2014 começa a atuação do coletivo A Batata Precisa de Você. Em sua publicação oficial¹³, o coletivo coloca que após a finalização das obras da OUC Faria Lima o Largo “ressurgiu como um espaço de tensão”. “Vazio, sem árvores, bancos, mesas ou qualquer mobiliário urbano que convidasse ao convívio social”, sendo entregue em configuração precária, “à sua imensidão e aridez somou-se um contexto de dramáticas transformações no espaço físico da cidade, marcado por remoções, deslocamentos e especulação imobiliária”.

Atuando ativamente na paisagem do Largo, o coletivo ofereceu através do mobiliário, a possibilidade de permanência e uma nova maneira de apropriação. No manifesto do coletivo, a defesa do direito à cidade se torna tema central e fomenta a ocupação dos espaços públicos pela sociedade civil, o foco em usos cotidianos e o interesse no valor de uso dos espaços desvinculado dos interesses imobiliários. É celebrada a diversidade, presente historicamente no Largo.

Ao iniciar esse trabalho, em 2016, não existia a possibilidade de desvincular o mobiliário do coletivo da paisagem do Largo. Sua presença atesta a mudança drástica imposta pela OUC Faria Lima ao bairro e a tentativa de garantir um espaço que pertença à população. Não só o coletivo é reconhecido, como seu mobiliário é preferido pelos usuários e sem esse não há grande convite à estadia.

Desde 2013, o Largo manteve seu caráter cívico, sendo ponto de encontro para as manifestações, tais como o aumento de taxas de ônibus e metro¹⁴, contra a corrupção e os gastos excessivos da Copa do Mundo (“O gigante acordou”¹⁵), a favor e contra o impeachment¹⁶ e contra decisões

governamentais (como a reforma da previdência)¹⁷. Tornou-se, portanto, visível para o município e país, lado a lado com localidades como Praça da Sé e Av. Paulista (MASP). coexistindo, também, com o coletivo, seu mobiliário e suas atividades.

Porém, assim como sua extensão, o Largo apresenta mais vida e usos do que se notam à primeira vista. Com o ressurgimento e incentivo ao Carnaval de Rua, a Batata serviu de apoio para os blocos de carnaval da região, como o “Fica Comigo”¹⁸. Reunindo tantas pessoas quanto uma manifestação e com perfil muito diferente. Usando plataformas como o Google Docs. e comunidades do Facebook, formou-se uma comunidade digital e colaborativa da região voltada a criar, manter e engrenar uma apropriação espontânea por partes dos usuários.

A região do Largo do Pinheiros, apesar de todas essas mudanças, manteve sua identidade atrelada à religião e a Igreja de Nossa Senhora de Monte Serrat. Sua dinâmica pré e pós missas, por exemplo, continua presente e o ambiente permanece conectado às atividades religiosas periódicas ou eventos para a comunidade. Apesar de uma queda drástica, existem ambulantes na região com produtos “históricos”, tais quais as ervas para mil usos e artigos de uso diário.

Notas:

¹² VEJA São Paulo “Prefeitura começa projeto de instalar mobiliário no Largo da Bata” (Julho 2016). Disponível em <http://vejasp.abril.com.br/cidades/urbanizacao-largo-da-batata/>

¹³ Publicação Oficial “OCUPE Largo da Batata – Como Fazer Ocupações regulares no espaço Público” (2014). Disponível em <http://largodabatata.com.br/publicacao/>

¹⁴ O GLOBO, Multidão ocupa Largo da Batata (SP) em manifestação sem confronto. (Junho 2013). Disponível em <https://goo.gl/61tSpq>

¹⁵ ÚLTIMO SEGUNDO, Protesto contra a Copa do Mundo reúne 15 mil pessoas em São Paulo. (Maio 2014). <https://goo.gl/X3hC9y>

Os usos atuais

De maneira a compreender o Largo, a aproximação de seus usos ocorreu através de uma divisão visando refletir a percepção do usuário que se insere nele. Dessa maneira, foram criadas quatro áreas de influência. Apesar de serem representadas sozinhas, as áreas necessariamente coexistem e somente são compreendidas como um todo. A divisão visa a aproximação em escala do usuário dessas áreas, mas resguarda sempre a existência do todo como o Largo da Batata e o Largo de Pinheiros. As áreas identificadas foram:

Área da Igreja (3.856 m²) – ou Largo de Pinheiros, essa é a área de influência diretamente ligada à Igreja Nossa Senhora de Monte Serrat e também reflete a existência histórica do Largo de Pinheiros.

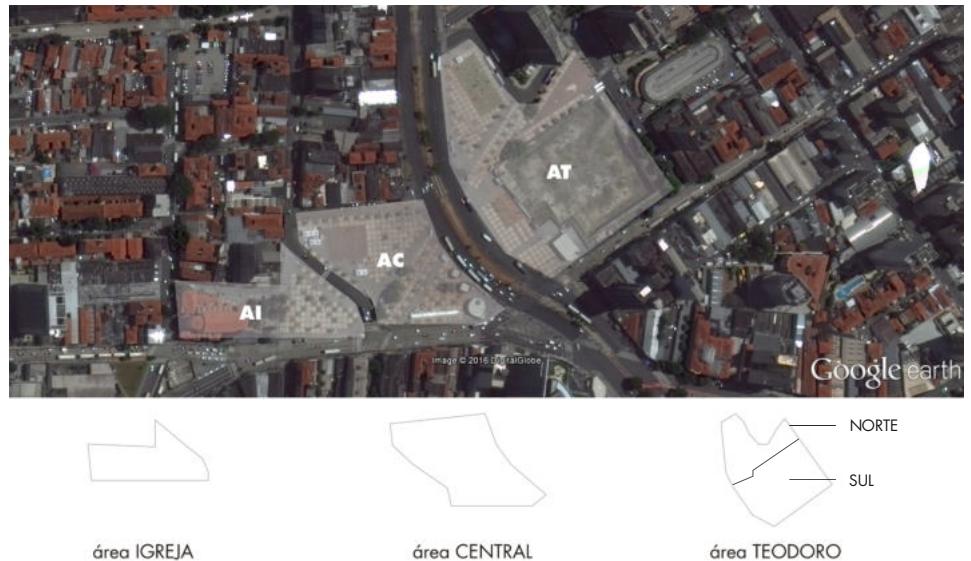
Área Central (9.908 m²) – Criada a partir da remodelação da região e desapropriação de casas, essa área não existia anteriormente e sua intenção foi conectar o Largo de Pinheiros e o Largo da Batata anteriores. Devido sua dimensão, atualmente essa área ganha caráter central na composição espacial do Largo.

A área a leste do projeto foi denominada Área Teodoro Sampaio, em virtude da influência do comércios e serviços presentes na Rua Teodoro e a grande influência do atual fluxo de pedestres que ali se concentra. No entanto, ao adicionar o grande terreno vago e sem destinação existente nessa área, foi necessário redividi-la:

Área Teodoro Norte (7.652 m²) – porção nordeste do Largo, atualmente caracterizada por um fluxo em direção ao Mercado Municipal de Pinheiros e aos pontos de ônibus intermunicipais.

Área Teodoro Sul (12.624m²)* – porção sudeste do Largo, atualmente com pouca influência. Ao somar-se o terreno vago, antiga Cooperativa Agrícola de Cotia, passa a ter grande dimensão e influência em virtude de se localizar no encontro entre a Av. Faria Lima e Rua Teodoro Sampaio.

*somada a área do antigo terreno da Cooperativa Agrícola de Cotia



Notas:

¹⁶ EBC, Manifestação pelo impeachment ocupa Largo da Batata em SP. (novembro 2015). Disponível em <https://goo.gl/DKM6nY> e EL PAÍS, Esquerda vai às ruas em manifestação contra o Impeachment, Cunha e Levy (agosto 2015). Disponível em <https://goo.gl/DPDjkE>.

¹⁷ EBC, Manifestação em São Paulo volta a pedir saída de Temer e eleições diretas (Setembro 2016). Disponível em <https://goo.gl/Mv9iCs> e G1, Ato com Shows pela saída de Temer e por eleições diretas reúne artistas e entidades em SP (Junho 2017). Disponível em <https://goo.gl/xpfKWl>

¹⁸ O GLOBO, Multidão toma conta do Largo da Batata para desfile do Casa Comigo em SP (Janeiro 2017). Disponível em <https://goo.gl/U2GVAS>



2016

Google



2004

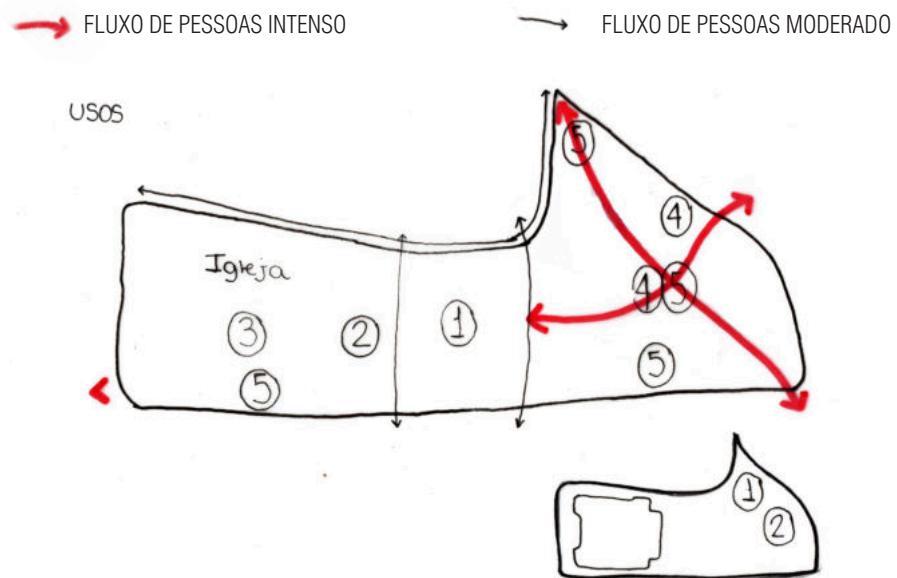
2008

2012

Área da Igreja

Apresenta grande influência das atividades religiosas da Igreja. Os arredores imediatos dessa área possuem usos predominantemente comercial e de serviços no térreo, com alguns edifícios com uso residencial no pavimento superior. O Gabarito geral é de até três pavimentos, respeitando a existência da Igreja.

A arborização é mais presente em relação às outras áreas, com a existência de vegetação mais antiga, com árvores de grande porte e copa densa. Presença de um longo banco escultural de madeira muito utilizado para estadia. Fluxo de pedestres predominante no vetor metrô Faria Lima – rua Butantã. Entre as necessidades encontradas, falta vegetação e área de estadia na porção mais próxima à área central e direcionamento dos fluxos internos.

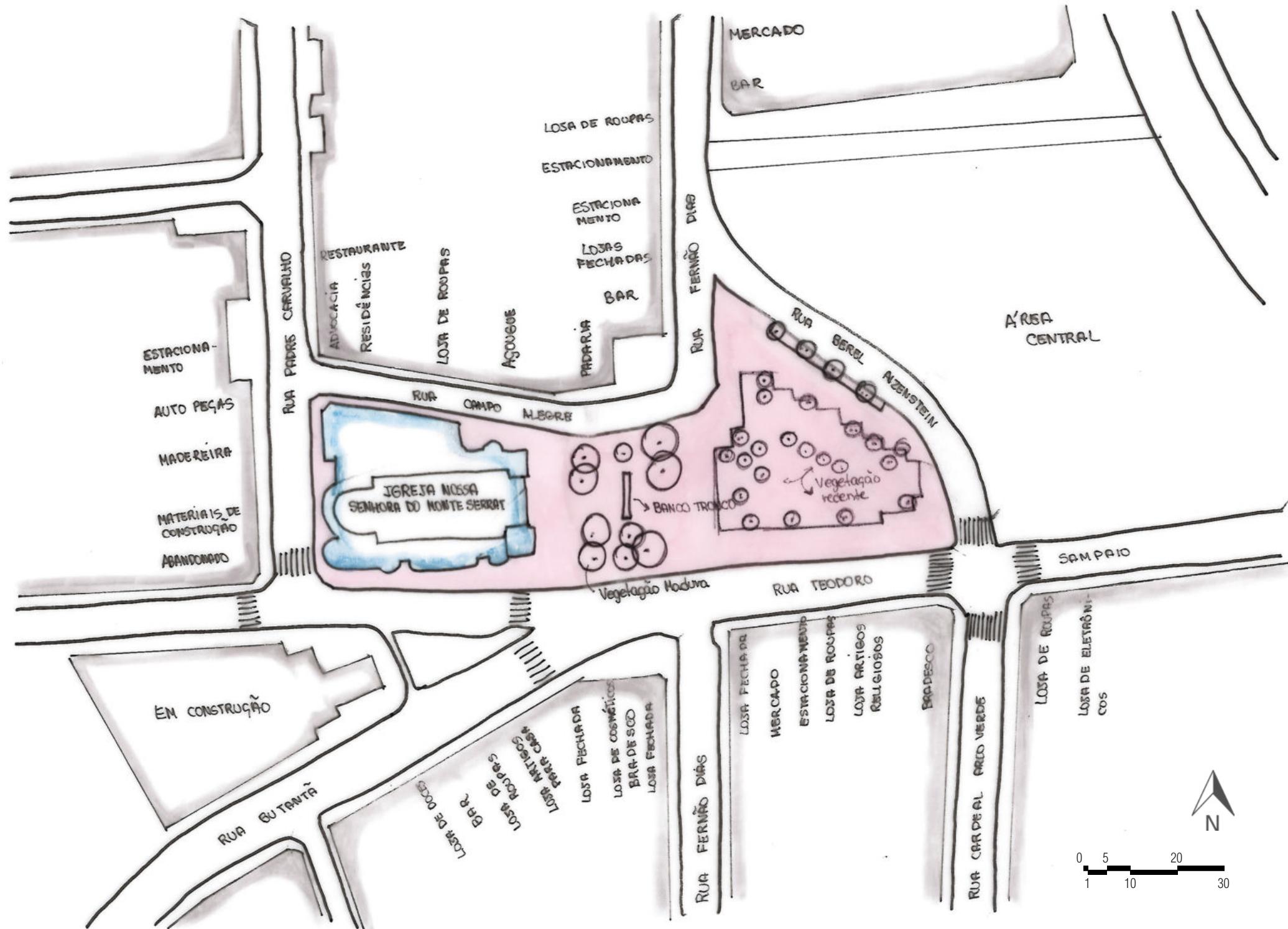


Usos identificados:

- ① Área mais utilizada como estar em função do "banco tronco" e vegetação
 - ② Movimentação parcial, mas contínuo durante o dia
 - ③ A igreja promove uma série de eventos (querimesses, bingos)
 - ④ Vegetação recente não promove estar

Não conformidades:

- ① Falta de drenagem
 - ② Vegetação esparsa, não consegue com a escala.



Área Central

A área central possui grande complexidade, pois é atualmente o ambiente mais amplo e visível do Largo. Conecta-se aos usos do perímetro norte ao longo da rua Martin Carrasco, predominantemente de comércio e serviços, sendo uma extensão dos bares existentes. A sul, apresenta uma edificação com bicicletário 24hrs e floricultura, muito utilizados pelos usuários.

É preferida para apresentações culturais e ponto de encontro cívico para manifestações. Na porção central mais próxima à Av. Faria Lima encontra-se o mobiliário da Batata Precisa de Você, também muito utilizado pelos usuários e muito presente na paisagem.

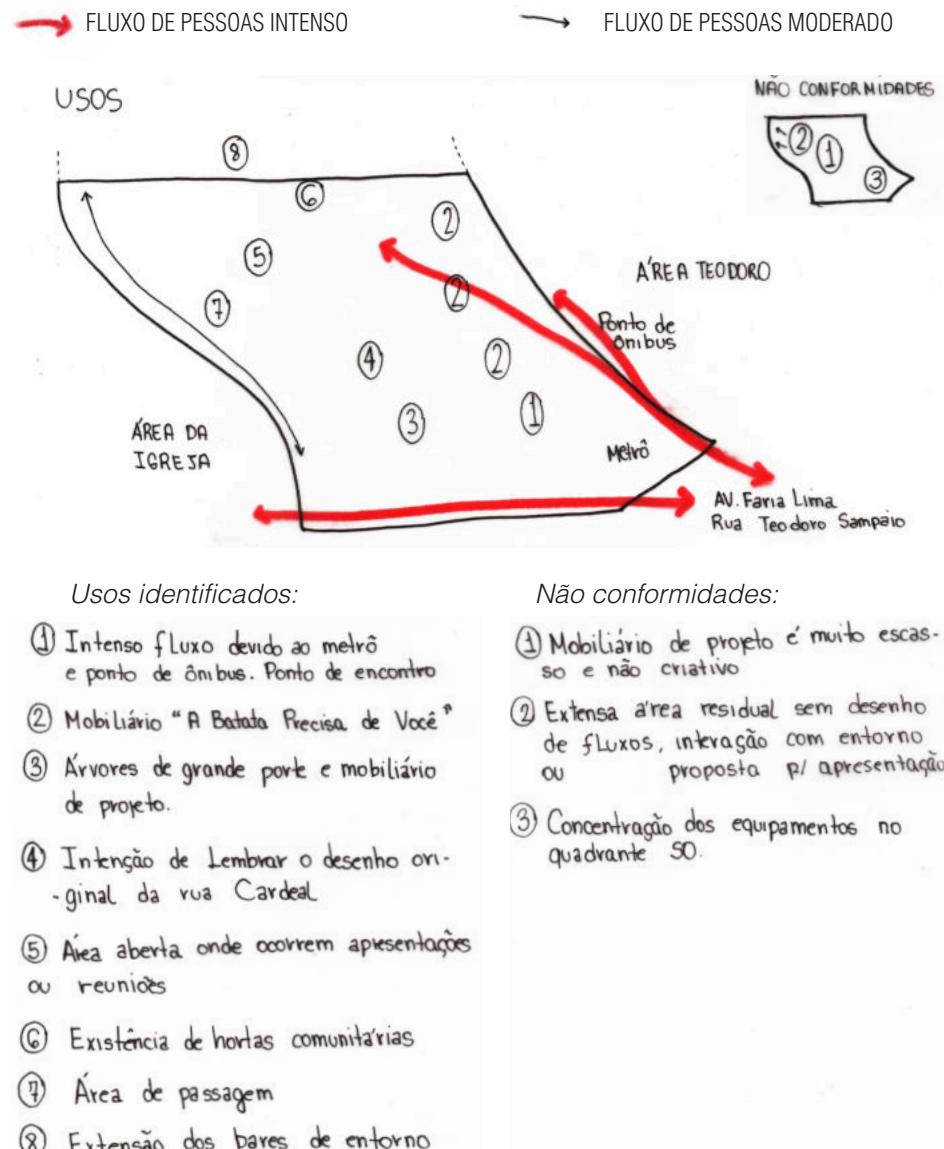
É possível notar em seu perímetro intenso fluxo de pedestres que alimenta os vetores metrô Faria Lima – rua Teodoro Sampaio/Av. Faria Lima, metrô Faria Lima – Rua Butantã e metrô Faria Lima – pontos de ônibus. É compreendida pelos usuários como uma área “ampla” e “vazia”, de acordo com o formulário.

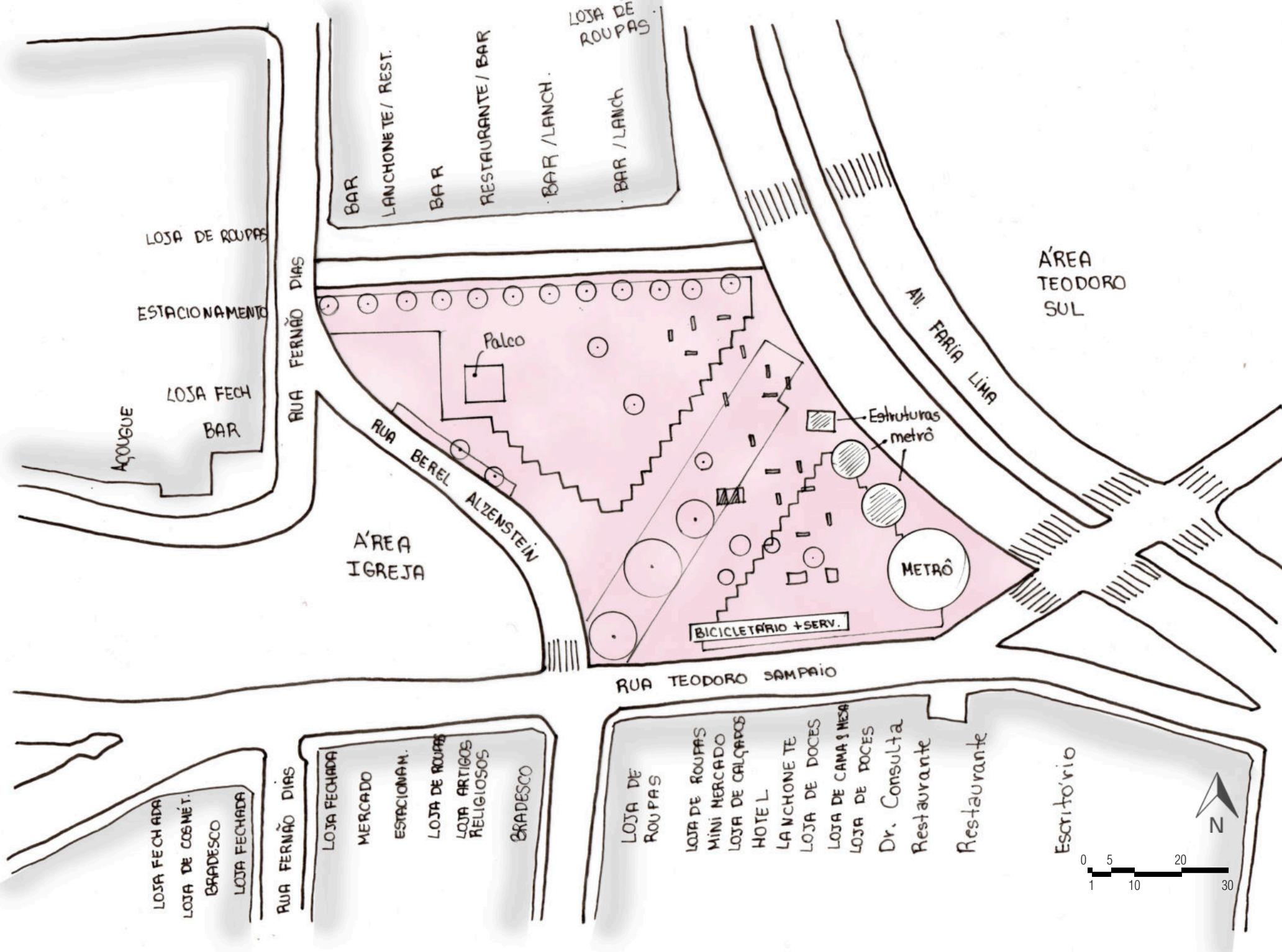
A arborização pode ser considerada esparsa, em vista da dimensão do ambiente, com poucas árvores de grande porte e copa densa e a maior parte com porte pequeno e aspecto recente. Assim como a área Teodoro Norte, existe a intenção de manter o traçado histórico da Rua Cardeal Arcoverde, mas a percepção é prejudicada em vista da escala em relação ao usuário.

Entre as necessidades observadas estão: existência de mobiliário em projeto e criação de enredos para a estadia dos usuários. Possui grande potencial de acolhimento, mas não permite a apropriação por não apresentar nenhum enredo ou infraestruturas suficientes que possibilite a atuação das pessoas.

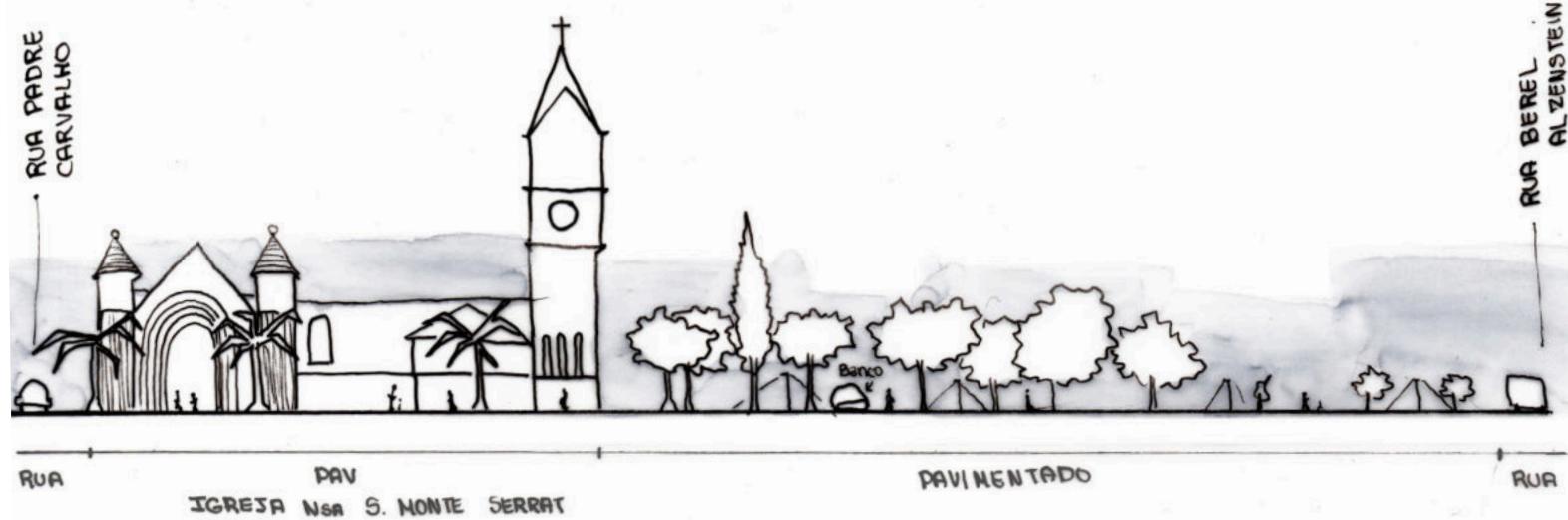
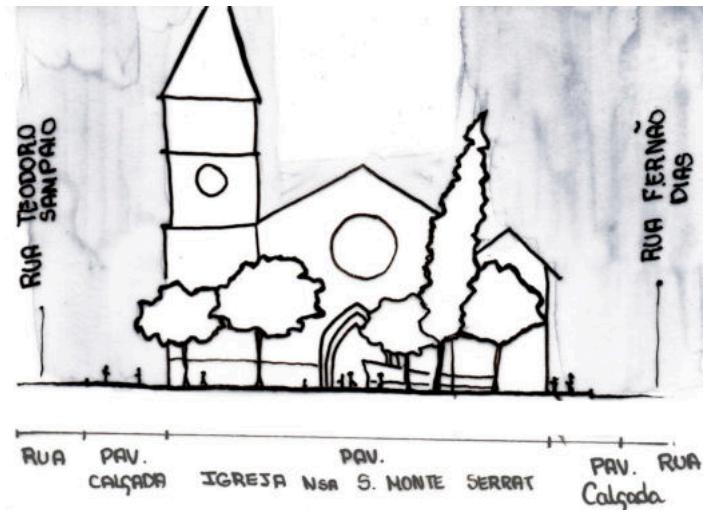
O coletivo a Batata Precisa de Você mantém, para todo o Largo, mas principalmente nessa área uma agenda colaborativa de atividades, como hortas comunitárias, oficinas de mobiliário e ações para a comunidade. Seu objetivo é discutir e promover ocupações regulares. Sua atuação no Largo, portanto, pode ser reflexo de uma deficiência proveniente do projeto construído.

Ao ser entregue “inacabado” e por ter significado uma grande mudança na paisagem no Bairro de Pinheiros, o Largo não gerou enredos próprios ou a manutenção pré-existentes, como o comércio informal.

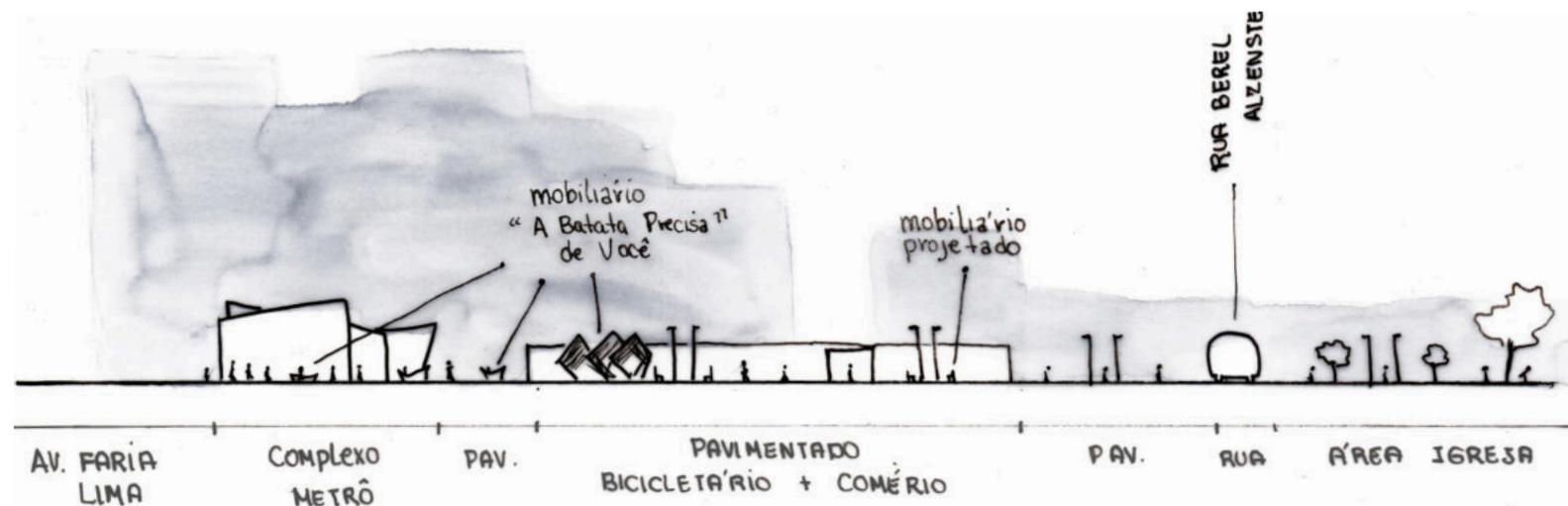
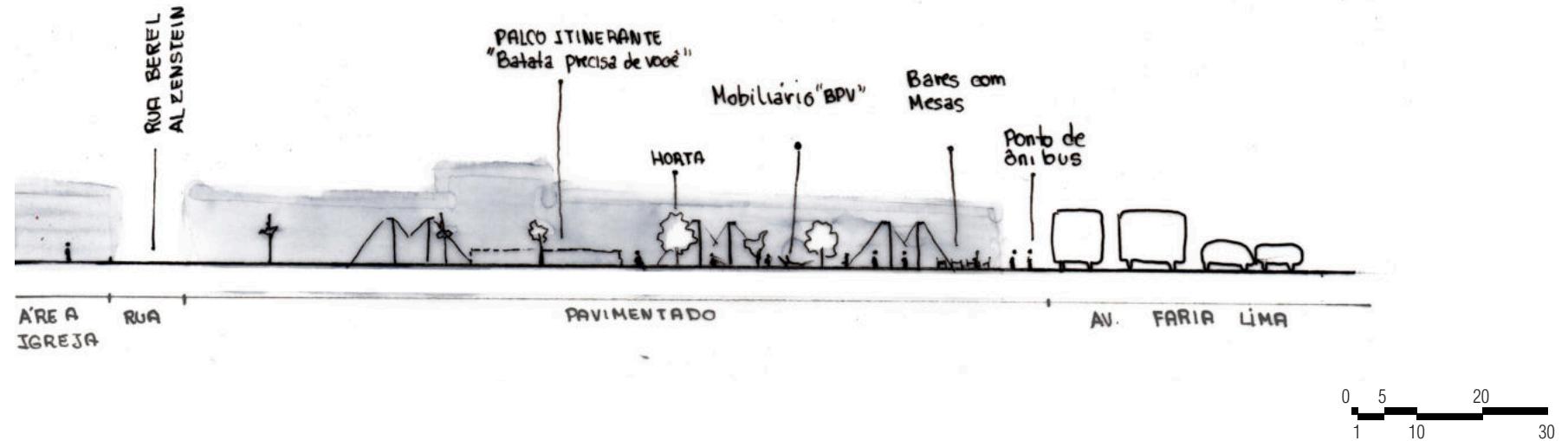




Área da Igreja
Elevações



Área Central
Elevações



Área Teodoro Norte

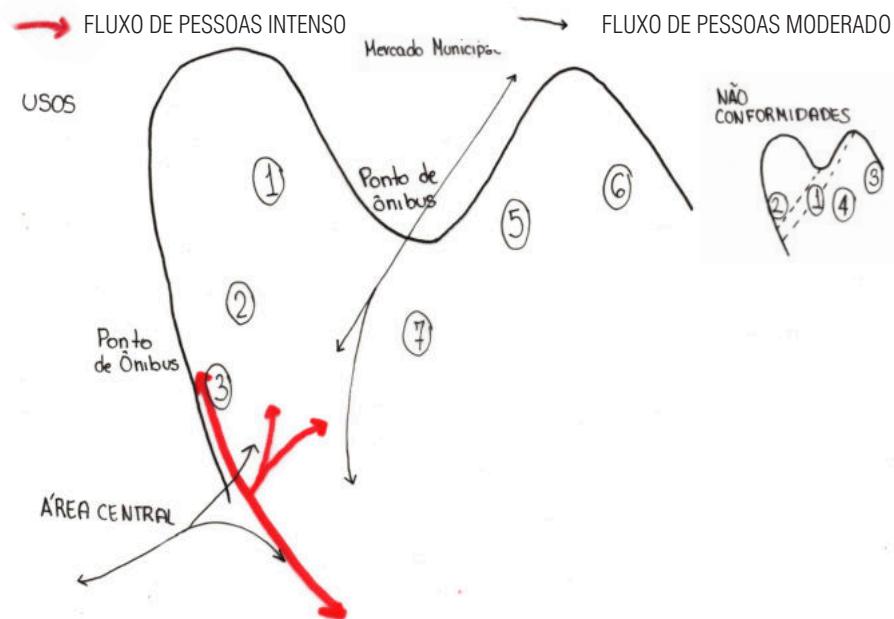
Os arredores dessa área apresentam uso mais diversificado. A oeste predominam construções comerciais e de serviços, com grande presença de edifícios vagos e distanciamento em função da Av. Faria Lima. A leste, se observa usos comerciais no térreo e residenciais nos pavimentos superiores, com presença de edificações verticalizadas voltadas à escritórios e o Mercado Municipal de Pinheiros.

O gabarito varia consideravelmente, com a presença de várias edificações com 2 a 3 pavimentos em contraste com edificações com cerca de 8 ou mais pavimentos. A arborização é esparsa com algumas árvores de grande porte e copa densa e outras árvores de pequeno porte e aspecto recente.

Presença da única uma área gramada do projeto e mobiliário lúdico. Essa área, que denominarei Praça Lúdica, é muito utilizada para descanso e contemplação. Também nessa área se encontram os ambulantes presentes atualmente no Largo.

O fluxo de pedestres predominante ocorre em função dos pontos de ônibus distribuídos na área e a presença dos usuários sustenta a existência dos ambulantes. Próximo à Av. Faria Lima está localizado um ponto com linhas municipais e próximo à rua Cardeal Arcoverde estão dois pontos com linhas intermunicipais. O fluxo é dividido entre o vetor Teodoro Sampaio – Pontos de ônibus.

Entre as necessidades observadas, estão a ampliação da capacidade estrutural dos pontos de ônibus e um ambiente de apoio para os motoristas, pois o local se enquadra como “ponto final” de algumas linhas. A intenção de resgatar o traçado histórico da rua cardeal Arcoverde, alterada pela remodelação, não é notável para a escala do pedestre, pois depende do desenho de piso.



Usos identificados:

- ① Existência de uma praça com gramado e equipamentos que geram estar
- ② Mobiliário improvisado para esperar ônibus / ponto de encontro
- ③ Ponto de ônibus com movimento intenso
- ④ Rota alternativa para os moradores do bairro
- ⑤ Ambulante fixo de especiarias
- ⑥ Área do intenso movimento de motoristas de ônibus / descanso e troca de turno.
- ⑦ Ambulante fixo de especiarias
- ⑧ Ambulante fixo de especiarias
- ⑨ Ambulante fixo de especiarias
- ⑩ Ambulante fixo de especiarias

Não conformidades:

- ① Intenção de resgatar antigo desenho de ruas não é perceptível para o usuário (≈ escala)
- ② Ponto de ônibus fora da capa cidade e não interligado com a praça
- ③ Não visa uso dos motoristas
- ④ Ambiente sem projeto.

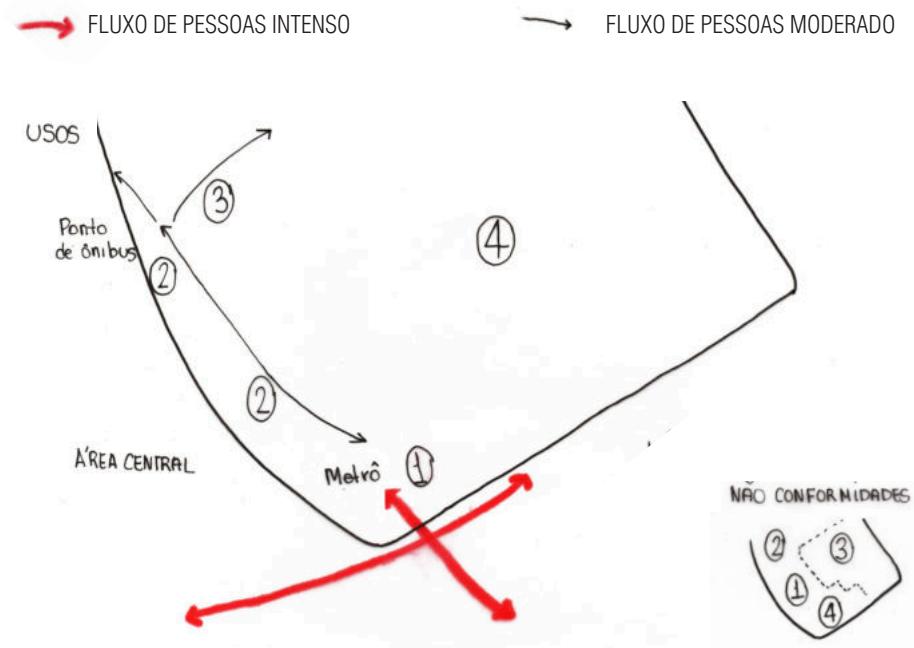


Área Teodoro Sul

Atualmente essa área possui a presença de uma das saídas do metro, um pequeno estacionamento, bicicletário simples e uma área arborizada com desenho de piso. Essa área não constitui um ambiente, com maior intenção de compor uma passagem. As árvores existentes tem pequeno porte e copa média.

O terreno vago existente (antiga Cooperativa de Cotia) é murado e cercado por um tapume, com grande presença na paisagem do Largo, pois bloqueia a visão entre a Av. Faria Lima e a Rua Teodoro Sampaio, bem como a visão do Mercado Municipal de Pinheiros.

É uma área sobretudo de passagem, com fluxo de pedestres intenso no vetor metrô Faria Lima – pontos de ônibus, metrô Faria Lima – Av. Faria Lima, metrô Faria Lima – Rua Teodoro Sampaio. Entre as necessidades observadas estão a existência de um ponto de encontro para os usuários de transporte da região, redesenho da arborização com propósito e utilização do terreno vago visando melhorar a paisagem do conjunto.

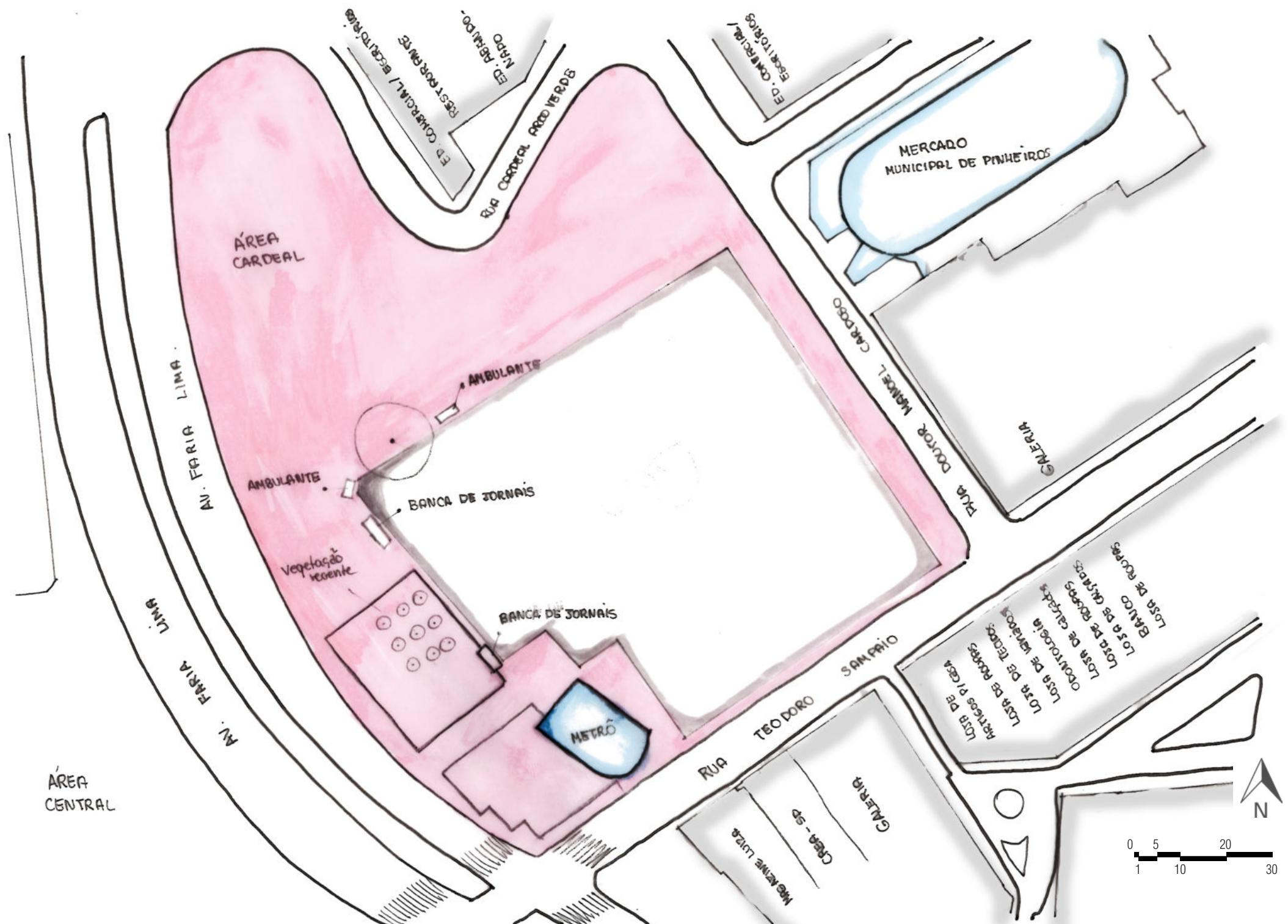


Usos identificados:

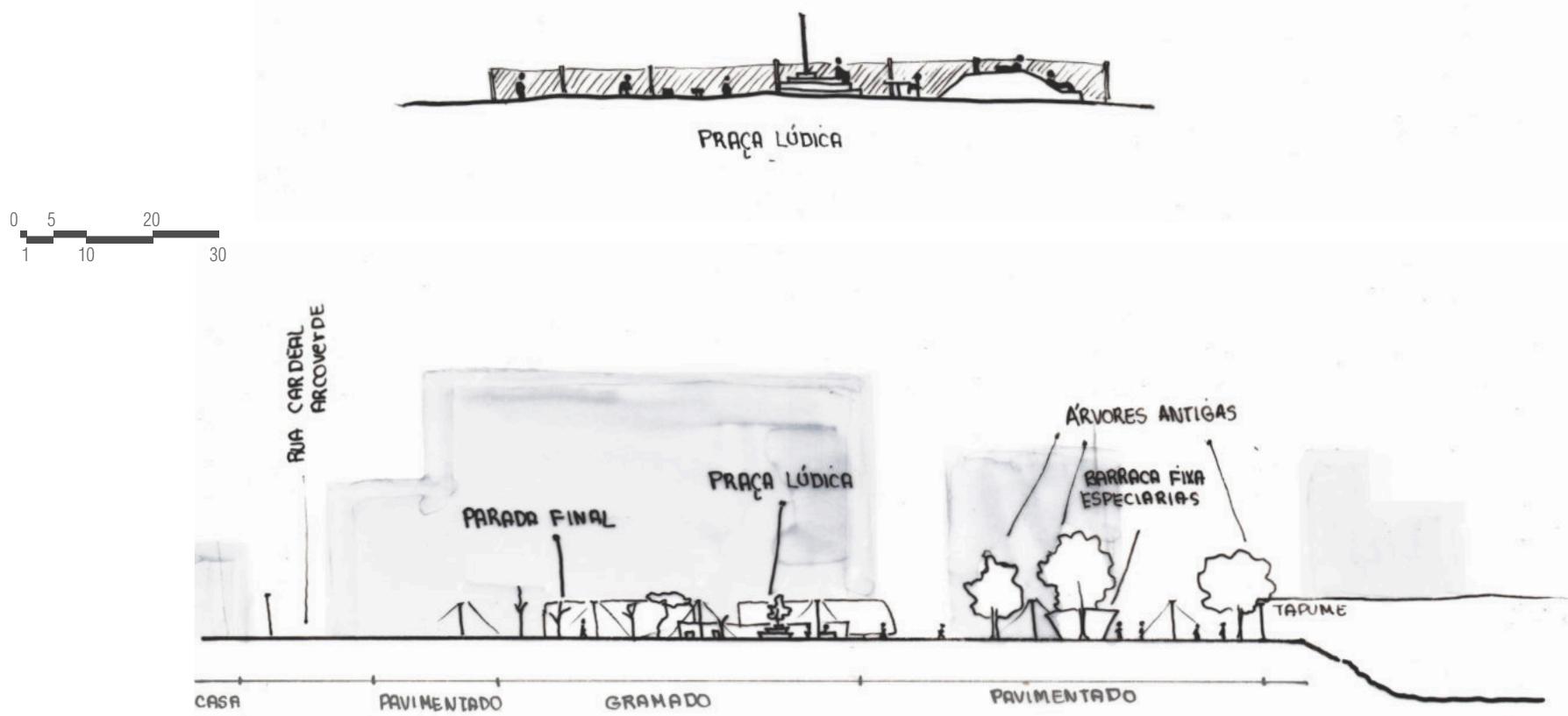
- ① Área de intenso fluxo de pessoas também utilizada como ponto de encontro
- ② Área de passagem
- ③ Remanescentes de ambulantes. Atraem pequena permanência
- ④ Antigo terreno da cooperativa agrícola de COTIA em obras e tapumado.

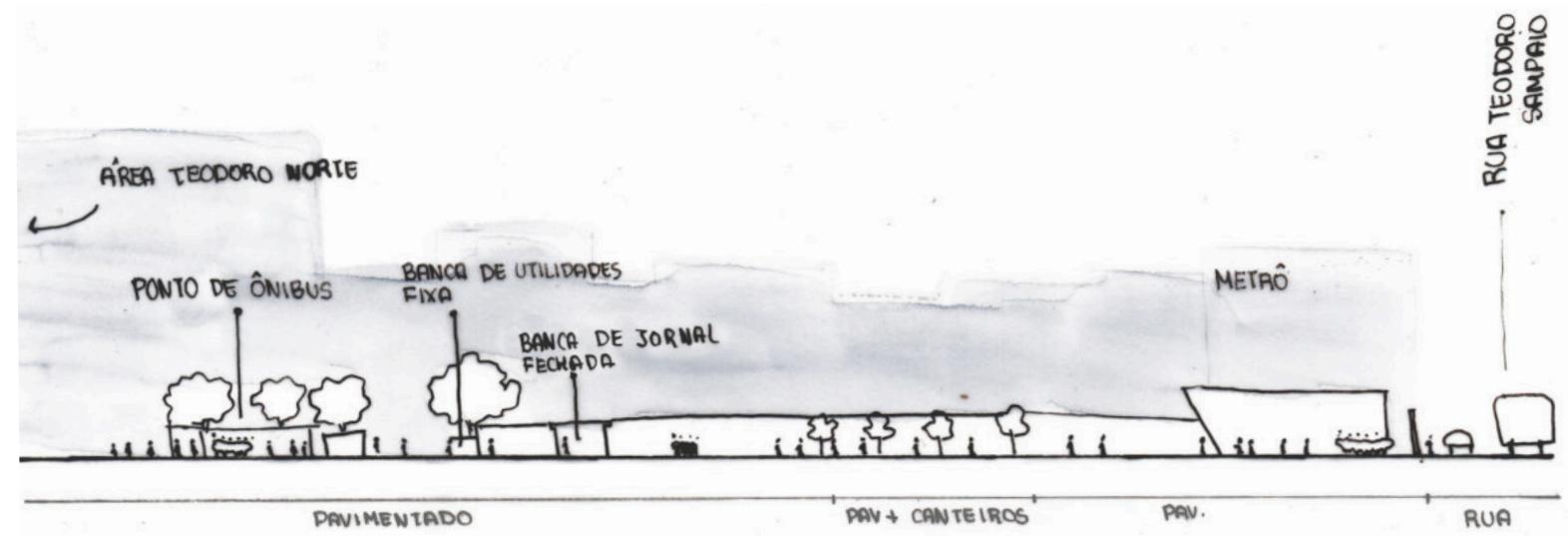
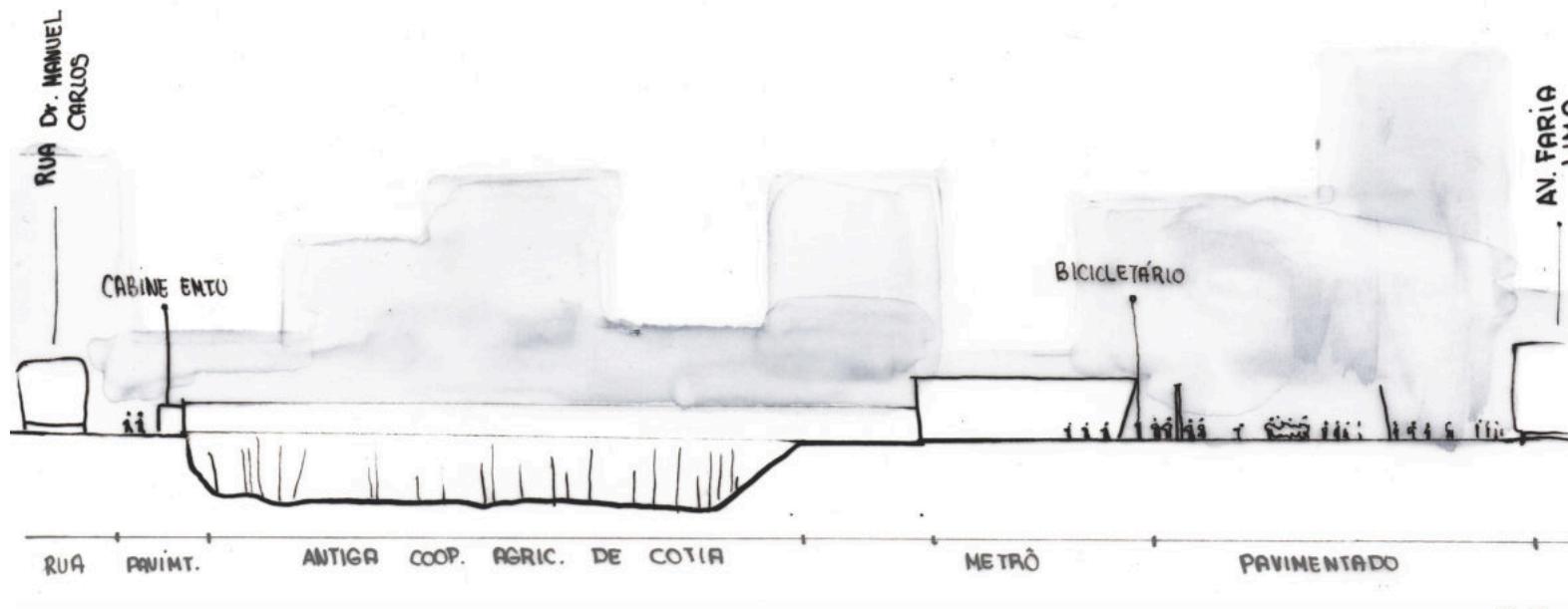
Não conformidades:

- ① Área de vegetação sem significado, não atrai permanência ou "o olhar"
- ② Ambulantes ou comércio itinerante não visados em projeto
- ③ Tapume do Terreno em construção dificulta visibilidade do conjunto e monumentos (ex. Mercado Municipal)
- ④ Proximidade do metrô não visa pontos de encontro.



Área Teodoro norte
Elevações





Opinião dos usuários

No processo de compreender os usos existentes, primeiro foi feito uso de bibliografia histórica da região e trabalhos acadêmicos voltados a essa área. Com uma pesquisa inicial feita, logo surgiu a necessidade de uma visita em campo. Através dessa primeira visita, que durou cerca de cinco horas, ficou claro que além de observar e confirmar dados do levantamento, como usos dos arredores e arborização existente, a observação do cotidiano era uma fonte primária para qualquer proposta a ser feita.

Outras visitas se tornaram necessárias em diferentes períodos do dia e com cada uma se construiu uma narrativa nova sobre o Largo. Somente através das visitas foi possível desmitificar a ideia, à primeira vista, de que o Largo é um “ambiente que não deu certo”. Foi possível reconhecer suas diversas camadas e observar os diferentes grupos que se relacionam com o Largo.

Como estratégia de compreender esses grupos, foram feitas entrevistas com os moradores de rua residentes no Largo, com os ambulantes presentes e pessoas que aproveitavam o ambiente para contemplação ou somente passagem. De maneira a tentar levantar necessidades mais gerais, um formulário foi divulgado em busca da opinião geral do Largo da Batata.

Entrevistas:

*Entrevistas completas no anexo B, página 78

Na visita realizada ao Largo no Dia 20 de Maio de 2016, início dos trabalhos do TFG, cerca de 14 pessoas foram entrevistadas. O período da visita foi das 14 horas até pouco depois das 18:30. A experiência foi importante como ponto inicial de reconhecimento dos grupos envolvidos com o Largo da Batata. Nesse dia foi possível entrevistar um dos vendedores ambulantes, um grupo de moradores de rua residentes no Largo, amigos em descanso pós almoço e alguns usuários do ponto de ônibus.

Antes da remodelação, o número de ambulantes no Largo era muito maior, assim como a concentração de pessoas na área Teodoro Norte. O comércio informal era conhecido na região e possuía, inclusive, uma especialidade: a venda de ervas. A promessa era cura de doenças, melhora da saúde e inclusive especiarias para culinária.

Atualmente existem três ambulantes fixos na região. Um com venda de



Área teodoro Sul - Ambulante



Área Teodoro Sul

pequenos artigos utilitários, como facas, adaptadores de energia e trenas (Sr. Almir); outro com venda de especiarias, próximo do Mercado de Pinheiros (Sr. Pedro) e outro com venda de roupas próximo ao terreno vago. Os dois primeiros estão no Largo desde antes da remodelação.

Os ambulantes possuem grande desconfiança de qualquer abordagem e somente foi possível fazer uma entrevista completa com o Sr. Almir, dono da barraca de artigos utilitários. Durante a entrevista foi revelado que as obras, para os ambulantes, tiveram pontos positivos e negativos. Ambos possuem licença de atuação da prefeitura e citaram que antes das obras, existia grande incidência de furtos na região. No entanto, junto com as obras a concentração de pessoas caiu muito e com isso a margem de lucro.

O Sr. Pedro, dono da barraca de ervas, foi sucinto e explicou que sua clientela é, basicamente, composta de pessoas fiéis e alguns curiosos. Ambos se beneficiam dos pontos de ônibus existentes na rua Cardeal Arcoverde e Dr. Manoel Carlos Ferraz de Almeida, o que gera fluxo de pessoas e visibilidade para as barracas. Mesmo assim “os lucros são bons, suficientes”.

Por serem os únicos na região, tem amizade dos comércios próximos e da polícia, porém ambos assinalaram que não há policiamento contínuo no Largo e afirmaram que o ambiente é “um pouco abandonado pela prefeitura”.

Além dos vendedores, conversamos com os moradores de rua que residem da região. A abordagem desse grupo foi muito mais fácil, pois a curiosidade gerada pela câmera facilitou a interação. O mesmo aconteceu com os usuários que contemplavam o largo, embora com menos conversa.

Entrevistamos cerca de sete moradores de rua nesse dia. Um grupo de cinco na Área Central que pareciam ser muito amigos e foram vistos diversas vezes após esse dia no Largo; e uma dupla residente próximo ao Mercado de Pinheiros. No projeto original, a existência de moradores de rua não é citada em escopo de projeto. Como relatado pelo grupo, eles raramente dormem na praça, mas passam o dia conversando e descansando nesse ambiente.

Ao apresentarem as necessidades do espaço, citaram não só questões de mobiliário, como também infraestrutura para apresentações e maior arborização. Elogiaram a existência do mobiliário do coletivo “A Batata Precisa de Você” e reconheceram sua necessidade para a vivência no Largo.

Outros entrevistados com objetivo de contemplação relataram a falta de arborização e mobiliário de projeto. Ao abordamos uma dupla de colegas



Ponto de ônibus área central

de trabalho que descansava após o almoço, eles explicaram que fazem isso diariamente. O horário de almoço deles é mais tarde que o usual e costumam comer e sentar nas muretas próximas à praça lúdica.

Ao conversar com pessoas que utilizam o ponto de ônibus no fim da tarde, surgiram necessidades como maior área coberta e lugares de apoio a espera (não necessariamente assentos). Os usuários relataram que o fluxo de pessoas nos pontos é alto, assim como a rotatividade de linhas. Em dias de chuvas, porém, o número de pessoas é maior que a capacidade da cobertura existente. No caso das linhas intermunicipais localizadas na área Teodoro Norte, não há cobertura.

Formulário online

*Formulário completo no anexo A, página 74

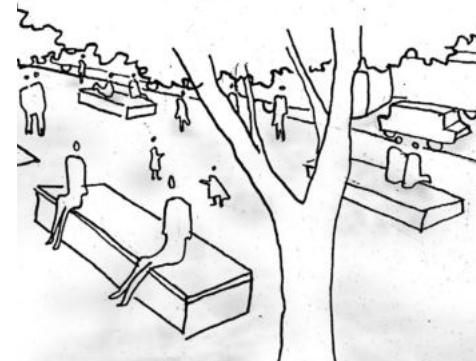
Além das entrevistas, um formulário online foi lançado para reunir mais opiniões. Esse formulário foi divulgado através do Facebook com meu grupo de amigos e a comunidade FAU. O objetivo era conhecer o perfil dos usuários que responderiam, entender de que modo ocorre o contato com o local e, de maneira neutra, investigar necessidades e pontos positivos existentes.

O formulário ficou disponível durante 3 semanas no período de 16 maio a 6 junho de 2016. Um grupo de 38 pessoas respondeu à enquete e eram em sua maioria relacionadas à arquitetura. Entre os pontos positivos, foram citadas características como transporte, comércio, diversidade e a amplitude do espaço. Entre os pontos negativos foram citados a Insegurança, a falta de assentos, pouca arborização e a amplitude do espaço.

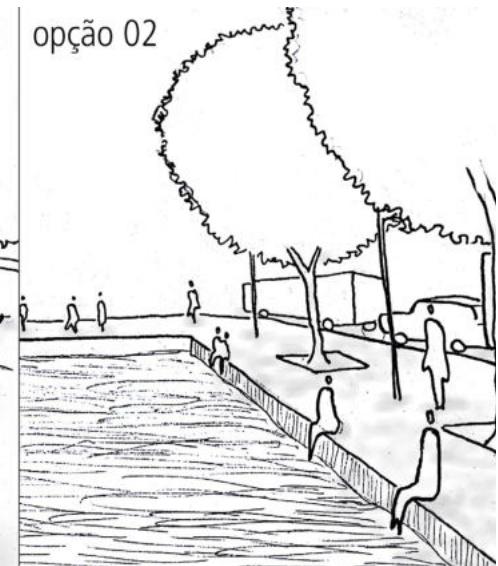
A amplitude ou o tamanho do Largo foi colocado como positivo e negativo, o que reflete o seu potencial para atividades cívicas ou de entretenimento para as massas em eventos esporádicos, mas mantém a necessidade de enredo para atividades cotidianas.

No formulário também existiam duas perguntas relacionadas a imagens de espaços públicos. A intenção era captar quais seriam as preferências de paisagem dos usuários. As ilustrações apresentadas colocavam em oposição ambientes diferentes e pediam para o usuário escolher e discorrer sobre sua escolha. Em ambas as respostas, não existiu grande margem de diferença entre

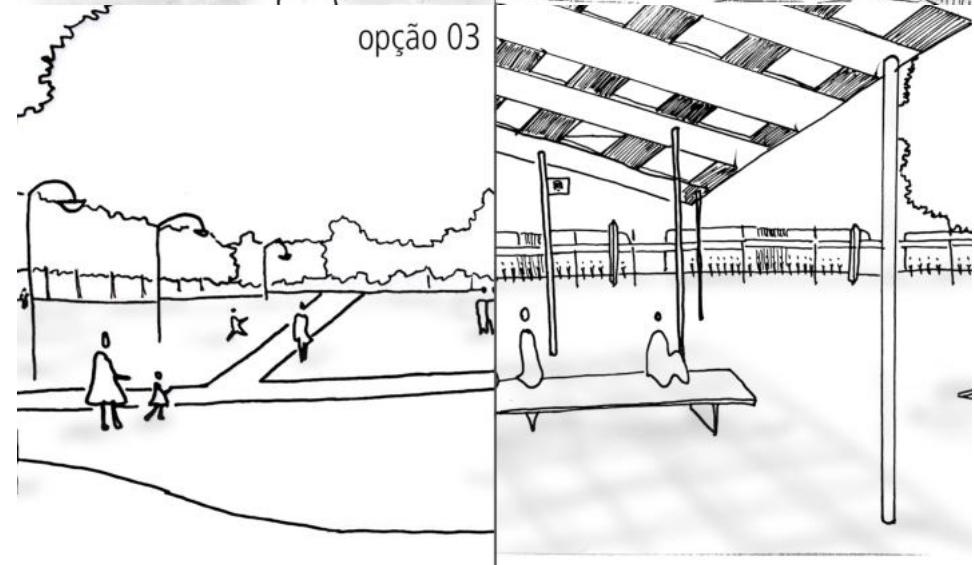
opção 01



opção 02



opção 03



as preferências.

Na primeira oposição, a intenção era investigar preferências quanto a proximidade das vias de trânsito, presença de mobiliário e densidade de arborização. A opção dois prevaleceu com 51,4%. Através dos comentários se pôde notar que a indicação de água atraiu os usuários, mesmo sem presença de mobiliário.

Na segunda oposição foram apresentados um ambiente de parque urbano versus um redesenho do próprio Largo, com adição de uma cobertura e mobiliário esparsos. Nesse caso o parque urbano foi preferido por 56,8% das respostas e associado com os termos “tranquilidade, paz, acolhimento”.

Alguns entrevistados relacionaram a pergunta das imagens a uma possível proposta para a Batata. Apesar de não ser caso nesse estágio do trabalho, reproduzo esses comentários abaixo pois os considero interessantes como vivência pessoal:

“Estou entendendo que é para escolher a melhor configuração para o largo, e não genericamente, certo? Sinto que o largo te um entorno muito urbano e movimentado, então não faria sentido tentar isolá-lo com um paredão de árvores, pois ainda assim com o metro e os ônibus dali, não se ficaria com a sensação de parque calmo e ver que que a opção 3 me passa. Por isso escolhi a opção 4, que me lembra o centro de várias cidades europeias, movimentado, o largo sendo usado como um lugar de estar, ponto de encontro, pausa para descanso entre uma compra e outra, como se fosse uma área de lazer de um shopping, só que ao ar livre e público, que é tudo o que São Paulo não tem e precisa”

“A água acho que traria um pouco de umidade pro ambiente, rodeado de construções. E a combinação com arborização melhoraria o ar do lugar.”

“A opção 1 para o largo da batata seria o mais ideal, pois construir um parque (como na opção 3) seria muito trabalhoso e desconecta o que o espaço é hoje com a cidade. Acho que a proximidade é algo bom e o torna um lugar do dia a dia. Faltam bancos e sombras mesmo. Também adicionaria mais iluminação na opção 1”

“essa opção [imagem 4] é igual ao Largo hoje em dia. Continua faltando

bancos e mais sombras. Acho que a proporção do espaço é muito grande e a intervenção precisa ser “densa”

“A opção 1 me dá a sensação de um lugar agradável de estar e também de passagem. Arborizado com sombra e bancos, combina com o que a batata deveria ser. A opção 2 é linda como utopia mas sinto que faltam bancos para estar sentado sem ser no chão, e que esse espelho d’água poderia obstruir a passagem.”

Abaixo estão comentários mais elaborados sobre as sensações que as imagens passaram:

“A opção 3 me passou a sensação de apropriação da espaço público (não sei descrever bem a sensação)”

“Espaço de permanência com edifícios ao entorno geram mais segurança e motivos para o usuário ficar ali [sobre a imagem 4]”

“Gosto dessa opção pelos bancos e sombra e como os carros continuam próximos, não sendo um parque. A sensação não é de refúgio, mas ainda assim desacelera a rotina de trabalho ou estudo. [sobre a opção 1]”

“Gostaria muito de ter contato com água como existe na Europa, pois me dá a sensação de tranquilidade e é um elemento muito raro no dia a dia de São Paulo [sobre a opção 2]”

Compreensão Geral

Ao somarem-se as estratégias de aproximação, a minha compreensão desse espaço tornou-se mais complexa. Composto por diversas camadas históricas e tensionado entre grupos de interesse, o Largo é uma localidade de grande visibilidade dentro do bairro de Pinheiros e, cada vez mais, em toda a cidade de São Paulo.

Um ponto crítico em sua história foi o projeto de reconversão, ou remodelação, que impactou a região de forma drástica. A compreensão espacial dos usuários do Largo da Batata foi alterada e a maior parte das atividades que popularmente ocorriam nesse ambiente foram impactadas durante a construção e após o término.

O longo período de obras permitiu o distanciamento dos passantes e o des-convite à estadia. A adição de área entre os Largos, sem um projeto com enredo ou acolhimento, marca a paisagem até os dias atuais como uma área extra. No caso do Largo de Pinheiros, é possível notar que a ocupação da área por parte da comunidade religiosa se deu através da resistência, mas na paisagem é possível compreender qual foi a adição de espaço em virtude da tensão gerada no desenho.

O coletivo A Batata Precisa de Você, que busca fomentar atividades diárias, impactou a paisagem do Largo. Sua existência assinala novamente a falta de investimento nesse projeto. Ao ser compreendido no conjunto da cidade de São Paulo e os vários coletivos e ações do mesmo tipo que ocorreram a partir de 2013, ressalta um sintoma da tratativa pública quanto ao uso do espaço.

Os usos dos arredores refletem as camadas históricas do bairro de Pinheiros. Conforme abordado anteriormente, o bairro se originou como um caminho importante em direção ao sul e predominou durante muitos anos como residencial. Durante as décadas de 60 a 90, concentrou usos de comércio e modais de transporte para, no início dos anos 90, sofrer pressões por interesses imobiliários de verticalização.

Portanto, é possível observar forte presença de comércio e serviços nos arredores imediatos do Largo, bem como no vetor da rua Teodoro Sampaio e áreas predominantemente residenciais à norte da área de influência, próximo à Vila Madalena.

Existem, ainda, muitas construções com uso residencial e térreo comercial, predominantemente de dois a três andares. Grandes terrenos utilizados para estacionamento e a presença do antigo terreno da Cooperativa

de Cotia, atualmente sem destinação, no início da Rua Teodoro Sampaio.

O gabarito predominante é de até três pavimentos com poucos edifícios verticalizados nos arredores imediatos. Os edifícios com mais de três pavimentos próximos à Av. Faria Lima são destinados à serviços e os localizados à norte, são residenciais.

Quanto aos fluxos de movimentação dos pedestres, o principal vetor ocorre entre o metrô Faria Lima e avenida de mesmo nome, seguido pelo vetor Teodoro Sampaio e rua Pais Leme com destino ao Terminal Pinheiros. Fluxos menos intensos são observados em direção aos pontos de ônibus distribuídos ao norte com destinos intermunicipais.



Área Teodoro norte





Área central - Manifestação 2013

Primeira Proposta

*Proposta em escala de trabalho estão no anexo D

De maneira a colocar em prova a compreensão adquirida a partir das estratégias de aproximação, uma proposta de alteração do Largo foi feita. Essa proposta está baseada nas não-conformidades e usos levantados e parte da premissa que o Largo é um ambiente ativo e utilizado. Não foi uma questão de reprojetar o espaço, mas de criar enredos para as atividades correntes e carências levantadas. O intuito era, a partir das estratégias, refletir pedidos conscientes e lugares comuns.

As alterações propõem:

-Mobiliário previsto em projeto e associado à sombra de árvores e ambientes propositalmente descobertos, em virtude do clima da cidade de São Paulo;

-Reforço visual e na escala de compreensão do pedestre do traçado histórico da Av. Cardeal Arcoverde;

-Tentativa de subdivisão do espaço central através da arborização e concentração do mobiliário, sem criação de barreiras para manutenção da função periódica cívica.

-Acolhimento dos coletivos de resistência, respeitando sua existência;

-Pontos de comércio e serviços dentro do Largo, criando enredos independentes dos arredores imediatos para concentração e fluxo de pessoas;

-Áreas cobertas para proteção da chuva;

-Área marcada para manifestações de modo a afirmar o uso cívico atribuído ao Largo;

-Absorção do uso de entretenimento dos arredores, como bares e Mercado Municipal para dentro do Largo;

Instalação de banheiros e vestiários públicos, permitindo assistência aos

moradores de rua

-Extensão dos módulos de ponto de ônibus atuais, de maneira a aumentar a capacidade de área coberta

-Criação de módulos de apoio aos motoristas;

-Aproveitamento do terreno vago (antiga cooperativa agrícola de Cotia) com instalação de uma edificação que sirva de polaridade ao conjunto;

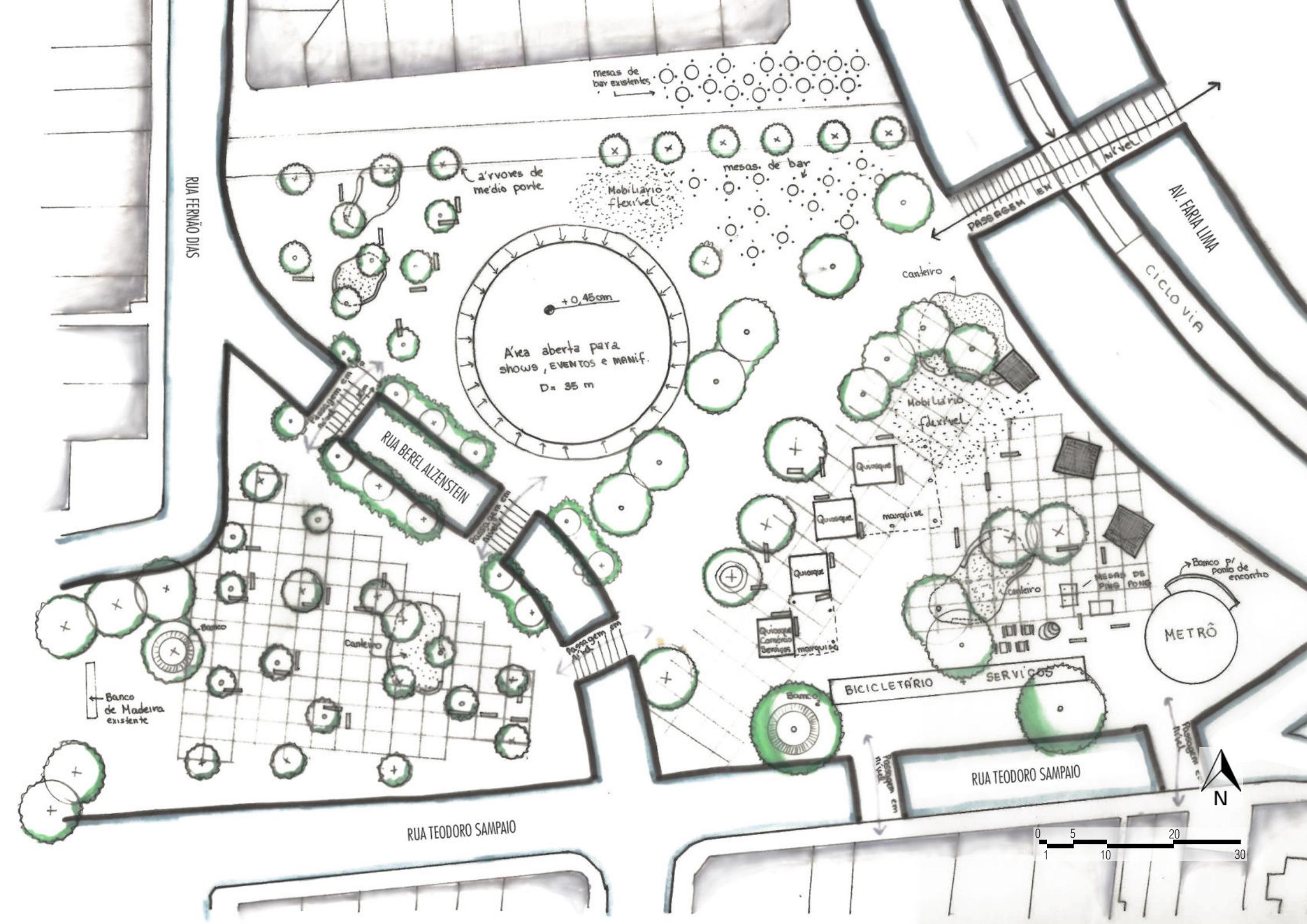
-Adoção de sistema de iluminação postes – chão, apoiando a visibilidade dos pontos do Largo durante à noite.

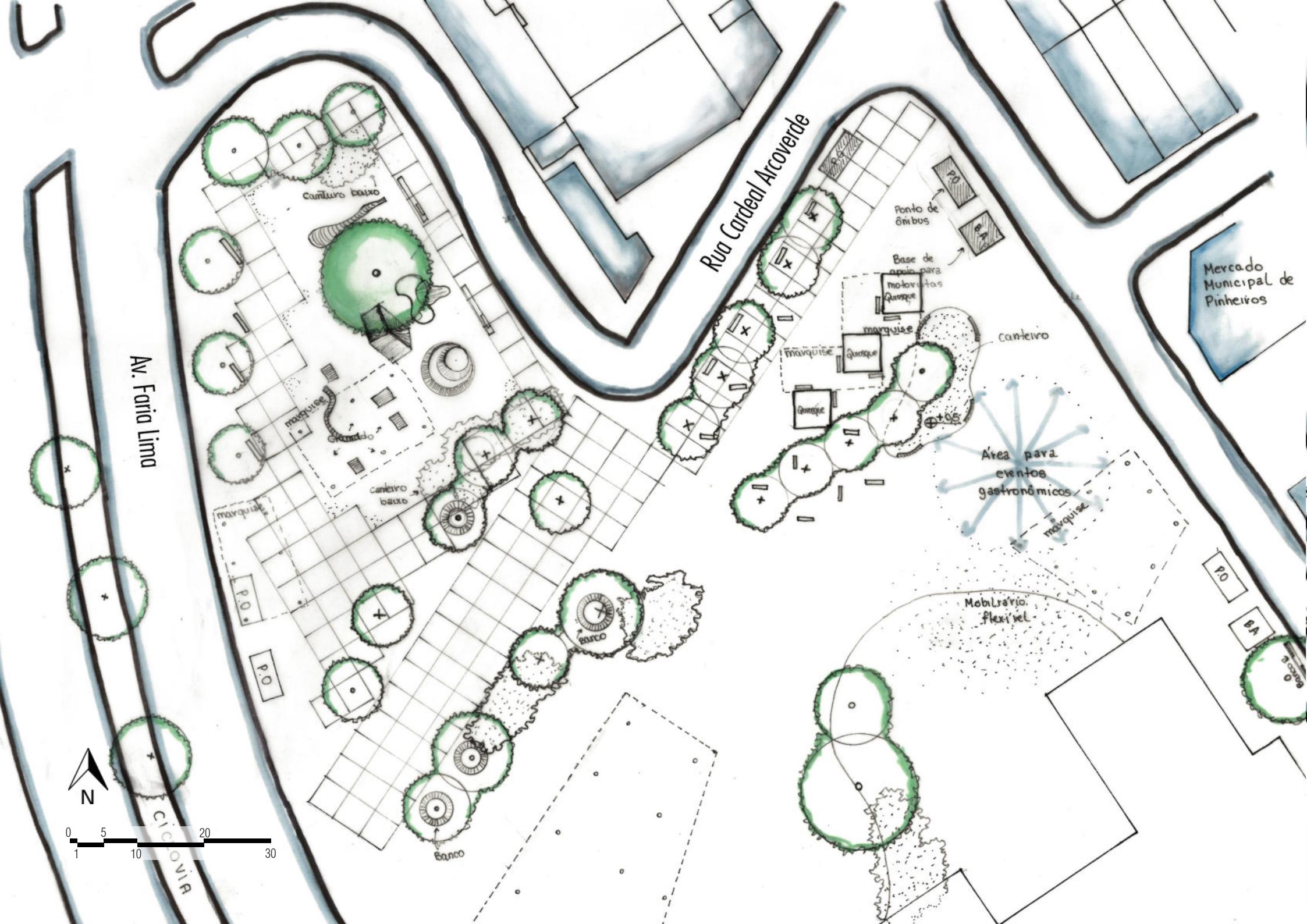
-Travessias em nível do pedestre entre as áreas que compõem o conjunto e com os arredores;

Primeira Proposta – A edificação:

A inserção de um edifício no antigo terreno da cooperativa agrícola foi um partido assumido junto com a pesquisa sobre o concurso de reconversão e a decisão de utilizar essa área vaga. A existência de uma edificação, presente nos três projetos vencedores caracteriza um ponto focal para a paisagem e compreensão de uma área tão ampla. Apesar de ser um bairro com grande infraestrutura disponível, ao classificar-se como marco na cidade, o Largo adquire a oportunidade de apoiar uma discussão.

De tal modo, como sua identidade e paisagem foram marcados pela reivindicação à apropriação da cidade, a proposta da edificação pode ser estendida para um uso que marque esse direito: seja atendendo a uma carência ou seja fomentando a discussão da cidade. No entanto, sua existência por si só atenderia à carência de enredo do local e a melhor ligação entre o Largo, rua Teodoro Sampaio e o Mercado de Pinheiros.







Primeira Proposta - Retorno por parte dos usuários

*Formulário completo no anexo C, página 84

Assim que as alterações propostas foram definidas, a opinião dos usuários foi novamente buscada. O material foi escaneado e os principais pontos de intervenção foram apresentados em um formulário, de maneira a receber qualquer opinião interessada. Um painel na plataforma Pinterest foi criado como fonte extra de informação para aqueles que responderiam ao formulário online.

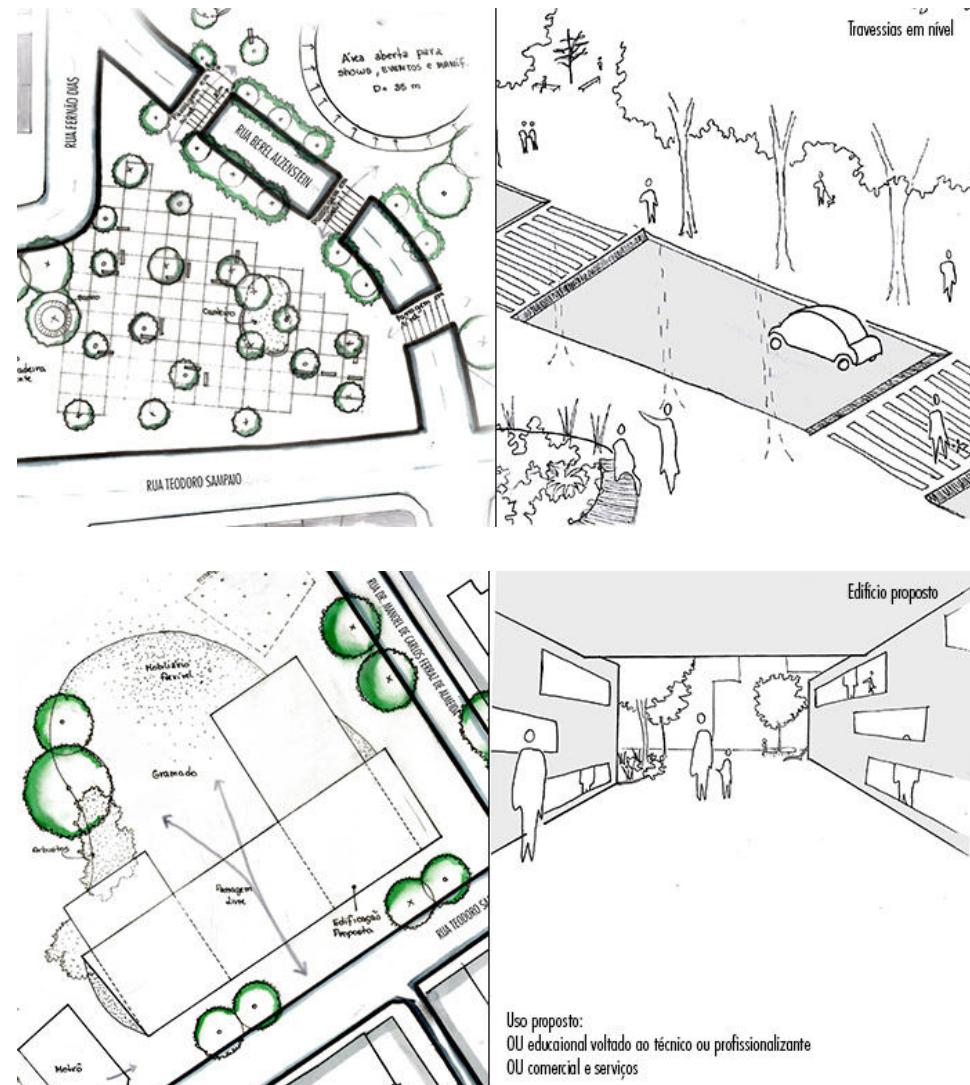
A abordagem das questões foi feita em planta e ilustrações semelhantes às do primeiro formulário. Buscou-se novamente simplicidade, de maneira a não influenciar opiniões. O formulário foi ao ar por quatro semanas e foram recebidas 25 respostas, a maior parte de pessoas que responderam também estão relacionadas à arquitetura.

Além do formulário online, foram impressos questionários em papel para a apresentação de pré-banca da disciplina de TFG da FAUUSP (Maio 2017). Utilizei meu tempo para, ao invés de apresentar todo o TFG, apresentar de maneira resumida minhas motivações para esse trabalho e as propostas feitas para o ambiente, partindo do pressuposto que os outros alunos o conheciam no âmbito da vivência. Cinco pessoas retornaram o questionário com críticas e, diferente do formulário online, puderam fazer pequenas alterações nas plantas.

Por último, as ilustrações foram impressas e oito pessoas entrevistadas brevemente em Junho (2017) no próprio Largo sobre a recepção de mudanças pontuais. Essa abordagem foi mais difícil que as anteriores, pois demandou imaginação dos usuários e, portanto, estava dotada de uma subjetividade que não pude analisar propriamente.

No geral, a ideia de uma nova proposta para o Largo da Batata é bem-vinda na amostra pesquisada. Observa-se que a proposta é mais eficiente em fomentar críticas do que somente o levantamento de interesses. Ao refletir carências encontradas nas primeiras estratégias de aproximação por meio das ilustrações, foi possível observar que pontos aparentemente simples como “mais arborização”, geram discussão entre os grupos ao serem colocados em “prática”.

O principal ponto de tensão levantado diz respeito ao uso cívico do Largo recorrente desde 2013. Assim como, inicialmente, espaço amplo representou uma característica positiva e negativa ao mesmo tempo, a inserção



de elementos em busca da criação de enredos cotidianos encontrou resistência frente ao receio da queda do uso cívico.

Portanto, se em um primeiro momento a compreensão geral é a de que o Largo entregue em 2014 não possibilitou a apropriação por parte dos usuários, justificando a existência de um coletivo para incentivo de atividades regulares, a proposta de complexidade e dinamismo nesse ambiente é impactada pelo aproveitamento do vazio.

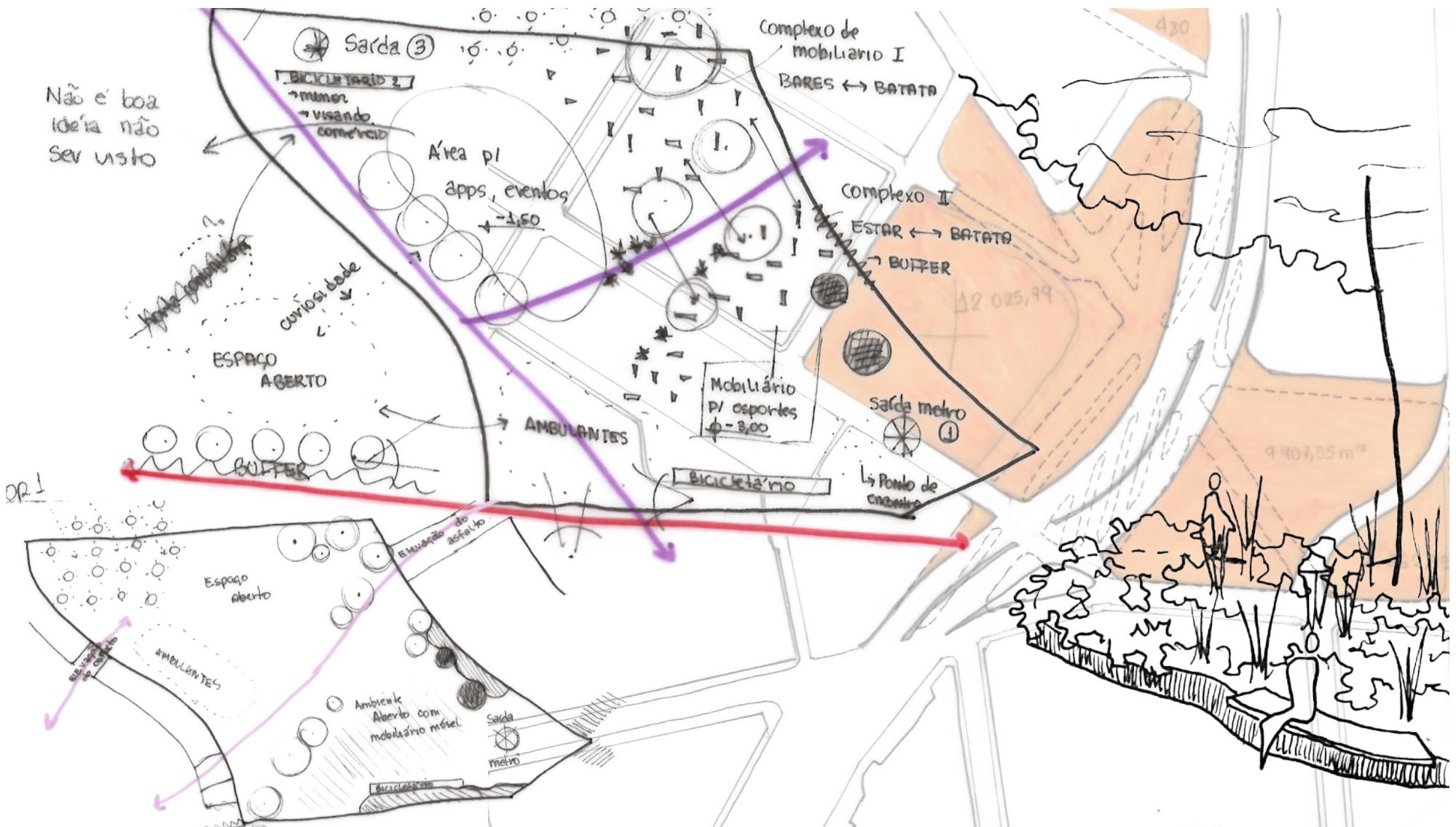
Frente a essa tensão encontrada, ficou claro que seria necessário fazer uma escolha de partido, mesmo buscando respeitar o cotidiano e o excepcional. Para tanto, reforço que as manifestações coexistiram com o coletivo e o surgimento de atividades colaborativas e, apesar de possíveis tensões, mantiveram-se durante os anos seguintes.

Nesse ponto, a argumentação torna-se mais fácil ao compreender que durante a execução desse trabalho, não foram as manifestações que retiraram os móveis de pallets da paisagem, e sim a mudança da prefeitura de São Paulo (2017).

Aspectos como as travessias em nível, a manutenção e expansão da praça Lúdica e a adição de comércio e serviços dentro do Largo foram bem recebidos pela amostragem e atenderam à carência do convívio cotidiano nesse espaço.

A construção de um edifício foi aprovada de maneira unânime nas entrevistas presenciais e na maioria do formulário online e questionário físico. Presencialmente, o uso indicado foi muito diverso entre institucional, educacional ou comércio e serviços. Online, no entanto, se preferiu o uso comercial, tal qual na rua Teodoro Sampaio.

Fica aqui outra decisão de projeto a ser tomada, pois reconheço que a presença de um edifício irá transformar a polaridade do conjunto. Seu uso adquire, portanto, grande potencial de serviço à população. Conjugado à possibilidade de comércio e serviços, aconselho um uso institucional que dialogue com a construção de identidade do Largo e o direito de uso da cidade.



Segunda proposta

*Proposta em escala de trabalho no Anexo D

A partir das respostas à proposta inicial, foram feitas pequenas alterações, tais como: afirmar a arborização proposta com massas de vegetação consistente; adicionar área coberta e sistemas de marquises para o trajeto de pedestres entre pontos de ônibus e metrô; realocação de vegetação atual buscando função ao invés de somente paisagem.

Além disso, a polaridade criada pelo edifício proposto motivou a mudança de um ponto focal para a formação de atos cívicos para sua proximidade. Tal como no Masp, é entendido que a nova edificação será um marco visual e ponto de encontro para os usuários da Batata e possíveis mobilizações.

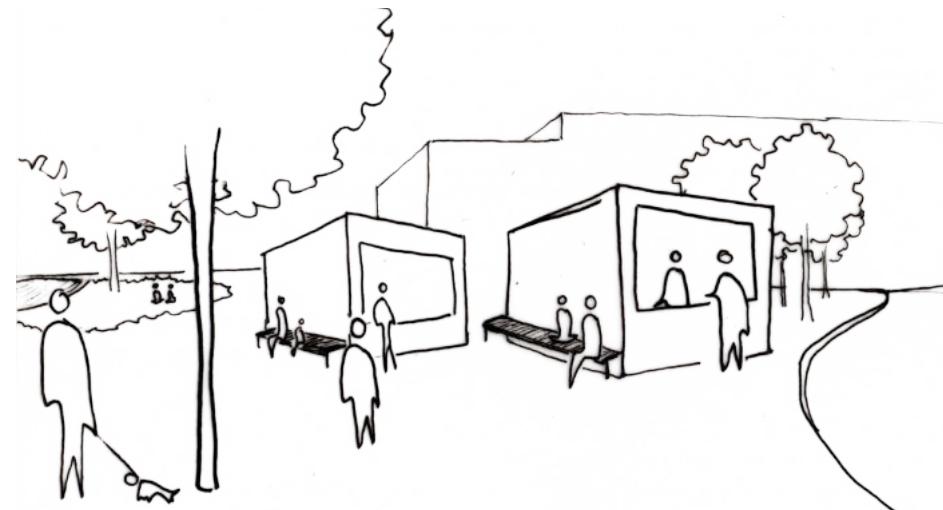
Para tanto é criada uma grande área livre, cercada de equipamentos, mas não circunscrita por eles. Além de eventos cívicos periódicos, esse espaço livre pode receber outros eventos de maior porte, como feiras ou festivais e, no dia a dia, ambulantes e mobiliário flexível.

É um palco, na medida em que se encontra vazio, mas oferece apoio para as atividades que ali aconteçam através da iluminação, marquises, banheiros, quiosques comerciais e uma área com infraestrutura (energia) para eventos “gastronômicos”.

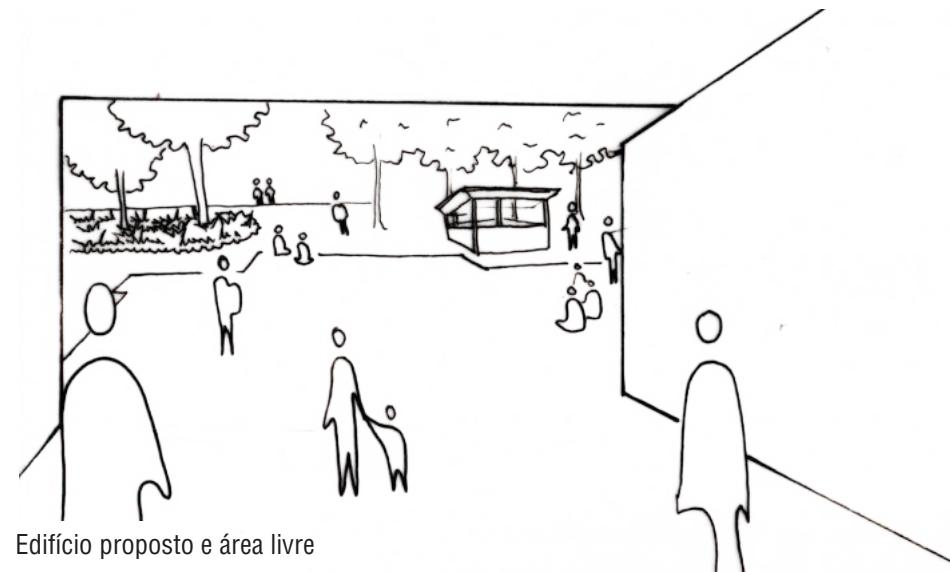
A Cor de piso foi escolhida para se destacar entre a quadrícula atual do Largo, parcialmente mantida e reforçar essa nova característica cívica do lugar, mas foi evitada qualcquer destinação específica ou mudança de nível.

Em virtude da escala não foi possível representar em planta a iluminação existente no Largo, portanto, faço a ressalva que os pontos de iluminação como os postes estão presentes nos desenhos e elevações. A pesquisa de referência em relação a segurança guiou o projeto para evitar ambientes em que existisse grande diferença de nível ou áreas enclausuradas, além de pontos não convencionais de iluminação, como no piso e embutido no mobiliário fixo.

Para além dos mais de 30 mil m², o Largo da Batata é atualmente uma referência para os arredores de Pinheiros. A edificação proposta possui, então, influência e visibilidade. Recomendo o uso institucional e comercial, de maneira a criar movimento durante a maior parte do dia, promover a estadia e incentivar uma discussão sobre a cidade através de oficinas correlacionadas.



Quiosques comerciais na área central



Edifício proposto e área livre



Área da Igreja

*Proposta em escala de trabalho no Anexo D

Poucas alterações são propostas para essa área. Na porção mais próxima à Área Central foram inseridos canteiros com assentos com forração baixa ou pisos vegetais de maneira a não obstruir a passagem e gerar um contato agradável com os usuários. Foi adicionada arborização de médio porte com copas médias a densas, de maneira a interferir pontualmente na amplitude visual e valorizar a massa de árvores próxima a Igreja. A porção mais próxima à Igreja foi mantida como o atual.



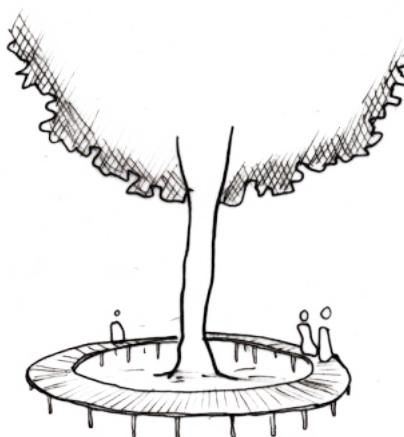
ARBORIZAÇÃO
PRÉ-EXISTENTE
ARBORIZAÇÃO
PROPOSTA



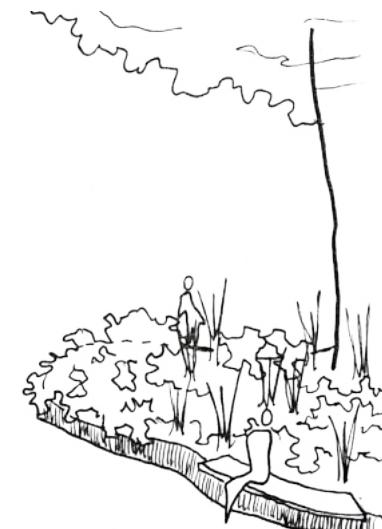
CANTEIRO COM FORRAÇÃO
BAIXA OU PISOS VEGETAIS
ARBUSTOS MÉDIOS



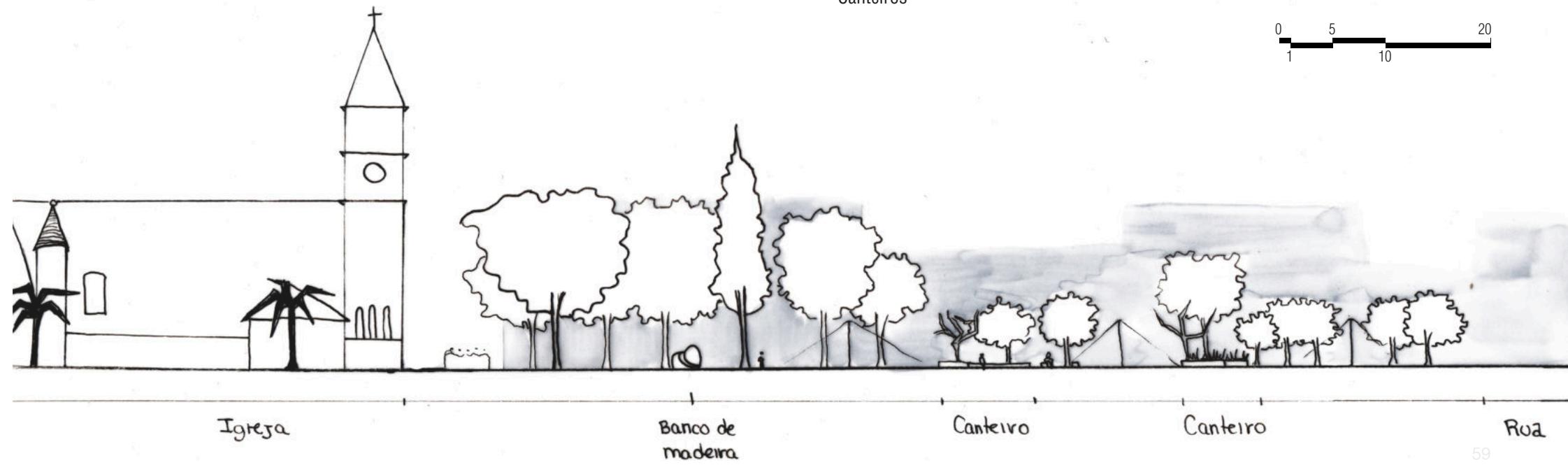
GRAMADO
BANCOS



Canteiros



0 5 10 20
1





Área Central

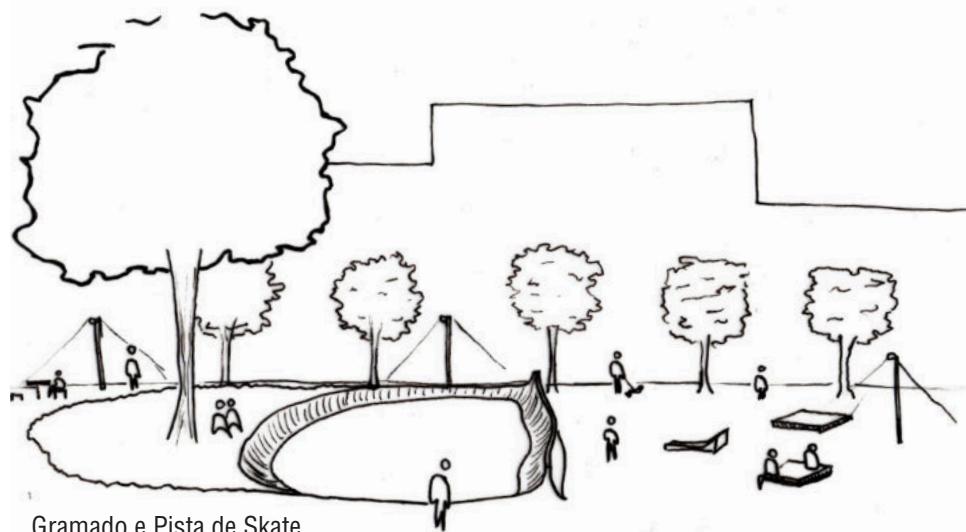
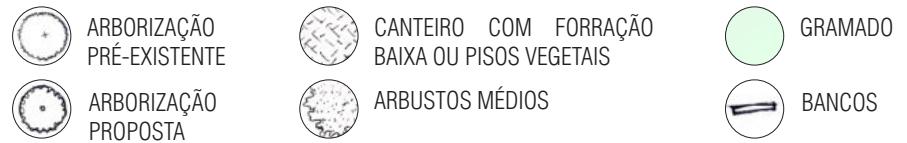
*Proposta em escala de trabalho no Anexo D

Atualmente um espaço mais vazio, o objetivo da proposta para essa área foi a criação de pequenos núcleos voltados às atividades propostas. Com o objetivo de fomentar a estadia no Largo, dois núcleos com quiosques comerciais foram adicionados a porção nordeste e ao centro sul. Foram inseridas árvores de grande porte com copa densa para afirmar o traçado histórico da rua Cadeal Arcoverde e outras massas com copas médias a densas para quebrar a horizontalidade da paisagem.

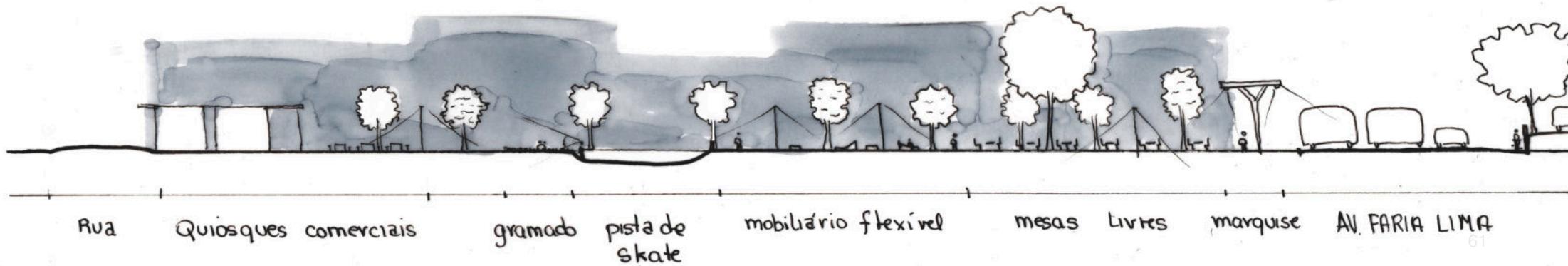
Na porção nordeste foram inseridos núcleos de estar intercalando a atividade de contemplação com o Lazer. Estão, portanto, localizados nessa porção um gramado a sombra de árvore, uma pista de skate, área para mobiliário flexível e extensão das mesas para uso dos Bares da região.

A indicação de mobiliário flexível e mesas de ping pong do coletivo "A Batata precisa de Você" foram mantidos na região próxima ao metrô e bicicletário, com adição de mesas de picnic e um canteiro com assentos, também com forração baixa e média.

Para conectar a saída do metrô com os pontos de ônibus da região foi criado um sistema de marquises com iluminação embutida, cujo desenho foi sugerido em croqui.



Gramado e Pista de Skate





Área Teodoro Norte

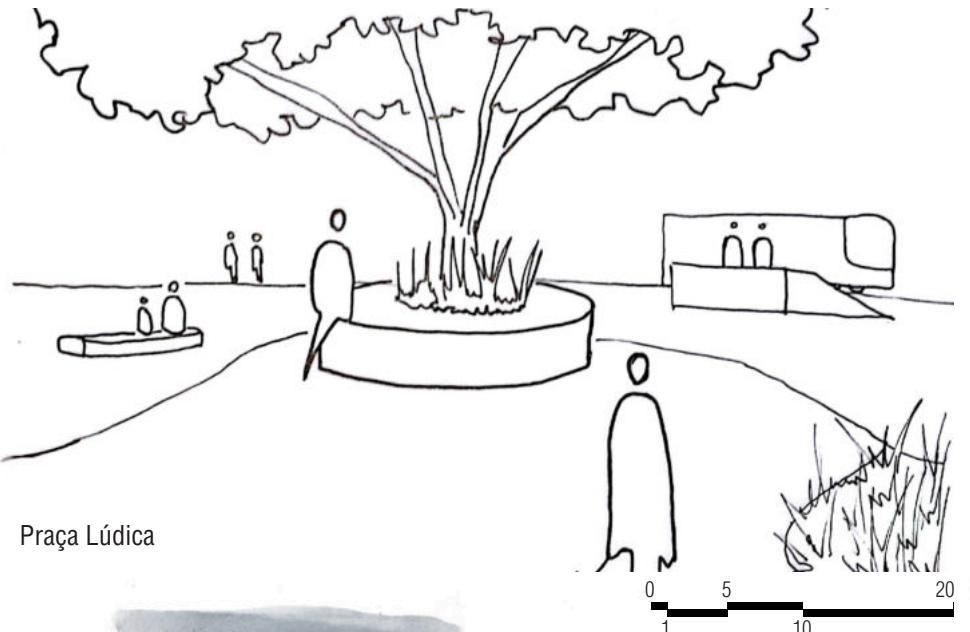
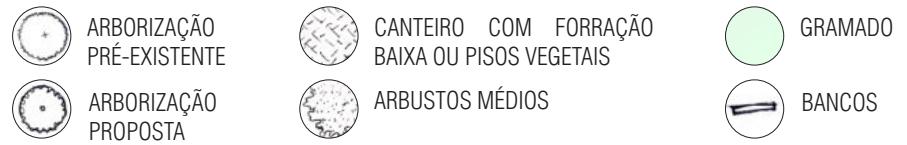
*Proposta em escala de trabalho no Anexo D

A praça lúdica foi mantida e ampliada, com sugestão de mais mobiliários lúdicos e a adição de uma árvore de grande porte com copa avantajada e densa. A sugestão é que seja uma espécie que possua bagas ou sementes e proporcione uma experiência sensorial para os usuários.

O perímetro da praça será delimitado por uma cerca baixa e grupo de árvores de porte médio e arbustos médios, gerando entradas específicas. O ponto de ônibus pré-existente foi alterado para a esquina entre a Rua Cardeal Arcoverde e a Rua Dr Manoel Carlos Ferraz. Uma cobertura interligando os pontos é proposta além de um módulo de apoio aos motoristas, pois esse é um "ponto final" de linhas.

Próximo aos pontos estão localizados quiosques comerciais e a área atualmente utilizada por ambulantes fica novamente disponível, dessa vez posta em destaque com a proximidade do vetor ponto de ônibus – Rua Cardeal Arcoverde.

Próximo ao mercado está indicada uma área para eventos "gastronômicos". Embora não seja o melhor termo, o objetivo é a criar uma infraestrutura elétrica que permita a existência de eventos relacionados à alimentação e estabeleça uma ligação com o Mercado de Pinheiros.



Praça Lúdica





Área Teodoro Sul

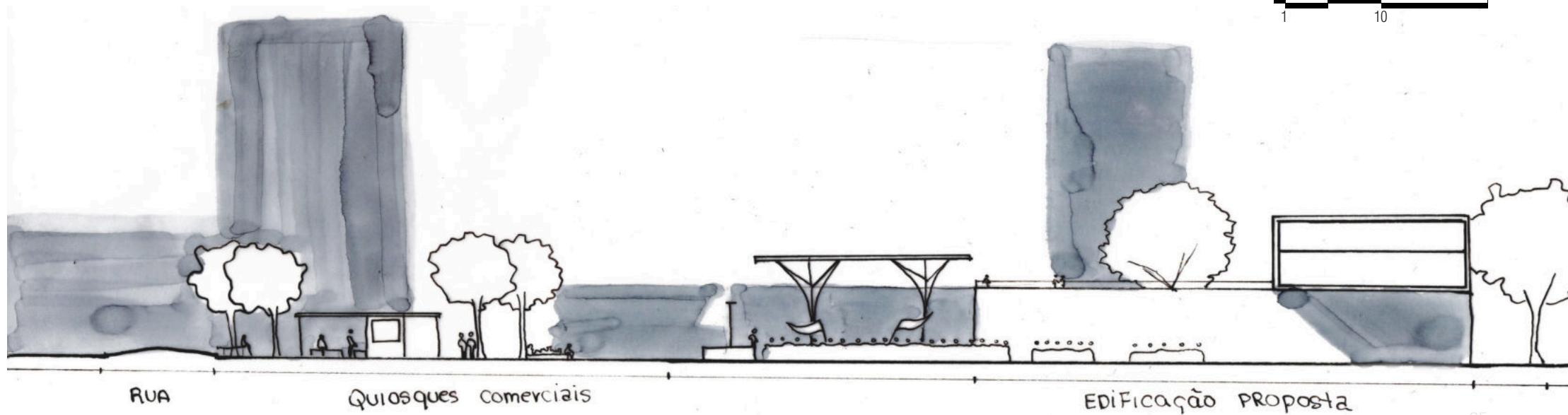
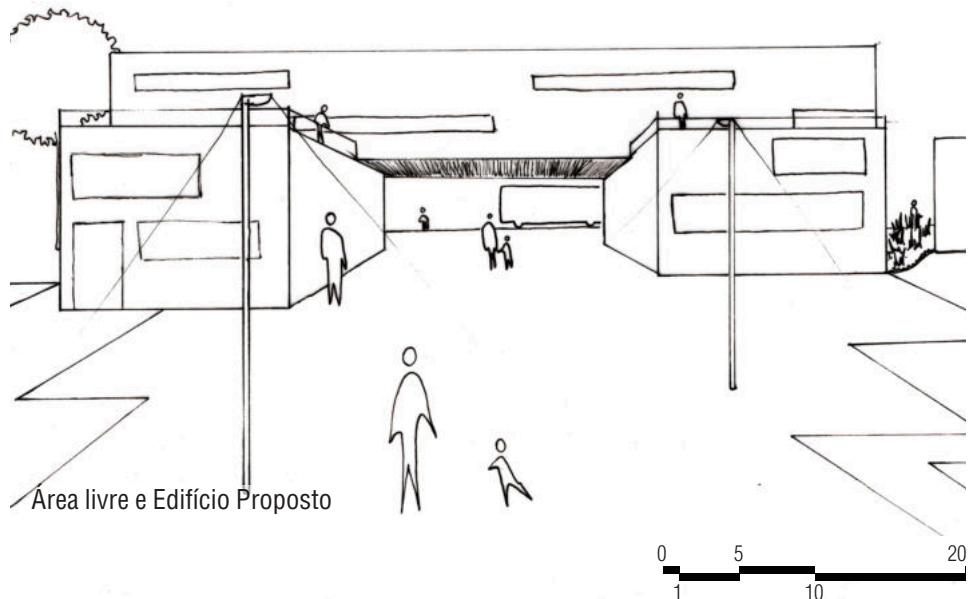
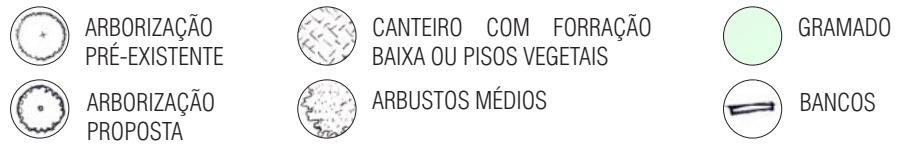
*Proposta em escala de trabalho no Anexo D

A principal intervenção dessa área é a proposta de uma edificação no antigo terreno da cooperativa agrícola de Cotia. O uso indicado é uma conjugação entre comércio, serviços e institucional,. Visando a manutenção de movimento durante a maior parte do dia com comércio e serviços e a utilização do potencial de marco para promover a discussão sobre o uso da cidade, com a criação de uma oficina ou biblioteca.

Como parte dessa edificação, uma grande área livre é criada como palco fléxivel para diversos acontecimentos. Em seu etorno estão localizados infraestruturas de apoio, como vestiários, comércio, área coberta, mobiliário flexível e a área de eventos gastronômicos. Seu uso não será especificado, mas seu motivo é a ação cívica e a possibilidade do cotiano.

De maneira a assumir o caráter cívico recorrente do Largo e a tensão entre cotidiano e esperorádico, é sugerida uma coloração diferente de piso, mantendo os módulos existentes, que esteja concentrada no Marco e se espalhe por toda o Largo.

A área arborizada próximo a Av. Faria Lima é retirada e dá espaço a outro sistema de marquises no vetor metrô Faria Lima - Pontos de ônibus.





Área Teodoro sul



Área central - Manifestação 2013

Conclusão

Esse trabalho é, sobretudo, um rito de aprendizado e compreensão para minha formação. De forma inesperada, foi um processo tanto intelectual quanto emotivo. Ao chamá-lo de “Espaço da Angústia”, faço referência não só às tensões encontradas ao me aproximar dos interesses de apropriação, como também à concepção desse tema.

Por se tratar de um trabalho individual, as estratégias de aproximação mostraram-se muito mais complexas do que o esperado. A abordagem e a criação de interesse no usuário, mesmo em um ambiente rico e diverso como o Largo, apresenta dificuldades e barreiras. Como abordado anteriormente, noto que a maior parte dos usuários não tem bases que os permitam compartilhar “suas dores”.

No entanto, essa falta de base não significa a inexistência de tais dores e, portanto, de carências reais relacionadas ao uso. Sua aproximação exige daqueles que farão propostas, arquitetos ou não, um arcabouço de estratégias dedicado à situação real. É imprescindível o conhecimento histórico das áreas a serem trabalhadas, como também não pode deixar de ser investigado sua vivência diária e compreensão por parte da população usuária.

Essa tarefa é complexa e exige empenho e entrega por parte dos propositores, além da necessidade de ser feita algumas vezes. É necessário reconhecer que aquele que propõe, assim como o historiador, está sempre envolto em um contexto e conjunto de crenças.

É nesse âmbito que escutar e observar de maneira descontraída o ambiente pode garantir uma leitura mais fiel de sua compreensão por parte dos grupos envolvidos. Ao ouvir as pessoas, é possível entender quais seus objetivos com aquele lugar e ao saber de sua profissão ou motivo de contato, entender porque precisam de tais objetivos.

Os grupos de interesses parecem sempre se tencionar. Se de um lado, os ambulantes gostariam de uma base policial no Largo, os usuários voltados ao uso cívico o preferem como está. Se por um lado é nítida a sensação de “vazio”, a apresentação de uma proposta complexa e dinâmica pode ser vista como um processo de gentrificação.

A análise e reunião dessas diversas opiniões é uma tarefa para além da democracia. Assemelha-se mais ao conceito de equidade e não deixa de representar uma escolha a ser feita por parte dos projetistas e propositores. Não é possível de forma simples resumir a opinião dos usuários em ambientes

complexos como o Largo, em virtude de seu caráter urbano e dinâmico.

Não há redução de porcentagem ou decisões niveladas. Ao afirmar a criação de um edifício, existe a escolha de impactar na paisagem e no cotidiano de um ambiente. Esse impacto deve ser pautado em sua viabilidade no contexto atual e no respeito à memória. A criação de “espaços de sucesso” não possui, como dito anteriormente, uma fórmula correta.

O objetivo de “apoiar a apropriação por parte dos usuários” se torna a busca por concretizar a transformação necessária de um lugar. A validade da execução de projetos em lugares públicos, visando “reconversão”, só se justifica e se sustenta como uma ação de concretizar e reafirmar as pré-existências da cidade e acolher o dinamismo urbano e seu caos.

Acredito que para o Largo da Batata antes de 2007, as carências não seriam muito diferentes das apresentadas no Concurso Nacional de Arquitetura. Como terminal de ônibus e ponto de concentração do comércio informal, esse ambiente necessitava de espaço amplo e infraestrutura para o grande número de pessoas.

Sua potencialidade para se transformar em um terminal intermodal se justifica por seu fluxo. A expansão do Largo, portanto, seria justificada. Mas os três elementos, comércio + transporte + densidade, seriam os pilares de proposição. Ao remover um desses elementos, o impacto na identidade foi drástico e levou a construção de um ambiente cuja memória não correspondia.

No entanto, por ser uma centralidade no bairro de Pinheiros, o Largo ressurge como reação às mudanças e confirma seu papel urbano. Ao não oferecer espaços de apropriação, o coletivo A Batata Precisa de Você resiste e incentiva a criação de um novo propósito. Ao oferecer somente o espaço, torna-se um palco para as aglomerações.

A convivência de tais grupos e a tensão entre o monumental e o cotidiano torna-se cada vez mais corriqueira e prova, novamente, seu caráter urbano e a pluralidade do Largo. Como cidade, revive após sua “inauguração”, respira e segue em direção à sua memória interrompida: a diversidade.

O papel público ao interferir nesse espaço, além de buscar garantir segurança, deve garantir a diversidade. Como praça urbana, sua função está ligada ao estilo de vida rápido. É resultado do fluxo de pessoas e delimitada pelo fluxo de veículos. Sobrevive a partir da flexibilidade e adaptação e tem “sucesso” a partir do encontro dessas atividades.

Dessa forma, a proposta final buscou diálogo entre o ato cívico e as ações diárias. Tenta sugerir um recanto de descontração contemporâneo, com espaço para o entretenimento e para a contemplação. Não a desliga do seu entorno, tentando tornar a transição entre a via e a praça mais delicada. Mantém sua visibilidade e existência e afirma suas transformações, agora enraizadas na identidade do bairro de Pinheiros.

Como arquiteta e pesquisadora, as carências levantadas e as respostas submetidas me surpreenderam várias vezes. Pude notar que pontos chave nos quais acreditei que seriam bem recebidos, foram questionados e sua crítica trouxe a compreensão de um novo interesse, um novo enredo e a desconstrução da estabilidade do desenho universal.

Por se tratar de uma praça contemporânea, foi surpreendente entender que o que se busca, além de sombra e praticidade, é a vida alheia. Não só é desejado vivenciar atividades nesse ambiente, como é exigido praticidade, organização e movimentação, mesmo quando não está sendo utilizada pelo usuário. É do interesse das pessoas ver o ambiente em uso por outras pessoas, o que traz novamente a necessidade de ser um ambiente plural e flexível.

Acredito que com essa experiência torno-me cada vez mais inclinada a criar ambientes acolhedores e a buscar essa característica em meus futuros projetos ou trabalhos. No entanto, deixo para trás a ingenuidade de generalizar o acolhedor e coloco de maneira crítica a busca pelo aconchego de cada um versus o equilíbrio que promova tensão e respeito. Reforça, portanto, uma percepção redobrada da realidade e o balanço entre o sujeito e o todo social.

Bibliografia

NELSON, Carlos. "Quando a Rua Vira Casa"

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. *Dimensões Públicas do Espaço Contemporâneo*. Resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros. Tese de livre-docência apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, 2012.

MASCARENHAS, Luisa Prado. *Reconversão Urbana do Largo da Batata: Revalorização e novos conteúdos da Centralidade de Pinheiros*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2014.

BARBOSA, Adriel Moreira. "Tempo e Lugar em Michel de Certeau" (2013).

CALDEIRA, Daniel Ávila. "Largo da Batata: transformações e resistências". Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para a obtenção do título em Mestre em Planejamento Urbano e Regional. Orientadora: Raquel Rolnik. São Paulo, 2015

URRUTIA, Veronica. "Gênero, Identidade e espaço público". Revista Gênero, v. 1, n. 2 (2001). Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2001.

HALPIN, Lawrence "The RSVP Cycles. Creative Processes in the Human Environment". New York: George Braziller, Inc. 1969. Pages 1 to 14.

RUPF, Lilian Dazzi Braga. "Lugares públicos: a dimensão cotidiana no centro de São Paulo." Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do Título em Mestre de Arquitetura e Urbanismo. Orientador: Prof. Dr. Eugenio Fernandes Queiroga. São Paulo, 2015

SANTOS, Milton. "A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção". São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. Quarta Parte - A Força do Lugar.

SP URBANISMO, Diretoria de Gestão das Operações Urbanas. "Operação

Urbana Consorciada Faria Lima" Cartilha de informação, Dezembro 2016

A BARATA PRECISA DE VOCÊ, "Ocupe Largo da Batata. Como fazer Ocupações Regulares no Espaço Público". Publicação oficial do Coletivo. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2015

ALMEIDA, Carolina Rattes La Terza de. "O espaço público como local a ser ocupado". Trabalho final de graduação - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Orientação Renato Cymbalista. São Paulo, 2014

COUBR Brasil, *Mulheres no espaço urbano: como fazer cidades melhores para elas?* – 4 de julho de 2016. Disponível em ARCHDAILY BRASIL: <http://www.archdaily.com.br/790741/mulheres-no-espaco- urbano-como-fazer-cidades-melhores-para-elas>

JACOBS, JANE. "Morte e Vida de Grandes Cidades". São Paulo: WMF Martins Fontes, 2000. Primeira edição publicada em 1961.

VITRUVIUS, Ata do Julgamento do Concurso de Reconversão do Largo da Batata (2002). Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/02.017/2143?page=5>

GEHL, JAN. "Cidade para pessoas". São Paulo: Perspectiva, 2014.
_____. "Life Between Buildings: Using Public Space". Washington - Covelo - London: Island Press, 1987.

MARCUS, Clare Cooper e FRACIS, Carolyn. "People Places. Design Guidelines for Uban Space" Second Edition. New York: library of Congress, 1998.

AMARAL, Antonio Barreto do Amaral. *O Bairro de Pinheiros*. São Paulo: Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 1969.

ASHIHARA, Yoshinobu. "Exterior Design in Architecture. Revised Edition." New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1981.

SUN, Alex. "Projeto de Praça". São Paulo: Editora Senac, 2008.

Lista de Imagens

- | | | | |
|------------|---|------------|--|
| Capa: | <i>Design: Mariane Martins</i> | Página 43: | <i>Ponto de ônibus Área central: Acervo Pessoal</i> |
| Página 15: | <i>Vista para a Igreja Nossa Senhora do Monte Serrat: Acervo Pessoal</i> | Página 47: | <i>Área Teodoro Norte: Acervo Pessoal</i> |
| Página 16: | <i>Largo de Pinheiros 1908; Mercado de Pinheiros 1920: MASCARENHAS, Luisa Prado. (2014)</i> | Página 48: | <i>Área Teodoro Norte; Área central – vista leste; Metrô – Entrada área central; Área Central: Acervo Pessoal</i> |
| Página 17: | <i>Largo de Pinheiros 1920; Largo de Pinheiros 1930: MASCARENHAS, Luisa Prado. (2014)</i> | Página 49: | <i>Área Central – Manifestação 2013: Arthur Lopes, disponível em Flickr https://www.flickr.com/photos/tucaphoto/9078838060/.</i> |
| Página 18: | <i>Largo de Pinheiros 1960; Terminal de ônibus 1991: MASCARENHAS, Luisa Prado. (2014)</i> | Página 66: | <i>Área Teodoro Sul: Acervo Pessoal</i> |
| Página 19: | <i>Vista área tirada em 200: GEOPORTAL (www.geoportal.com.br)</i> | Página 67: | <i>Área Central – Manifestação 2013: Carlos Alberto, disponível em Flickr https://www.flickr.com/photos/tucaphoto/9078838060/.</i> |
| Página 20: | <i>Cartilha OUC Faria Lima, capa e página 33: SP URBANISMO</i> | Página 79: | <i>Soteropolitano, Londrino, Morador, Corintiano e Suará; Móvel “A Batata Precisa de Você”: Acervo Pessoal</i> |
| Página 21: | <i>Perspectiva saída do Metrô: VITRUVIUS, 2002</i> | Página 80: | <i>Sófones e André; Sr. Almir: Arcevo Pessoal</i> |
| Página 22: | <i>Perspectiva Igreja: VITRUVIUS, 2002</i> | Página 81: | <i>Bancos Improvisados; Sr. Pedro: Acervo Pessoal</i> |
| Página 23: | <i>Perspectiva praça rebaixada: VITRUVIUS, 2002</i> | Página 82: | <i>Área Teodoro norte – ponto de ônibus; Praça Lúdica: Acervo Pessoal</i> |
| Página 24: | <i>Perspectiva prédio proposto: VITRUVIUS, 2002</i> | Página 92: | <i>Acervo Pessoal</i> |
| Página 26: | <i>Área da Igreja: Acervo Pessoal</i> | | |
| Página 28: | <i>Imagen com definição das áreas feita com base em Google Earth 2016.</i> | | |
| Página 29: | <i>Imagens Google Earth de 2004, 2008, 20012 e 2016</i> | | |
| Página 42: | <i>Área Teodoro Sul – Ambulante; Área Teodoro Sul: Acervo Pessoal</i> | | |

8 espaso da angústia
3 espaso da angústia
1 espaso de angustia

espaso da angústia

espaso de angustia

espaso da angústia

espaso da angústia

espaso da angústia

ep

ep

espaso da angústia

espaso da angústia

espaso da angústia

espaso da esp

epa

espaso da angústia

espaso da angústia

espaso da angústia

espaso da angústia

Anexos

A seguir estão os anexos que tentam resumir as principais atividades que foram vitais para compreensão desse trabalho. Assim como o resultado final é representado pelo processo, a intenção dos anexos é resumir as experiências e etapas de trabalho. Através deles o tema do trabalho se definiu e foi transformado na aproximação da apropriação do usuário, considerada como o “sucesso” dos espaços.

Durante o trabalho, a maior parte da pesquisa e desenvolvimento foram anotados em três cadernos, determinados “cadernos de TFG”, assim como toda a proposta foi feita à mão. Essa escolha foi pessoal e motivada pelo interesse em resgatar o exercício do desenho livre e como tentativa de me aproximar com mais cuidado e atenção do ambiente de estudo de caso.

Em virtude da escala “monumental” do Largo da Batata, procurei evitar a utilização de ferramentas como AUTOCAD para proposição, pois como não existiria um detalhamento mais aprofundado, a ferramenta poderia criar uma barreira de compreensão entre linha e realidade.

Anexo A: Estratégia de aproximação dos usos existentes no Largo – Primeiro Formulário realizado.

Anexo B: Transcrição da visita feita ao Largo da Batata em 20 de Maio (2016)

Anexo C: Estratégia de “feedback” para a primeira proposta para o Largo – Segundo Formulário realizado.

Anexo D: Proposta final em escala de trabalho (1:500) feita com base no Mapa da Cidade de São Paulo (2000) com alterações de viário e desenho de quadras com base em imagem área do Google Earth 2016. Elaborado em papel vegetal.

Primeiro Formulário

A enquete acerca do Largo da Batata surgiu como ideia para entender como seus usuários a utilizam e a compreendem. Para aproveitar a união entre o tema mais abrangente, a apropriação espacial, e o estudo de caso, a enquete foi elaborada visando descobrir quais os interesses do público e formular perfis de relacionamento com o espaço. O formulário online ficou disponível no período de 16 de Maio à 6 de Junho (3 semanas).

Abaixo, as questões apresentadas e um comentário dos objetivos das mesmas:

Qual é seu nome – Essa pergunta procurou transformar a enquete em um exercício mais casual com aqueles que a responderam. Nos resultados, foi extremamente útil para identificar uma característica que não se sabia que seria precisa: o gênero dos participantes.

Qual é a sua Idade – O interesse pela idade dos participantes era delimitar os grupos de relacionamento com a região, compreendendo que:

0-15 anos – Grupo de pessoas jovens que normalmente não estão no mercado de trabalho e se dedicam aos estudos e diversão vespertina

16-24 anos – Grupo de jovens “adolescentes” que estão parcialmente inseridos no mercado de trabalho e mesclam a vida social, acadêmica e profissional.

25-40 anos – Grupo de pessoas adultas, ativas no mercado de trabalho com tempo reduzido para lazer e recreação no geral.

41-60 anos – Grupo de pessoas estabilizadas que tem mais tempo para exercer tarefas de recreação em ambientes abertos.

61+ – Grupo de pessoas estabilizadas que tem mais tempo para exercer tarefas de recreação em ambientes abertos.

Qual é a sua ocupação/profissão – Objetivo de descobrir qual a área de atuação do entrevistado e tentar criar alguma relação entre suas necessidades apresentadas e sua profissão.

Com qual frequência você visita o Largo da Batata? – Objetivo de compreender o nível de familiaridade das pessoas que responderam e do lugar, considerando:

Não sei onde fica esse lugar! – Sempre existe a possibilidade de a pessoa falar pela fama do Largo, sem conhecê-lo.

Todo os dias (5 a 7 dias na semana) – Grupo de pessoas que tem alguma relação diária nas proximidades do Largo como trabalho, moradia ou estudo.

Moderadamente (1-4 dias na semana) – Grupo de pessoas que tem alguma relação frequente nas proximidades do Largo como estudo ou trabalho ocasional.

De vez em quando (Até uma vez por mês) – Grupo de pessoas que visita o Largo potencialmente pelo comércio, serviços ou conexões de transporte público.

Raramente (Menos de uma vez por mês) – Grupo de pessoas que visita o Largo potencialmente pelo comércio e serviços.

Porque você frequenta o Largo da Batata – Assim como a questão anterior, essa tem o intuito de dividir os grupos entre os principais elementos ícones que definem atualmente o largo: comércio e serviços, lazer ou transporte:

Eu moro perto do Largo da Batata (Arredores das ruas Teodoro Sampaio, Cardeal Arco Verde, Fernão Dias Pais Leme)

Como meio de transporte, para utilizar o metrô (somente).

Como meio de transporte, para utilizar o ônibus (somente).

Como meio de transporte, para fazer algum tipo de baldeação (somente).

Como destino, para estudar.

Como destino, para trabalhar.

Como destino, para lazer.

Cite três características boas do Largo – O objetivo de descrever ou citar as características do Largo era descobrir qual a memória que os entrevistados têm do mesmo e, portanto, as características mais marcantes desse local. Ao incluir tanto características “boas” quanto “ruins”, tentou-se evitar a manipulação inconsciente da informação daqueles que responderiam à enquete.

Cite três características ruins do Largo

Finalizando as questões que eram especificamente sobre o Largo, quatro imagens foram introduzidas com o intuito de compreender quais elementos

espaciais as pessoas procuram instintivamente em um ambiente aberto.

As opções 1 e 2 são exemplos de configurações urbanas. Por favor, escolha a melhor situação de acordo com sua opinião.

Entre as opções apresentadas, tentou-se sempre colocar elementos considerados “opostos”, ou extremamente contrastantes. Nesse caso, o contraste se baseia em um ambiente densamente arborizado com muitos assentos à sombra e razoavelmente distante das vias de carros (Opção 01) versus um ambiente mais amplo, com menos arborização e assentos formais, mas com disponibilidade de água ao alcance dos usuários e proximidade com as vias de carro (Opção 02).

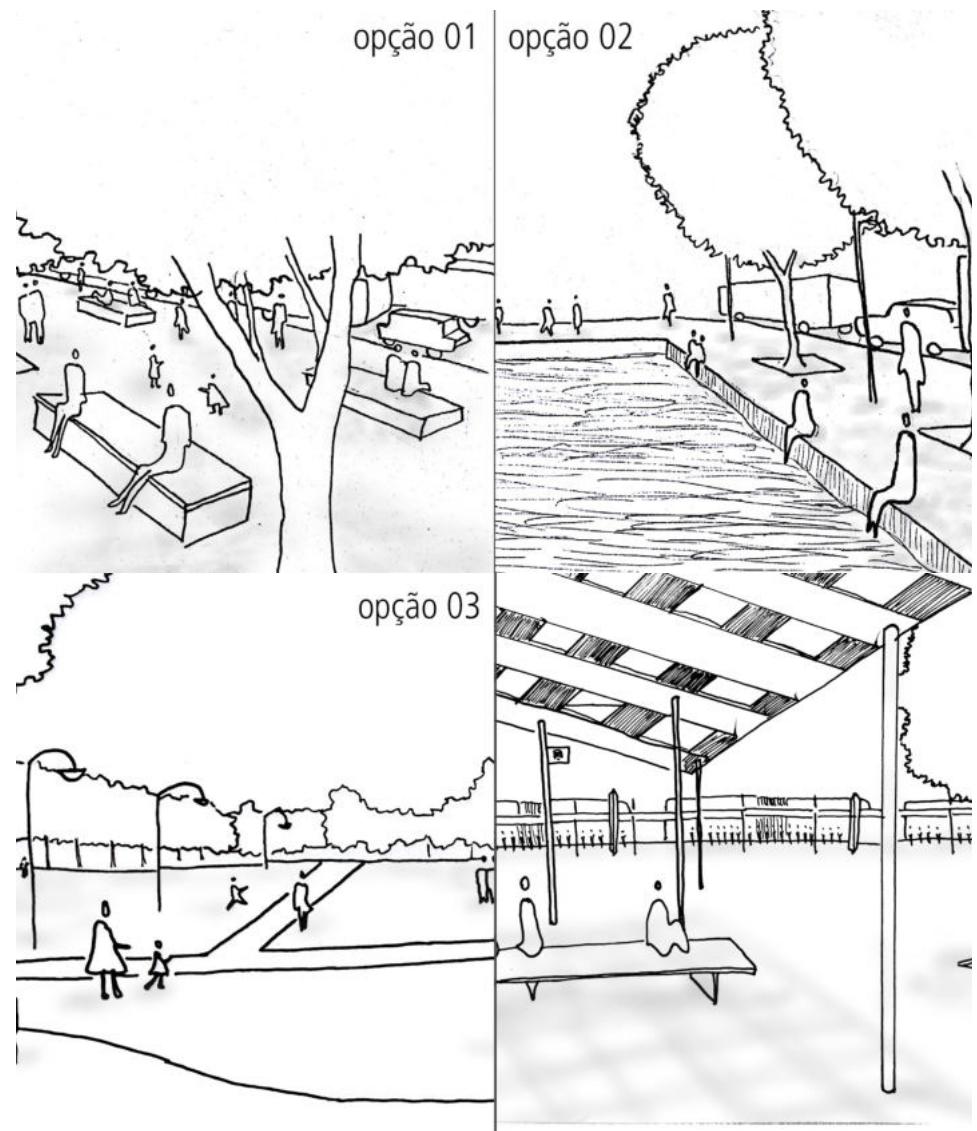
De acordo com sua escolha, qual sensação a imagem lhe transmite?

O objetivo de saber qual sensação as imagens transmitem é identificar os apelos que levaram à escolha de uma opção.

As opções 3 e 4 são exemplos de configurações urbanas. Por favor, escolha a melhor situação de acordo com sua opinião.

Nesse caso, o contraste existe entre um ambiente amplo, gramado, iluminado e cercado de vegetação distante das vias de carro que se assemelha a um parque urbano (Opção 03); versus um ambiente também amplo, mas sem tanta arborização com outros elementos arquitetônicos presentes e a visão do seu entorno viário. Existiu uma provocação de redesenhar a Batata atualmente na opção 04 (Opção 04).

De acordo com sua escolha, qual sensação a imagem lhe transmite?.



Resultados

A pesquisa ficou aberta durante três semanas e foi divulgada por meio do facebook, através da minha página pessoal, compartilhamento de amigos e a página da comunidade FAU USP. Através da pergunta acerca da ocupação, foi possível notar que os círculos de divulgação não abrangeram muitas pessoas fora do “universo” arquitetônico. Das 38 respostas, cerca de 30 se identificaram como arquitetos, designers, estudantes de arquitetura ou design.

Quanto à faixa etária, 20 pessoas pertenciam ao grupo de 16 a 24 anos e outras 15 pessoas ao grupo de 25 a 40 anos, também demonstrando o círculo (universitário) onde a pesquisa foi divulgada.

Quanto a frequência de contato, 16 pessoas (43,2%) afirmaram frequentar a Batata até uma vez por mês. Outros 29,7% frequentam menos de uma vez por mês. Portanto, a amostra da enquete possui um contato ocasional com a região.

Analizando-se os motivos apresentados e as características, é possível compreender que o principal motivo das visitas é como destino, para lazer (16). Seguido de pessoas que visitam o local para transporte público.

Entre as características, grande parte dos entrevistados afirmou que a diversidade e o movimento intenso de pessoas na região são fatores positivos. Pouca arborização, falta de assentos e amplitude do espaço são fatores negativos.

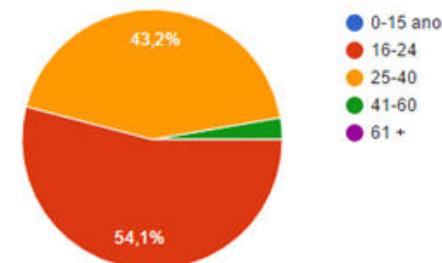
“Espaço amplo” ou “Espaço Vazio” foram consideradas referentes à mesma situação e apareceram tanto como fator positivo quanto negativo nos comentários dos entrevistados.

Outros comentários interessantes na enquete referem-se aos entrevistados que escreveram mais que características, citando as dinâmicas que vivenciam nesse espaço, tais como:

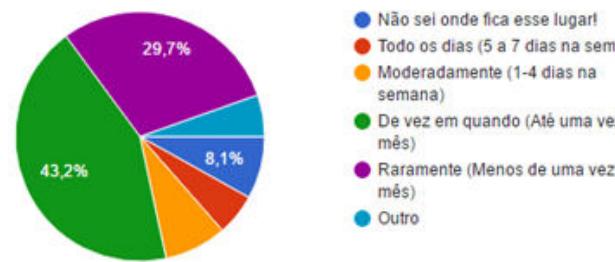
“O projeto da praça recentemente implantado no Largo em frente à Igreja e no entorno no metrô é árido e ruim. A limpeza Pública, tão necessária para uma área aberta tão extensa, é praticamente inexistente. As calçadas nas ruas dos entornos são muito ruins”

“É desagradável ter que cruzar aquela praça grande e “vazia” de coisas (não de pessoas). O projeto paisagístico é horrível, não tem vegetação

Qual é a sua idade? (37 respostas)



Com qual frequência você visita o Largo da Batata? (37 respostas)



Comércio	Transporte	Espaço Amplo/Grande
5	10	8
Bares	Movimento de Pessoas	Diversidade de algum tipo

Aridez	Insegurança	Falta de assentos
5	7	7
Limpeza	Pouca arborização	Espaço Amplo
7	15	7

e caminhos com cobertura. Uma vez peguei uma tempestade lá e todo Largo se abrigou em um bar

“[como fator positivo] Mobiliário da Batata precisa de você e bares.”

“Espaço interessante para fazer apresentações (localização, não tem tanto PM, mobiliário, a praça tem espaço suficiente para todo mundo, etc.)”

Em resumo, a demanda apresentada nos comentários reflete uma deficiência no desenho existente da Batata, que não apresenta coesão com seu entorno ou utiliza seu potencial. De acordo com a amostra, porém, essa diz respeito à composição arquitetônica do Largo da Batata, pois seu entorno continua interessante e atrativo devido ao comércio e movimentação de pessoas.

Na última parte da pesquisa, o objetivo foi identificar o que as pessoas buscam nos espaços abertos. Nas opções 1 e 2, houve uma divisão de 49 a 51 % entre as escolhas. As principais sensações preferidas podem ser reunidas em um grupo de *Tranquilidade = Calma = Relaxamento*, associadas com os ambientes arborizados e sombreados. Outro grupo pode ser reunido em *Convívio = Mais pessoas usando = Assentos de permanência*, demonstrando interesse pela convivência com a diversidade.

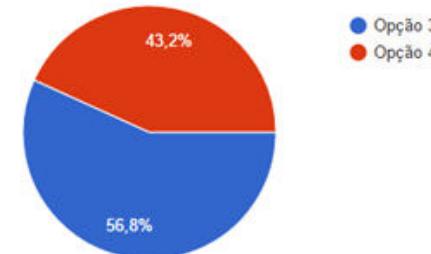
Nas opções 3 ou 4, a mais escolhida foi a imagem que se assemelhava a um parque urbano. As sensações transmitidas pela imagem foram de *Tranquilidade = Paz = Aconchego/Acolhimento*. A existência da arborização em primeiro plano e sua conformação como barreira entre o viário e o interior da espaço livre foi bem notada nos comentários.

Um dos entrevistados relacionou a pergunta das imagens a uma possível proposta para a Batata. Apesar de não ser caso, é interessante notar sua análise:

“Estou entendendo que é para escolher a melhor configuração para o largo, e não genericamente, certo? Sinto que o largo te um entorno muito urbano e movimentado, então não faria sentido tentar isolá-lo com um paredão de árvores, pois ainda assim com o metro e os ônibus dali, não se ficaria com a sensação de parque calmo e ver que que a opção 3

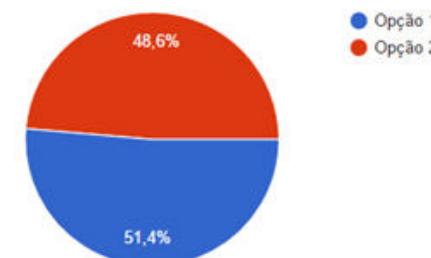
As opções 3 e 4 são exemplos de configurações urbanas. Por favor, escolha a melhor situação de acordo com sua opinião.

(37 respostas)



As opções 1 e 2 são exemplos de configurações urbanas. Por favor, escolha a melhor situação de acordo com sua opinião.

(37 respostas)



Entrevistas

me passa. Por isso escolhi a opção 4, que me lembra o centro de várias cidades europeias, movimentado, o largo sendo usado como um lugar de estar, ponto de encontro, pausa para descanso entre uma compra e outra, como se fosse uma área de lazer de um shopping, só que ao ar livre e público, que é tudo o que São Paulo não tem e precisa”

Comentário final (2016)

Acredito que a execução do formulário tenha sido crucial para entender como outros usuários se relacionam com o Largo e também para poder ampliar minha visão sobre o mesmo espaço. De uma maneira surpreendente, a descoberta da aceitação do Largo como local de entretenimento para jovens é um dado novo que chamou atenção para uma outra linha de ocupação que acontece à noite e aos finais de semana e com a qual não estava habituada.

O apelo pela melhoria do desenho desse espaço se confirmou com os comentários, mas acredito que a utilização de imagens pode sinalizar uma linha de atuação para questionários e definições do que as pessoas buscam por meio dos desenhos arquitetônicos.

Por meio desse questionário e das entrevistas informais conduzidas nas visitas de campo é possível, também, reconhecer quais os grupos sociais que utilizam essa localidade e quais os pontos convergentes das experiências que possuem.

Visita ao Largo da Batata dia 20/05 das 14:30 às 18:30 horas

Essa é a transcrição da primeira visita ao Largo da Batata com a intenção de observá-lo como estudo de caso. Era um dia de outono, um pouco nublado, com temperatura agradável. No geral, até as 17:30 se observou pouca movimentação no Largo. Conversamos com 14 pessoas nesse dia, das quais: 7 eram moradores de ruas que residiam ou passavam o dia no Largo, 2 vendedores ambulantes das barracas que sem encontram no Largo, 2 pessoas em descanso pós almoço e 3 pessoas à espera de ônibus.

O grupo da boa conversa

Logo que chegamos, devido ao tamanho e ao som metralhadora da câmera, fui abordada por um grupo de homens, aparentemente cerca de 30-40 anos. Eram 5 homens, quatro mais ativos e falantes e um mais calado. Esse era morador de rua há muitos anos e era retraído. Ao nos abordarem, falaram primeiro “Ei, vem tirar uma foto de nós. Alouuu, vem aqui!” e logo depois um deles, o qual infelizmente não me lembro o nome, disse em Inglês “Hey, americans! Take a Picture of us, come here!”

Nesse momento, respondi “Nós [Eu e meu namorado] somos brasileiros!! Querem uma foto?” e me aproximei do grupo. Infelizmente não tive a ideia de gravar a conversa com esses e as outras pessoas que entrevistamos nesse dia. As transcrições presentes nesse anexo foram feitas logo após a visita do dia 20.

Assim que nos aproximamos notei que um dos integrantes do grupo, o que falava inglês, era o mais comunicativo e desinibido. Nesse primeiro momento, ninguém se apresentou com nomes, por isso vou identificá-los com informações que deram.

O “londrino”, mais comunicativo, segurava uma Skol na mão e falava muito bem. Havia também o “soteropolitano”, um rapaz com aparência mais nova no grupo, e que logo disse que era da Bahia. Outro, “Suará”, fez logo uma piada dizendo que era do Sul, de Suará (Ceará). Outro rapaz com moletom preto, também mais retraído, disse que era de São Paulo mesmo e era corintiano.

Após essas apresentações, seguiu-se uma conversa intensa na qual o Londrino, Soteropolitano e Suará falavam um por cima do outro com diferentes ritmos. Expliquei que sou estudante e estou fazendo um trabalho sobre o Largo.



Londrino prontamente não se contentou com somente essas informações e perguntou entre português e inglês o que estudava, what it was about?. Continuei a apresentação como estudante de Arquitetura do último ano e que havia escolhido o tema “por que usamos os espaços” para estudar. O largo da Batata era um estudo de caso e estávamos ali aquele dia para fotografar o ambiente e conhecer seus usos.

“Ah! Então você precisa pesquisar sobre essa galera que faz umas coisas aqui... o” – “A Batata precisa de você!-“ soltei. “Sim, isso mesmo. Eles que colocaram esses móveis todos, o que mais gosto é aquele ali azul. É o mais bonito, mais arquitetônico”. Ele me perguntou if I have um título already, ao que respondi que não. A conversa continuou confusa, com todos falando e perguntando e eu sem saber a quem ouvir e responder. Londrino logo solto “Já tenho um nome! Batata Project, han?”.

O grupo era muito interessante. Estavam sentados junto aos móveis de pallets do coletivo “A Batata precisa de você” e um banco do projeto do Largo da Batata. Explicaram que passavam as tardes no Largo, “jogando papo fora pois não arranjavam emprego”. Somente dormiam na Batata à vezes. Nos apontaram seus papelões e cobertores encostados no bicicletário, os quais precisavam carregar consigo durante o dia.

Londrino logo começou a contar sua história. Falava muito rápido em português e Inglês. Disse que havia passado oito anos à trabalho em Londres e depois algum tempo em Paris. “He came back e since then”, não havia conseguido outro emprego. Iniciou o curso de gastronomia, mas foi preciso trancar quando não possuía dinheiro para pagá-lo

Nesse momento, Suará também contou um pouco de sua história. Estava ali há pouco mais de 3 meses, sua esposa o havia deixado e suas palavras e expressão eram sofridas. Enfatizou que eu podia sim tirar uma foto dele.

Londrino então começou a elogiar meu trabalho pois estava olhando para o Largo. Recomendou que eu nunca tivesse medo daqueles que moravam na rua. Existem pessoas com más intenções yes, but mostly of us are really nice people. You know? A maneira como trocava os idiomas e como conversavam, ávidos, me fez concordar profundamente com sua fala, ao que respondi, lembrando da nossa atual situação econômica: que a maioria é really nice people.

Ô, para de falar em Inglês! Dizia soteropolitano, ao que o Londrino se



desculpou, não conseguia evitar. I try to because they do not understand what I am talking, but you two do so... - Ô, para de falar da Europa! - Repetiam, enquanto ele continuava a contar histórias que viveu em Londres.

Em um momento em que a conversa (parecia) ceder, aproveitei e perguntei ao Soteropolitano, se ele pudesse, o que gostaria de mudar no Largo. Ele disse que nada, que era só levantar um palco e colocar bandas tocando dia e noite que estava ótimo.

Londrino mencionou sobre a área do Largo que fica mais próxima à Igreja, onde não há bancos ou árvores altas e prevalece uma sensação de vazio. Os outros concordaram com a cabeça, falando um por cima dos outros que faltavam árvores, que nas sextas e sábados à noite costuma ter apresentações musicais de alguém, que os dias de hoje estão muito difíceis.

Ainda sobre os móveis do coletivo, o grupo gastou mais uns cinco minutos explicando que a atuação “dos meninos [do coletivo] é algo muito bonito de se ver e dá vida para esse lugar”. “Sem eles, quase não tem onde sentar hoje em dia”. Perguntei como eram tratados pela comunidade próxima ao Largo, como a Igreja, o Policiamento ou os ambulantes. O morador de rua mais antigo, que não se apresentou, explicou que a Igreja ajuda aqueles mais carentes e também aproveitou para expressar sua gratidão. Preferiram não comentar nada sobre o policiamento ou os ambulantes.

Terminei a conversa para aproveitar o tempo bom e deixá-los em paz, ao que nos despedimos e eles continuaram as suas conversas. Quando fomos embora pouco depois das 18:30, notei que eles não estavam mais no Largo naquele momento.

O segundo grupo de moradores de rua entrevistado foi Sófones e Alexandre, que estavam sentados ao lado do Mercado de Pinheiros. Sófones era mais falante e explicou que havia se mudado de Belo horizonte há três anos para São Paulo ao “vir atrás de um amor”. Alexandre era da zona leste de São Paulo e não costuma ficar em um mesmo lugar por muito tempo, segundo o mesmo.

Não nos contaram onde dormiam e falaram pouco de suas vidas. Ao perguntar sobre mudanças para o Largo, Sófones citou maior arborização e lugares para sentar. Disse que “falta atividade dentro da praça, é muito parada”. Alexandre concordou, mas lembrou que ocorrem manifestações no Largo e, nesses momentos, “não é nada parado, vem gente de todo o canto e pode até ficar perigoso com a polícia”. Logo a conversa se encerrou, pois, ambos

disseram que precisavam ir à um compromisso “ali, mais pra cima”. Pediram que tirássemos uma foto deles e desejaram sucesso em meu trabalho.

Os vendedores

Efetivamente foram entrevistados dois vendedores da região, Sr. Almir, dono de uma barraca de artigos utilitários e Sr. Pedro, dono de uma barraca de ervas. Também conversei muito rapidamente com as pessoas que estavam em uma barraca de roupas próximo ao Mercado de Pinheiros e com um ambulante de bolsas próximo aos bares.

Esses dois últimos foram sucintos e informaram que não ficam sempre naquela região, variando sua localização com a própria rua Teodoro Sampaio ou a região central, como a República, em busca de mais movimento. “É preciso conhecer gente e atuar um pouco até você ter seu próprio ponto”, explicou um deles.

Sr. Almir

Após uma hora de fotos e andarmos pelo Largo, notando alguns trabalhadores uniformizados descansando nos móveis de pallets, outros deitados olhando para o céu e algumas pessoas a cruzarem o Largo, avistamos algumas barracas de ambulantes próximas ao grande terreno baldio na rua Teodoro. Estavam localizadas um pouco mais à frente da saída de metrô Faria Lima e se apoiavam nos tapumes improvisados que cercavam o terreno baldio da antiga cooperativa de Cotia. Lá estava a barraca do Sr. Almir.

Aproximei-me perguntando se poderia fazer algumas perguntas. Ele acordou com uma careta, estranhando nossa aproximação, uma câmera gigante e, acredito, temendo aborrecimento. Perguntei quanto tempo ele usava aquele ponto para sua barraca, “Aqui no Largo? Estou há 18 anos aqui”.

Quase não acreditei no que disse então repeti a pergunta “Está aqui no largo da Batata há 18 anos?” Ele concordou, explicou que antes ficava mais próximo da esquina da Av. Faria Lima com a rua Teodoro Sampaio. Acompanhou as obras de remodelação do Largo e me explicou como era o espaço antes, a existência do terminal de ônibus e a diferença na posição da Av. Faria Lima.

Nesse momento expliquei que era uma estudante e qual era meu





interesse na Batata. Ele começou a contar muitas histórias sobre seu negócio, ao passo que nos interessamos em saber como ele lidava com o carrinho à noite e a frequência de seus clientes. Disse que sempre foi regularizado, que seu carrinho ficava em um estacionamento durante a noite. Antes da remodelação, o carrinho ficava na rua. Havia muitos ambulantes naquela época, legais e ilegais, e eles pagavam para um segurança vigiar todos os carrinhos.

Explicou também que em frente ao seu atual ponto, na área próxima à rua Cardeal Arcoverde, havia uma pequena praça, muito diferente do que existia agora. Infelizmente nas imagens aéreas não foi possível localizar essa praça, somente a pré-existência de uma praça em frente ao Largo histórico de Pinheiros.

Nesse momento, perguntei o que ele gostaria de mudar no largo, se pudesse. A sua resposta não foi direta e causou uma longa conversação. Nos disse que antes da obra, com as calçadas mais curtas, havia uma passagem obrigatória de pessoas próximas aos limites do terreno baldio, então Cooperativa Agrícola de Cotia. As vendas eram muito melhores. A concentração de camelôs era tal que o comércio era intenso e atraia clientes além daqueles que passavam obrigatoriamente. Mas, “por ser muita gente passando – mais que na [rua] 25 de Março – existiam muitos roubos”.

Gangues que envolviam jovens, adultos e idosos se especializavam em furtar as pessoas sem serem notados, abrindo bolsas e roubando celulares, carteiras e etc.. Eram cerca de 6 pessoas, conhecidas por parte dos próprios camelôs e não eram denunciadas por medo. Os furtos aos próprios ambulantes eram mais intensos, também, pois a multidão que ficava próxima às barracas evitava o olhar mais cuidadoso das mercadorias.

Notei que enquanto conversámos, cerca de 40 minutos, ninguém se aproximou para comprar algum de seus produtos. Em sua barraca havia muitos artigos úteis, como facas de cozinha, facas de “indiana Jones”, trenas dos mais variados tamanhos, martelos, medidores de níveis entre outras coisas. Enquanto a conversa continuava e Sr. Almir contava das vezes infelizes que presenciou furtos e se perdeu no relato de um assalto que quase sofreu anos atrás.

Antes, com todo o movimento, havia a gangue. Mas também existia uma base móvel da polícia. Atualmente ele afirma se sentir “jogado”, pois todo aquele lugar imenso não é alvo de policiamento. Ao concordar, citei o problema que as fachadas dos comércios estavam muito distantes dos ambientes de estádia do

largo, ao que ele me respondeu que sempre foi assim, mas “faltava mesmo a polícia ali”. No entanto, como ele e o Sr. Pedro, dono da barraca de ervas, são os únicos fixos na região possuem amizade com os policiais das delegacias e comerciantes próximos.

Sem perder a pergunta que havia feito, ele recapitulou e levantou que, além da segurança, faltavam bancos também. Apontou os “bancos improvisados” nos quais as pessoas sentavam (apontando os móveis de pallets do coletivo A batata precisa de você). Lembrou que quando a reforma foi entregue não havia onde sentar na parte em que ele ficava.

Para ilustrar sua afirmação, nos mostrou alguns bancos de madeira precários feitos por parte dos próprios ambulantes que permaneceram na região e trouxeram madeiras para montá-los. Também disse que achava que as árvores eram “muito poucas e que as que existiam não cresciam por falta de cuidado da própria prefeitura”. Relatou que em frente à sua barraca, havia uma bela árvore, alta, que foi “mandada abaixo” ao ser atingida por um caminhão da prefeitura responsável pela manutenção da vegetação.

Antes de nos despedirmos, disse-nos que ficava ali até seis, seis e meia. Encerrava suas atividades junto com a luz do dia, porque considera o local perigoso à noite. Lembrou que nesse horário, ao anoitecer, o largo era tomado por “viciados” que ocupavam todos os móveis de pallets, os bancos dos pontos de ônibus e afugentavam o resto da população – que não os usava por esse motivo. Durante minhas visitas nunca presenciei tal “invasão”.

Minha última pergunta foi quanto aos lucros, ao que ele somente respondeu que era uma atividade trabalhosa, mas “que valia a pena” e “pagava pela vida que tinha”. O atual local em que está é visível dos pontos de ônibus o que garante suas vendas.

O segundo vendedor entrevistado foi o Sr. Pedro, mas esse falou muito menos com comentários muito sucintos. Somente se interessou em explicar que era um vendedor legalizado e que também estava ali antes “das mudanças no Largo”.

Lembrou que não existia a parte central entre a Av. Teodoro e a Igreja Nossa Senhora do Monte Serrat e a existência do Terminal. Contou que nessa época existiam muitos vendedores de ervas ali, “era uma especialidade da região”. Explicou que atualmente sua clientela é composta por pessoas fiéis aos seus produtos, “trazidos do Norte, nordeste e interior. Contatos de amigos”.

Também vende para curiosos que estão visitando o Mercado de Pinheiros ou esperando o ônibus. Disse que seus lucros “são bons, suficientes.”

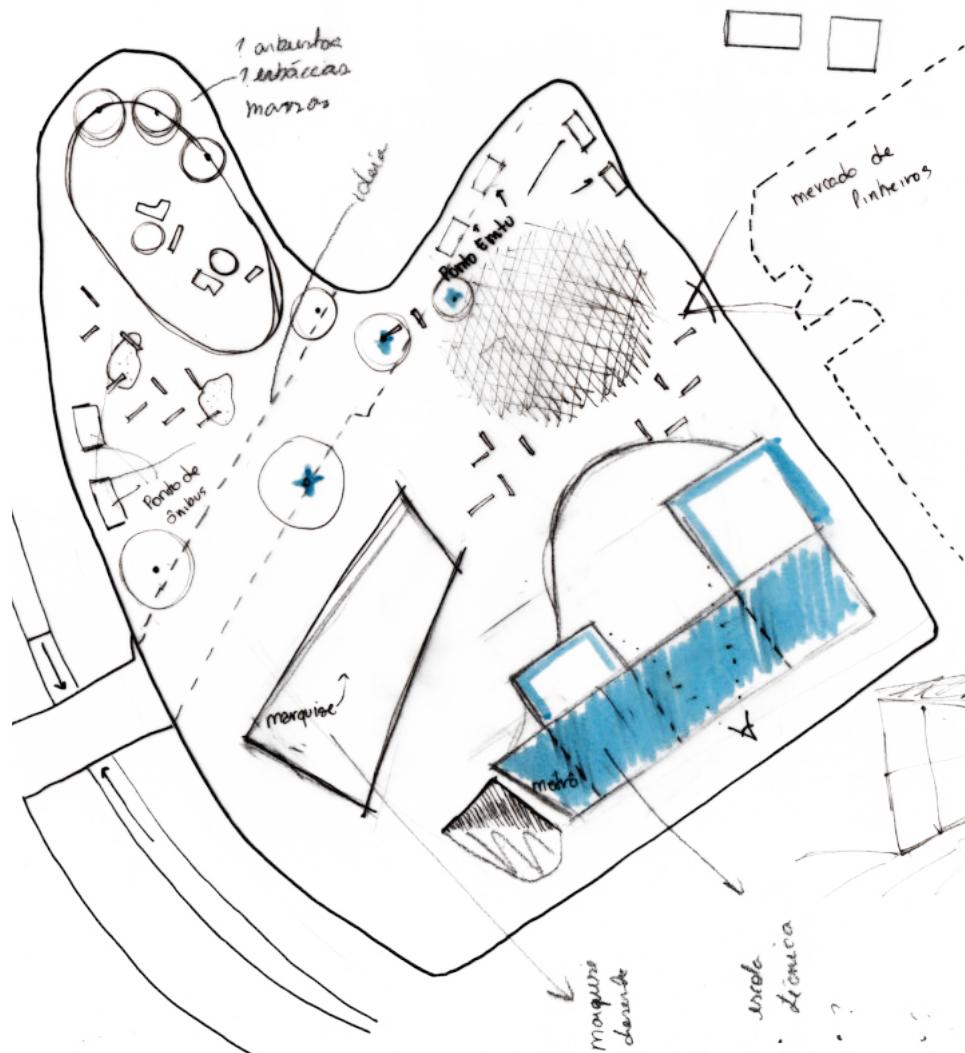
Entre as mudanças que vê para o Largo, mencionou mais assentos na região próxima à sua barraca e um melhor uso para o terreno vazio da antiga Cooperativa Agrícola de Cotia, além de mais policiamento. Usuários

As demais entrevistas foram rápidas, talvez por falta de tempo livre das pessoas. Conversamos com uma dupla de colegas de trabalho, Ricardo e André, que descansavam após o almoço. Primeiro explicaram que trabalham em uma loja de calçados na Rua Teodoro e almoçam “no segundo turno, às duas da tarde”.

Costumam trazer marmitas e almoçar na Praça Lúdica existente no Largo ou nas muretas próximas ao Mercado de Pinheiros. Sentem falta de um ambiente em que pudessem apoiar melhor os potes da marmita e mais árvores para sombra durante o verão. André também citou que “quando chove, esse lugar é uma tristeza. Não tem para onde correr”, pois ele faz uso de um dos ônibus intermunicipais que não tem estrutura de ponto coberta.

As pessoas com quem conversamos e esperavam ônibus também citaram a falta de cobertura nos pontos mais próximos a Av. Cardeal Arcoverde. No caso dos pontos situados na Av. Faria Lima, apesar de terem grande rotatividade de linhas, os usuários também mencionaram a baixa capacidade do ponto em relação ao número de pessoas, lembrando novamente dias de chuva

Segundo Formulário



Assim que as alterações propostas foram definidas de acordo com a primeira enquete, a opinião dos usuários foi novamente buscada. O material foi escaneado e os principais pontos de intervenção foram apresentados de três maneiras diferentes. A primeira abordagem foi através de outra enquete sobre o Largo da Batata, utilizada como uma estratégia de feedback à proposta criada.

O principal objetivo era testar as proposições feitas mediante as necessidades reconhecidas por meio das estratégias de aproximação (formulário online, entrevistas e visitas de campo) e, por meio das críticas, avaliar se essas conseguiram traduzir as necessidades dos usuários. O formulário visou neutralidade, de maneira a receber qualquer opinião interessada. Um painel na plataforma Pinterest foi criado como fonte extra de informação para aqueles que responderiam ao formulário online.

A estratégia de feedback online foi complementada com um questionário físico feito durante uma aula de TFG na FAUUSP (Maio 2017). Utilizei meu tempo para, ao invés de apresentar todo o TFG, apresentar de maneira resumida minhas motivações para esse trabalho e as propostas feitas para o ambiente, partindo do pressuposto que os outros alunos o conheciam no âmbito da vivência. No fim desse anexo é possível observar uma das fichas entregues aos alunos. Cinco pessoas retornaram o questionário com críticas e, diferente do formulário online, puderam fazer pequenas alterações nas plantas.

Por fim, as ilustrações foram impressas e oito pessoas entrevistadas brevemente em Junho (2017) no próprio Largo sobre a recepção de mudanças pontuais. Essa abordagem foi mais difícil do que as anteriores, pois demandou imaginação dos usuários e, portanto, estava dotada de uma subjetividade que não pude analisar propriamente.

Formulário Online

Abaixo, as questões apresentadas no formulário online e um comentário dos objetivos das mesmas:

Qual é a sua Idade – O interesse pela idade dos participantes era delimitar os grupos de relacionamento com a região, compreendendo que:

0-15 anos – Grupo de pessoas jovens que normalmente não estão no mercado de trabalho e se dedicam aos estudos e diversão vespertina

16-24 anos – Grupo de jovens “adolescentes” que estão parcialmente inseridos no mercado de trabalho e mesclam a vida social, acadêmica e profissional.

25-40 anos – Grupo de pessoas adultas, ativas no mercado de trabalho com tempo reduzido para lazer e recreação no geral.

41-60 anos – Grupo de pessoas estabilizadas que tem mais tempo para exercer tarefas de recreação em ambientes abertos.

61+ - Grupo de pessoas estabilizadas que tem mais tempo para exercer tarefas de recreação em ambientes abertos.

Qual é a sua ocupação/profissão – Objetivo de descobrir qual a área de atuação do entrevistado e tentar criar alguma relação entre suas necessidades apresentadas e sua profissão.

Com qual frequência você visita o Largo da Batata? – Objetivo de compreender o nível de familiaridade das pessoas que responderam e do lugar, considerando:

Não sei onde fica esse lugar! – Sempre existe a possibilidade de a pessoa falar pela fama do Largo, sem conhecê-lo.

Todo os dias (5 a 7 dias na semana) - Grupo de pessoas que tem alguma relação diária nas proximidades do Largo como trabalho, moradia ou estudo.

Moderadamente (1-4 dias na semana) – Grupo de pessoas que tem alguma relação frequente nas proximidades do Largo como estudo ou trabalho ocasional.

De vez em quando (Até uma vez por mês) – Grupo de pessoas que visita o Largo potencialmente pelo comércio, serviços ou conexões de transporte público.

Raramente (Menos de uma vez por mês) – Grupo de pessoas que visita o Largo potencialmente pelo comércio e serviços.

A primeira parte de perguntas visava identificar o grupo de amostragem. Na segunda parte foram apresentadas as propostas com a seguinte introdução:

“Abaixo está uma proposta geral para as três partes que constituem o Largo da Batata. As propostas foram baseadas nas necessidades apresentadas na enquete anterior (2016), com vocabulário adquirido através de Sun, Alex

(2008) e Ashinara, Yoshinobu (1981). É possível ver mais detalhes em <http://migre.me/wGIXH>, caso você queira. A ideia do formulário é apresentar os pontos chaves da proposta de intervenção e receber a sua opinião, como usuário, das mesmas. Não é preciso escrever muito, qualquer contribuição será muito bem-vinda e instrutiva. Para maiores informações: mariane.martins@usp.br”

Na sequência, foram apresentadas as áreas, uma breve explicação da intervenção e uma perspectiva com a mesma linguagem da primeira enquete. Após cada ilustração havia um campo para uma resposta curta com a questão “*Qual sua opinião sobre a proposta acima?*”. A intenção era obter as críticas mais diversas e não direcionadas possíveis, buscando avaliar qual a aceitação e como os usuários enxergavam a tradução de uma necessidade em um desenho propositivo.

Os pontos eleitos para caracterizar as propostas são:

Estrutura: Nome da área + conteúdo da ilustração + (descrição da imagem).

Área da Igreja – Travessias em nível (Adição de calçadas em nível, arborização e canteiros)

Área Central 01 – Área para manifestações, mesas de bar e mobiliário flexível (Adição de área levemente elevada para manifestações, arborização, mobiliário de bares e flexível (como o adicionado pelo coletivo A Batata Precisa de Você).

Área Central 02 – Quiosques comerciais (Criação de quiosques comerciais próximos ao bicicletário e metrô Faria Lima.)

Área Teodoro Norte – Praça com mobiliário lúdico (Manutenção e ampliação de praça existe com mobiliário lúdico)

Área Teodoro Sul – Edifício proposto. Uso educacional voltado ao técnico ou profissionalizante OU comercial e serviços. (Criação de um edifício com uso a ser definido.)

Resultados:

O formulário ficou disponível durante quatro semanas e foi divulgado por meio do Facebook na minha página pessoal e na comunidade FAU USP. Vinte e cinco pessoas responderam ao formulário, a maior parte está novamente relacionada à arquitetura, identificadas como arquitetos, estudantes de arquitetura ou design.

O grupo da amostra é semelhante ao da primeira enquete em faixa etária (24-40 anos), ocupação (Arquitetura) e frequência (ocasional, até uma vez por mês). Em idade, prevaleceu a faixa de 24 a 40 anos com 63,6% das respostas. A frequência de contato foi de até uma vez por mês (54,5%) seguida de moderadamente (18,2%) ou raramente (18,2%). Para as críticas, reproduzo abaixo aquelas que considerei mais construtivas para o desenvolvimento do trabalho:

Área da Igreja – Travessias em nível

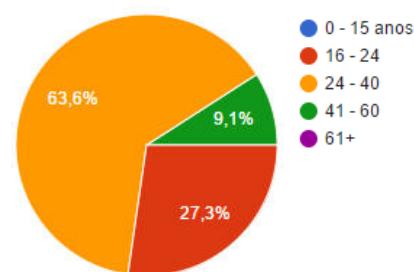
"wGostei da ideia, mas não tenho certeza se são necessárias tantas travessias. Acho que ainda faltam árvores e lugares para sentar "

"Acho travessias elevadas uma solução simples e que ajuda bastante na travessia de pedestres. Acrescentaria também alargamento do viário como medida de redução de velocidade. Sinto falta de árvores no largo da batata, então acho legal colocar mais árvores, mas eles devem estar acompanhados de boa iluminação."

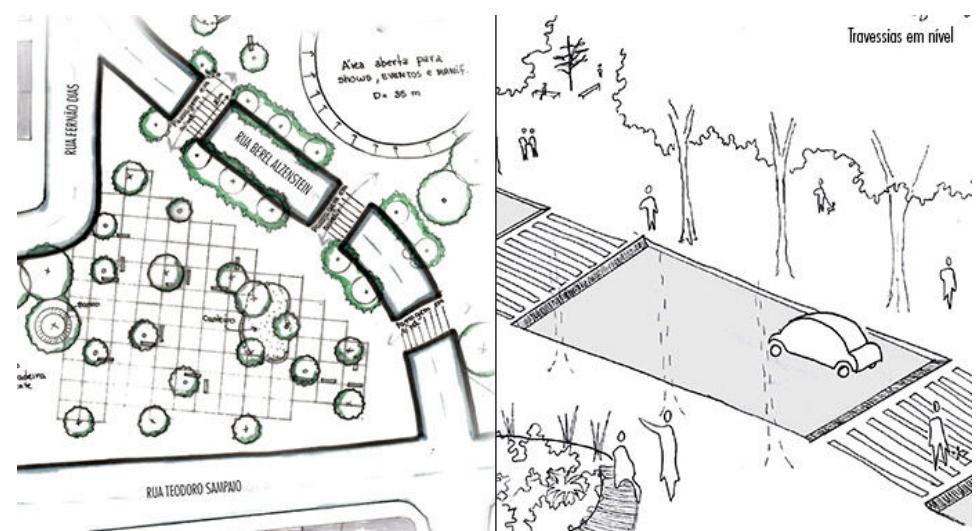
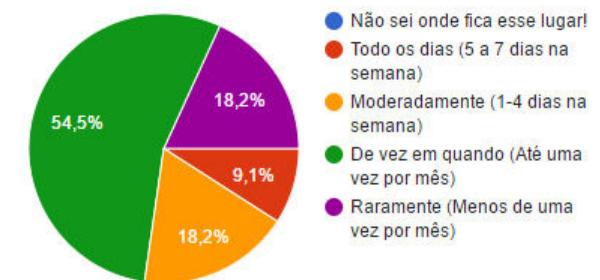
"Proposta muito boa. O largo realmente é muito descampado e precisa de mais sombreamento. Entretanto, fico curiosa para saber como ficaria a questão da segurança ao passo que as árvores também poderiam "dar mais cobertura" para algumas questões que já ocorrem nesse espaço."

"Trabalhei muitos anos na região e assim que abriram o metro Faria Lima. A proposta acima parece refletir tudo o que eu desejava na época. Árvores e bancos e faixas de pedestre

Qual a sua idade?



Com qual frequência você visita o Largo da Batata?



No geral a proposta de travessias em nível foi bem recebida por todos os usuários consultados. A maior parte dos comentários online afirmava sua existência, assim como os presenciais. Não houve grande discussão quanto a introdução de canteiros, somente alguns comentários de aceitação como “parece bom” ou “legal”.

A iluminação como fator de segurança foi lembrada por grande parte dos pesquisados. Também pude notar preocupação com os assentos não cobertos pelas árvores.

Surge a primeira tensão entre proposta e opinião dos usuários em um item “simples” como a questão de assentos sem cobertura. Cabe, portanto, ao projetista afirmá-las ou não com base em seu papel político e base especializada, o que não deixa de ser um risco. Prefiro manter, então, a decisão de deixar parte dos assentos descobertos. Essa escolha foi feita de maneira consciente, tendo em mente que não é durante todo o ano, como em cidades ao norte ou nordeste, que existe sol forte na cidade de São Paulo.

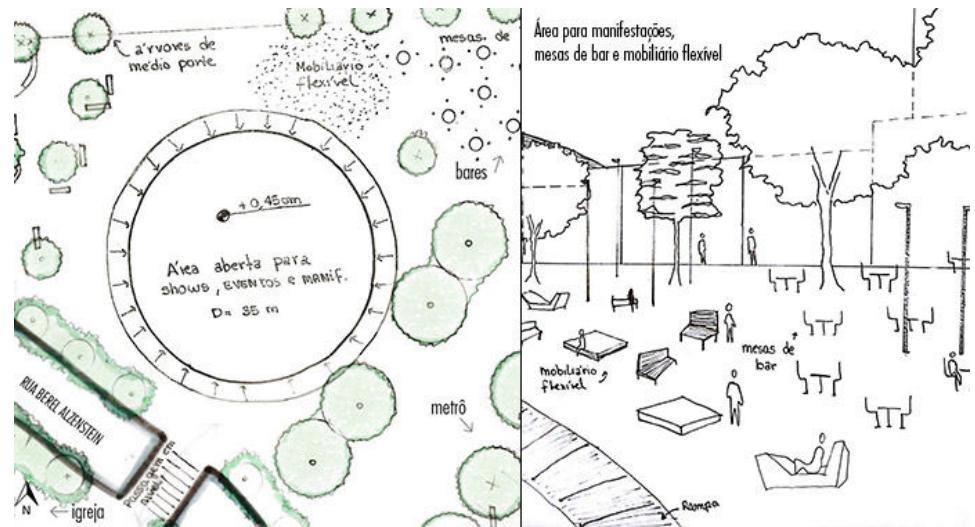
Área Central 01 – Área para manifestações, mesas de bar e mobiliário flexível

“Não entendi bem como funciona essa área elevada, mas a diferença não parece muito. Talvez fosse mais destacado usar uma cor de piso para isso. A ideia de mesas e mobiliário “flexível” (que são os pallets que existem lá?) é bem agradável e permite as pessoas se sentirem mais à vontade no lugar.”

“Gosto da possibilidade de mobiliários, mas talvez a Batata seja palco de tantas manifestações justamente pela ausência de tantos mobiliários.”

“Acho interessante a área para shows ou eventos, pois incentivará a existência dessas atividades na praça. As mesas e móveis de pallet existiam alguns meses atrás e eram muito utilizados já.”

“Sem dúvida, a mais importante é essa. O Largo da Batata tornou-se



palco de diversas manifestações culturais e políticas nos últimos anos para ser ocupada com intervenções rígidas e fixas. A possibilidade de mobilidade do mobiliário torna o lugar propício a diversas formas de usos. Não mais importante que a área aberta para a implantação de palcos provisórios durante o carnaval ou um comício, por exemplo”

A proposta de um marco para as manifestações com uma pequena elevação do piso não foi bem aceita pela amostra. Essa foi uma das questões que gerou maior discussão em todas as consultas feitas sobre a proposta inicial e grande surpresa para mim.

Emerge através desse ponto outra tensão, dessa vez gerada por parte dos usuários que reconhecem a sensação de vazio e desejam preenche-la com atividades cotidianas e os usuários que caracterizaram o Largo como Praça cívica a partir de 2013 e reconhecem o vazio como incentivador desse uso. O reconhecimento dessa tensão exige, mais uma vez, um posicionamento por parte do projetista que, apesar de embasado, possui um ponto de equilíbrio complexo e demanda um posicionamento político.

Área Central 02 – Quiosques

“Acho importantíssima a ideia de trazer comércios para perto do metrô, pois ativa a parte central do largo e melhora a sensação de segurança além de trazer mais opções para as pessoas que o frequentam.”

“Gosto da proposta sobretudo por poder dar uma oportunidade de legalizar uma forma de comércio que é bastante recorrente no largo, o comércio de comidas rápidas e de necessidades imprevistas.”

“Não gosto muito do formato dos quiosques e da marquise, poderia ser mais orgânico”

“Durante o final de semana o Largo continua um pouco vazio, então seria interessante criar um motivo para as pessoas visitarem o Largo além de relaxar ou ir ao forró.

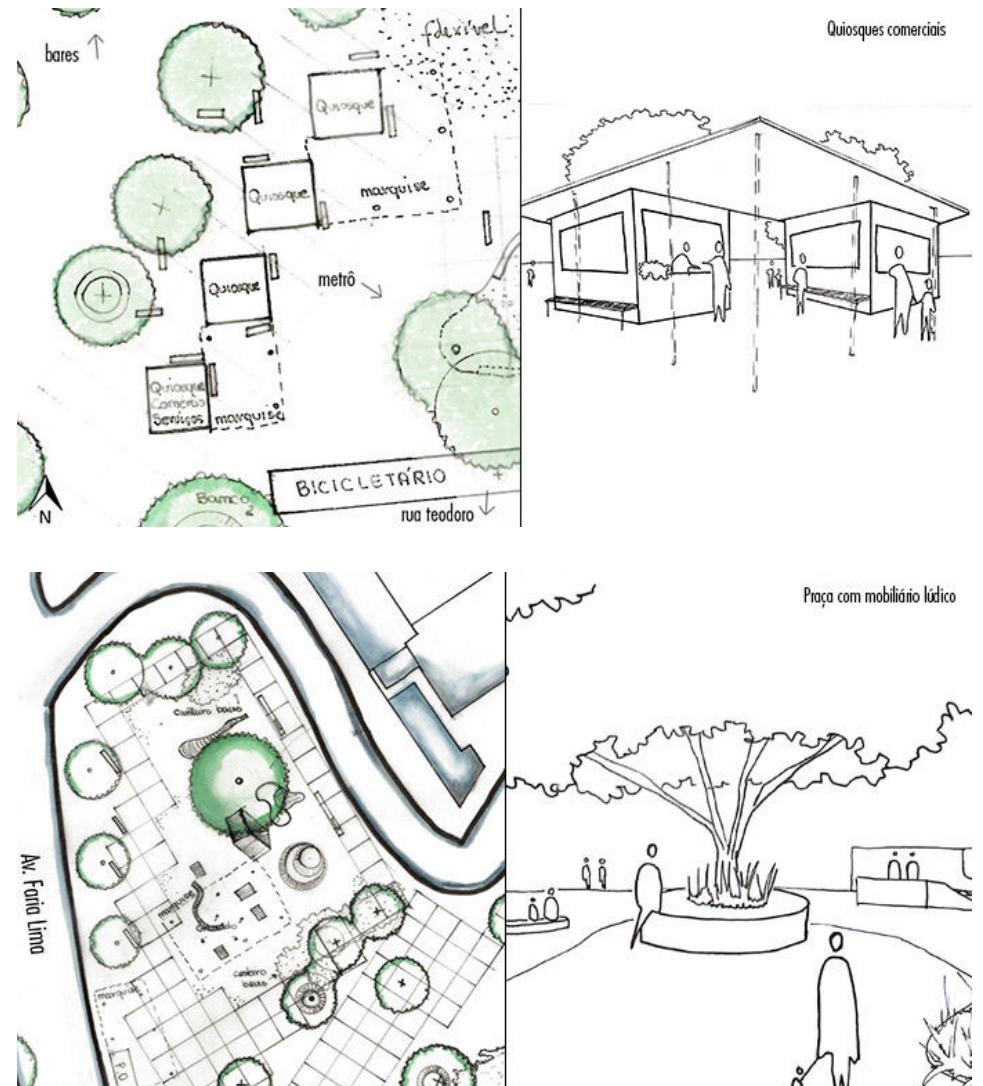
De maneira geral, a inserção de comércio dentro do Largo como tentativa de criar um enredo independente do entorno foi bem aceita pela maior parte da amostragem. As críticas quanto a sua localização estão relacionadas, novamente, à tensão entre uso cívico e uso cotidiano. Existe receio que a presença dos quiosques retire espaço do ato cívico.

Outro ponto interessante foi o pedido da ampliação das marquises para proteção da chuva, situação ainda não considerada a fundo. Algumas críticas relacionadas a definição da proposta em si foram feitas e aqui reproduzidas para, novamente, reiterar que não é intenção desse trabalho realizar um projeto de arquitetura e paisagismo para o largo.

Área Teodoro Norte - Praça com mobiliário lúdico

“Bonito! Os desenhos estão bem ilustrativos também. Mas em alguns recortes, principalmente nesse, tive dificuldade de localização. Talvez pela vista aérea.”

“Acho legal que a área é um pouco segregada e faz uma mini praça



mais “densa”. Só acho que deveriam ter uns quiosques ou algo que desse movimento porque essa região acho a pior de andar, em questão de segurança.”

“Gosto bastante da ideia. O mobiliário dessa praça poderia estar vinculado ao uso do edifício, produzido por esse uso.”

Embora tenha sido comentada assim como as demais, essa proposta recebeu muitas críticas de afirmação simples como “legal” ou “já existe assim, é muito bom”. Acima estão as três críticas mais úteis pois conectam o ambiente existente com outras carências observadas, tais como apoio a atividade de comércio dentro do Largo ou a proposta de edificação.

Aqui foi levantado no formulário online uma dificuldade vivenciada presencialmente no Largo durante as entrevistas: a linguagem de representação como barreira entre o arquiteto ou aquele que propõe e os usuários.

Foi perceptível nas consultas presenciais que a maior parte dos usuários não têm familiaridade com a linguagem utilizada na arquitetura. O croqui é a abordagem mais simples que encontrei para as entrevistas e, ainda assim, a compreensão espacial das alterações é baseada no subjetivo dos usuários.

Área Teodoro Sul – Projeto de edificação

“Tudo lindo pra promover uma baita gentrificação! Como vocês não vão deixar de se empenhar nisso, por favor, só não se esqueçam das árvores. É miserável ver uma praça sem árvores como aquela. A coisa do palco é legal pra perder a esquerda em um ambiente (relativamente isolado) da cidade, mas como isso já tem acontecido como um movimento natural dessa esquerda vida Madalena que domina os espaços de resistência uma vez que a periferia anda versando com o conservadorismo. Ok, é de vocês pra vocês e haja sorte para as pessoas de baixa renda (como pequenos comerciantes e prostitutas) que ainda moram lá. Vai ajudar bastante nas vendas de apartamentos naquele imenso prédio que edificaram ao lado do Sesc. Congratulations!”

“Interessante. Propõe uma atividade que estimule a permanência. O que

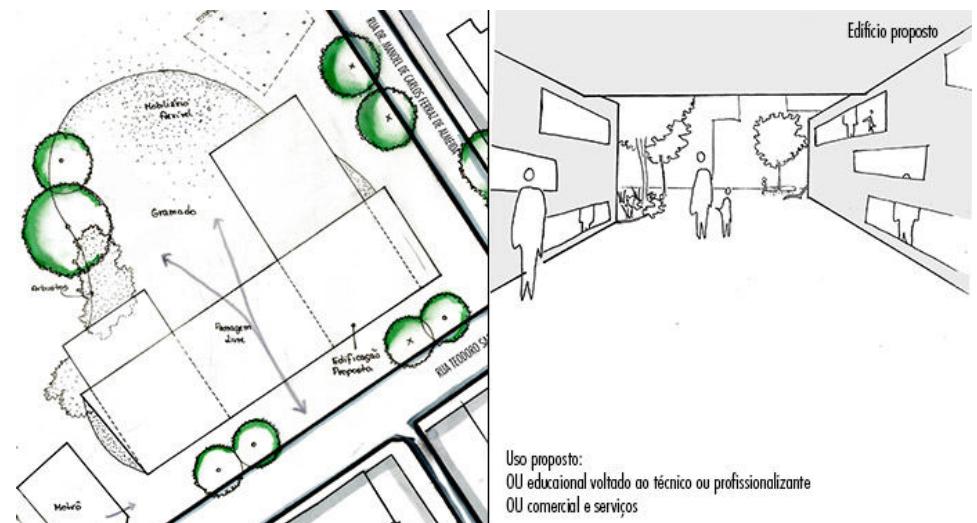
contribui para amenizar a sensação de vazio que se dá o tempo todo, mesmo com o grande número de pessoas que circula pela área.”

“Acho que o uso comercial e serviços seria mais bem-sucedido nessa área, poderia ter um bar ou restaurante com mesas na calçada e lojas com movimento de pessoas. Espero ter ajudado”

“Gostei do edifício e da fluidez trazida por ele, sua horizontalidade também é um aspecto importante tendo em vista o conceito de largo.”

“Seria ótimo preencher o espaço do terreno baldio que existe lá. Eu faço pilates perto da Teodoro no fim da tarde e na volta para o metro é difícil caminhar ao lado do tapume desse terreno.”

“O terreno que existe no lugar desse prédio está dessa maneira há anos. A rua Teodoro é muito movimentada e com bastante comércio e essa área é “mal aproveitada”. Acho que o uso poderia ser com lojas, como o resto da rua. Gosto do gramado, não existe nada assim hoje e ele fica longe



dos carros. ”

A construção de um edifício foi bem aceita pela amostragem. Foi surpreendente constatar, no entanto, que o uso preferido no formulário online é de comercial ou serviços, refletindo a existência da Rua Teodoro Sampaio. Nessa questão, também, encontra-se um dos comentários mais provocadores à proposta. Único comentário feito pelo usuário, esse ressalta a possibilidade de um processo de gentrificação e mantém a tensão entre o uso cívico e uso do cotidiano.

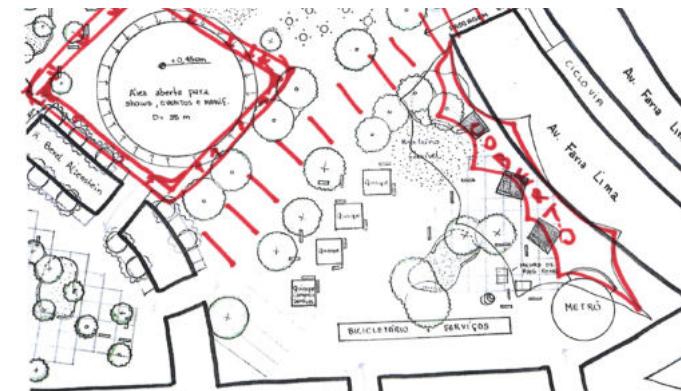
Entrevistas presenciais

As outras abordagens, em aula e em campo, foram sucintas em virtude do tempo disponível por parte dos entrevistados. Durante a aula utilizada na FAUUSP, o interesse principal foram a proposta de travessias em nível na Av. Faria Lima, a área para manifestações e a criação de marquises que auxiliassem percursos estratégicos durante dias de chuva. Foi sugerido que a “área para manifestações” poderia gerar a ideia de circunscrever o ato político de manifestação, ao invés de incentivá-lo, o que é confirmado pela tensão observada no formulário online.

Nas entrevistas em campo as propostas foram bem aceitas, gerando comentários de afirmação. A proposta mais comentada foi a inserção de um edifício no antigo terreno da Cooperativa Agrícola de Cotia. Diferente do formulário online, as pessoas entrevistadas sugeriram usos mais diversos, tais como “escolas profissionalizantes”, “biblioteca para a população” ou “centro cultural”, além de menções ao uso comercial “como na rua Teodoro”.



área CENTRAL



Principais propostas:

Travessias em nível para unir as áreas central e Igreja.

Reforçar conceito histórico do trânsito da Av. Cardoso Arcoverde

Exemplo de ficha presencial

Comentários (muito bem vindos!)

A MINHA SENSAÇÃO É QUE O LARGO É UM RESPIRO NO “CENTRO” DA CIDADE QUE DEVERIA ATENDER AS DEMANDAS POR ESPAÇOS LIVRES COMO A PAULISTA NOS DOMINGOS, MAS NÃO ENTENDO PORQUE ELE ACABA FUNCIONANDO COMO UM LUGAR ABANDONADO.

TODO PARQUE MARIO COVAS





área TEODORO



Principais propostas:

Criação de uma edificação.

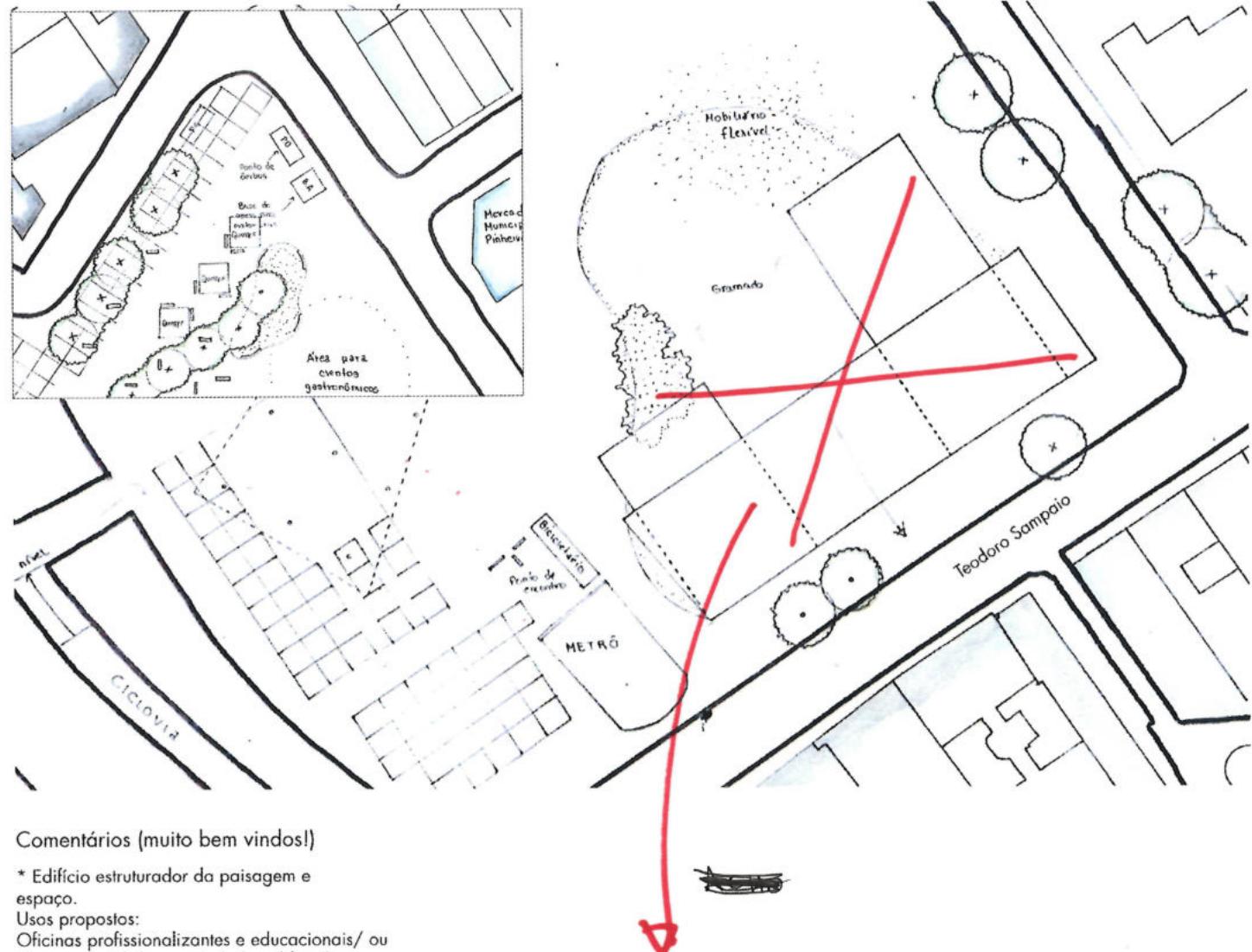
Continuação do eixo histórico
Cardeal Arcoverde. **NICE**

Visão livre do Mercado Municipal e
destinação de uma área para enven-
tos "gastronômicos" **NICE**

Estruturação das linhas de ônibus
municipais e intermunicipais.

FUNDAMENTAL

O ESPAÇO DA ANGÚSTIA - TFG 2 → OS PONTOS DA MAINEIRA ATUA SÃO MUITO CONFUSOS



Comentários (muito bem vindos!)

* Edifício estruturador da paisagem e
espaço.

Usos propostos:

Oficinas profissionalizantes e educacionais/ ou
Uso comercial de propriedade pública/ ou
Centro cultural.

**VALORIZAR O VAZIO QUE É RUA
E PROPORCIONAR ESSA VISUA DE RESPIRO
NUMA REGIAO TÃO SATURADA DE EDIFÍCIOS**

**• MAS PODE TER VARIO EQUIP. PRA USO AO
AR LIVRE**

área TEODORO



- Eu amo o mundo! Eu detesto o mundo!
Eu creio em Deus! Deus é um absurdo!
Eu vou me matar! Eu quero viver!
- Você é louco?
- Não, sou poeta.

Mario Quintana

